

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

GABRIEL EIGENMANN CARVALHO
GABRIEL ESTEVES

AIUÊ! FALANDO EM CONTISTAS AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

FLORIANÓPOLIS

2017

GABRIEL EIGENMANN CARVALHO

GABRIEL ESTEVES

AIUÊ! FALANDO EM CONTISTAS AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 9º período do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS

2017

*Dedico este trabalho à minha avó, Isabella Claire Eigenmann,
que com paciência e carinho ouviu minhas queixas e aquietou
meus ânimos.*

(Gabriel Eigenmann de Carvalho)

Ao professor Tomás, sem quem eu seria arquiteto.

(Gabriel Esteves)

AGRADECIMENTOS

Às amigas íntimas, pela ajuda e pelo ouvido cúmplice.

À minha irmã, Valentina Eigenmann Draghi, pelas ligações a respeito de suas traquinagens.

À professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, pela preocupação, pela orientação e, principalmente, por seu profissionalismo em relação à minha formação enquanto profissional.

Gabriel Eigenmann de Carvalho

À minha mãe, berço de inesgotável estabilidade e conforto.

Às minhas árvores, por me ensinarem a ser humilde e reclinar nas ventanias.

À professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, pela atenção extraordinária.

Agradeço.

Gabriel Esteves

Perfer et obdura: dolor hic tibi proderit olim.

Ovídio

*vai chegar a todos. é tempo. é tempo. um dia
seremos cidadãos de um mesmo mundo.*

Valter Hugo Mãe

RESUMO

Este relatório final de estágio docência pretende discutir as experiências vivenciadas pelos graduandos Gabriel Eigenmann Carvalho e Gabriel Esteves durante o período de estágio realizado no Colégio de Aplicação da UFSC, durante o primeiro semestre de 2017, como parte da disciplina obrigatória do curso de letras-português, Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II (MEN 7002), sob orientação da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz. Ao longo do semestre, os professores-estagiários elaboraram um projeto de docência destinado ao estudo de contos escritos por autores africanos (principalmente angolanos), ora enfatizando as produções do ponto de vista estrutural, ora do ponto de vista dialógico, ora da perspectiva temática. O projeto docência destinado à sala de aula considerou as especificidades da turma 1C, do 1º ano do ensino médio, assim como a política metodológica da escola, os documentos oficiais e as demandas da instituição para elaborar uma sequência de atividades voltadas ao estudo e escrita de textos do gênero conto, trabalhando conceitos como coerência, coesão, tempos verbais, escolhas estilísticas, efeitos de sentido etc.

Palavras-chave: estágio docência; relatório final de estágio; conto; Angola; ensino médio; ensino de língua.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	10
2.1. A ESCOLA	10
2.2. TURMA E PROFESSORA	11
3. PROJETO DE DOCÊNCIA	13
3.1. PROBLEMATIZAÇÃO	13
3.2. TEMA E JUSTIFICATIVA	16
3.3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
3.3.1. Concepção de linguagem e ensino de língua.....	19
3.3.2. Concepção de sujeito	22
3.3.3. Concepção de professor e aula	24
3.3.4. Avaliação	28
3.4. OBJETIVOS.....	30
3.4.1. Objetivos Gerais	30
3.4.2. Objetivos Específicos	30
3.5. CONHECIMENTOS ABORDADOS	31
3.6. METODOLOGIA.....	31
3.6.1. Aulas	31
3.6.2. Cronograma das aulas.....	36
3.6.3. Recursos materiais.....	40
3.7. PLANOS DE AULA.....	40
3.7.1. Plano das aulas 1 e 2.....	41
3.7.2. Plano da aula 3	47
3.7.3. Plano das aulas 4 e 5.....	50
3.7.4. Plano da aula 6	61
3.7.5. Plano das aulas 7 e 8.....	66
3.7.6. Plano das aulas 9 e 10.....	77
3.7.7. Plano da aula 11.....	99
3.7.8. Plano das aulas 12 e 13	103
3.7.9. Plano da aula 14.....	131
3.7.10. Plano das aulas 15 e 16	135
3.7.11. Plano das aulas 17 e 18	145
3.7.12. Plano das aulas 19 e 20	149
3.7.13. Plano das aulas 21 e 22	157
3.7.14. Plano das aulas 23 e 24	162
3.7.15. Plano das aulas 25 e 26.....	166

3.8.	REFLEXÃO DA ATIVIDADE DOCENTE NO ENSINO MÉDIO.....	171
4.	VIVÊNCIAS NA ESCOLA.....	181
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185
7.	ANEXOS.....	189

1. APRESENTAÇÃO

Este relatório final de estágio docência pretende discutir as experiências que vivenciamos enquanto professores-estagiários da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II (MEN 7002) – disciplina obrigatória do curso de letras-português da Universidade Federal de Santa Catarina – no Colégio de Aplicação da UFSC, sob orientação da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz.

Na segunda seção, *descrição do espaço escolar*, apresentamos nossa descrição do ambiente em que trabalhamos, assim como da turma (1º ano C), da professora regente de língua portuguesa e da relação que mantem com os alunos.

A terceira seção, responsável pela discussão dos planos e resultados obtidos na docência em sala de aula, apresenta nosso referencial teórico, assim como todo o nosso planejamento para ministrar as 26 aulas de Língua Portuguesa e a decorrente reflexão acerca desse processo.

Na quarta seção, *Vivências na escola*, refletimos acerca do papel do professor no ambiente escolar para além da sala de aula e as implicações disto no trabalho de classe, considerando as várias funções que desempenha e os projetos dos quais fomos convidados a participar, enquanto professores-estagiários imersos na escola.

Na quinta seção, *Considerações finais*, apresentamos as implicações da experiência de estágio em nossa formação de professores de língua portuguesa e literatura.

Todo nosso trabalho foi elaborado com a maior dedicação e esforço de que dispúnhamos e, se a nós serviu de grande experiência e tópico de reflexão, esperamos que aos leitores que também sobre este documento se debruçarem calhe o mesmo.

2. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

2.1. A ESCOLA

O Colégio de Aplicação está localizado numa das extremidades da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ainda vive um bosque dos tempos em que era uma zona rural – dele as crianças fizeram espaço de brincadeiras e lendas, e os adultos fizeram espaço de projetos. Ali nasceu o colégio em 1961, chamado Ginásio de Aplicação, com o objetivo de “servir de campo de estágio destinado à prática docente dos alunos matriculados nos cursos de Didática (Geral e Específica) da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF)” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p. 3). Quase meio século depois, o Colégio de Aplicação (obteve este nome em 1970) ainda abriga estudantes do ensino fundamental ao superior, característica que percebemos pela dinâmica especial, pelo ir e vir de estudantes em tantos níveis diferentes, como não havíamos encontrado em nenhuma outra escola do município.

Em outros tempos fora menos sisudo, mas hoje o colégio possui um controle rígido de segurança: alunos, professores e visitantes só podem entrar pela mesma via, e todos devem prestar contas às guardas, depois de galgados os degraus. A abertura sofrida pelo CA nos últimos anos, de um colégio reservado a filhos de funcionários da universidade para um colégio aberto à comunidade (via seleção por sorteio, desde 1992), aliada ao seu crescimento em fama e espaço, naturalmente levaram à preocupações compreensíveis.

Atualmente o colégio conta com quatro grandes blocos, de acordo com o PPP de 2012, embora outras várias salas se agreguem pelo terreno acidentado. Ainda assim, o espaço não é bastante para agregar simultaneamente a todos os alunos do primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro do médio, resultando num rodízio de salas entre a manhã e tarde. Quanto à administração, conta hoje com a professora Josalba Ramalho Vieira na direção geral e com a professora Marina Guazelli Soligo na direção de ensino. O corpo docente, por sua vez, conta com 110 profissionais (entre os quais apenas 4 são substitutos) para anteder desde alunos do primeiro ano do ensino fundamental, até aqueles cursando o terceiro ano do ensino médio – desde 1992, cada série conta com três turmas, A, B e C¹, totalizando 38 turmas com 25 alunos em cada uma (ibid., p. 3) –. As condições não são apenas favoráveis em sala de aula: como estudantes da universidade, os alunos contam com uma biblioteca riquíssima

¹ De acordo com o PPP do colégio (p. 12), cada turma corresponde a uma proposta pedagógica: a metodologia da turma A é fundada no *construtivismo*, a da turma B adota *perspectivas teóricas diversas* e a turma C é fundada na *pedagogia de projetos*.

(atrelada à biblioteca central do próprio campus), além de uma série de outros espaços como salas multimídia, laboratórios para todas as disciplinas, auditório, salas do grêmio estudantil etc. De fato, com exceção do Instituto Federal, não conhecemos outra instituição pública de ensino com qualidade física equiparável à do Colégio de Aplicação: cabe aos professores se atualizarem e conhecerem os espaços, a fim de explorar o potencial máximo da escola.

2.2. TURMA E PROFESSORA

Trabalhamos, durante o período do estágio II, com a turma C do 1º ano de ensino médio, constituída por 25 alunos. Como em quase toda sala de aula, os alunos se organizam por afinidade e hábito, criando um espaço que pode ser dividido em subgrupos. Não percebemos, no entanto, uma segregação saliente nesta sala: os alunos conversam e trabalham frequentemente com seus vizinhos, mas não deixam de conversar com aqueles geograficamente mais distantes (alguns alunos, inclusive, se sentaram ora numa extremidade da sala, ora em outra). Devido ao sorteio que faculta a entrada no Colégio de Aplicação, os alunos vêm dos mais diversos lugares e têm na escola o único espaço comum, de sorte que não compartilham muitas informações acerca da vida exterior à rotina escolar.

Em relação à professora Nara Caetano Rodrigues, os alunos demonstram uma relação cordial e por vezes carinhosa (talvez por conta de sua postura em sala, mais informal que o contrário). Durante as aulas observadas, a professora pareceu especialmente interessada na leitura de um *corpus* do gênero discursivo então estudado (relato de viagem), seguida pela análise textual e estilística, em que preponderou um método expositivo e dialogado, bastante informal – enquanto lia o texto em voz alta, destacava aspectos do texto que julgasse interessantes ou as passagens mais engenhosamente compostas, iniciando, por vezes, conversas alongadas e repletas de digressões –. Como trabalhara durante todo o nosso período de observação com o livro didático, também se aproveitou das questões propostas pelo próprio livro acerca dos textos lidos, assim como dos vários quadros explicativos, que lia ponderadamente. As produções textuais realizadas pelos alunos, dentre as que pudemos observar, não mantinham relação direta com o conteúdo trabalhado em sala no mesmo período (enquanto trabalhavam com relatos de viagem em sala, por exemplo, cada aluno deveria, individualmente, escrever um caderno de memórias, gênero que fora trabalhado antes do atual). Por outro lado, a professora também propôs um trabalho de leitura relacionado ao conteúdo abordado em sala: todos os alunos leriam um livro relatando uma viagem e, algum

tempo depois, apresentá-lo-iam à turma. Desta pequena observação que fizemos, concluímos que a abordagem metodológica da professora de língua portuguesa resulta sempre na produção de um texto de mesmo gênero e tema que aqueles estudados em sala – o último resultado obtido na turma C, como mencionado, fora um conjunto de memórias produzidas pelos alunos, em referência ao gênero que estudaram antes do relato de viagem.

3. PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1. PROBLEMATIZAÇÃO

O ensino médio, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 1996, além de obrigatório e gratuito (inciso II do artigo 4), é também direito público subjetivo, podendo ser exigido por qualquer cidadão ou grupo de cidadãos. Com duração mínima prevista de três anos, o ensino médio deve consolidar e aprofundar os conhecimentos legados pelo ensino fundamental (inciso I do artigo 35 da LDB) com a mesma ênfase na “formação comum indispensável” (BRASIL, 1996, p. 8) fomentada ao longo dos primeiros anos de estudo, pois como salientam os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino médio, “Ensino Médio é Educação Básica” (BRASIL, 2000, p. 9)². Podemos dizer, portanto, que encaminhamentos nodais referentes ao ensino fundamental, como “desenvolvimento da capacidade de aprender” e “compreensão do ambiente natural e social” (BRASIL, 1996, p. 11) persistem subentendidos nas raízes das orientações referentes ao ensino médio, ainda fazendo eco aos quatro pilares da educação propostos por Jacques Delors – na verdade, os PCNs e os PCNs+ referentes ao ensino médio fazem menção direta a eles, nas páginas 15 e 20, respectivamente –, então presidente da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, em relatório à UNESCO:

- i) Aprender a conhecer;
- ii) Aprender a fazer;
- iii) Aprender a viver juntos;
- iv) Aprender a ser.

Cumprindo indicar que, no primeiro inciso do artigo 32, a respeito do desenvolvimento da capacidade de aprender, o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo é salientado como condição sem a qual não é possível “aprender a conhecer” (de outro modo colocado, sem qual é impossível desenvolver pleno uso das faculdades cognitivas). De fato, como salienta Delors (2003, p. 90), *ler, escrever e calcular* caracterizam as ferramentas básicas da aprendizagem, os próprios “instrumentos do conhecimento”, sem os quais o estudante não poderá persistir na

² Preferimos, neste trabalho, não mencionar as propostas de ensino referidas pelas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCNEM), a fim de não incorrer em redundâncias. Julgamos termos suficientemente contemplado as propostas do OCNEM através dos documentos já referidos e das concepções que apresentamos em nosso referencial teórico.

educação ou devir cidadão do mundo contemporâneo – o que implica, por sua vez, participar plenamente de uma sociedade profundamente letrada. Em completa consonância com esta proposta, os PCNs do ensino médio (2000) também preveem um projeto de democratização social por meio do ensino linguístico:

No mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada. (BRASIL, 2000, p. 20)

Ou seja, cabe à escola, em todos os níveis do ensino básico, o importante papel de garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania. Os encaminhamentos especificamente direcionados ao ensino médio perpassam pelo típico caráter de “terminalidade” da educação básica, expresso em palavras como “consolidação”, “aprofundamento”, “aprimoramento [civil e intelectual]” e “continuação [dos estudos]”, dando a entender que o estudante médio *consolida seus estudos fundamentais* para entrar no ensino superior/técnico e exercer sua cidadania (daí a inclusão de conhecimentos referentes aos campos da sociologia e da filosofia, “necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, 1996, p. 13)). Outros documentos, no entanto, como os PCNs+ (2002), indicam que o novo ensino médio não deve buscar o aprofundamento do ensino fundamental tendo os ensinos superior e técnico como objetivos, mas deve simplesmente “assumir a responsabilidade de completar a educação básica” (BRASIL, 2002, p. 5), a fim de garantir aquilo que chamam “aprendizado permanente” e participação na sociedade.

Todas essas considerações oficiais encontram eco em estudos de linguistas renomados. Citemos dois: por um lado, a afirmação de Britto (2012) de que “a participação na sociedade urbano-industrial exige dos indivíduos determinadas disposições estruturais, entre as quais se inclui certa capacidade de ler e de escrever que suplanta a simples condição de alfabetizado” (BRITTO, 2012, p. 39), e, por outro, a seriedade com que Geraldi (1997) define o papel da linguagem nas atividades humanas:

Face ao reconhecimento, tácito ou explícito, de que a questão da linguagem é fundamental no desenvolvimento de todo e qualquer homem; de que ela é condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; de que ela é ainda a mais usual forma de encontros, desencontros e confrontos de posições, porque é por ela que estas posições se tornam públicas, é crucial dar à linguagem o relevo que de fato tem [...]. (GERALDI, 1997, p. 4-5)

Ao que particularmente nos tange enquanto estagiários da disciplina responsável pelo estudo da linguagem no universo escolar, o domínio da leitura e da escrita avulta imprescindível no aprofundamento de qualquer área do conhecimento, e tais habilidades só podem ser desenvolvidas num ambiente escolar que se preocupa com o *letramento* dos estudantes, ou seja, com a *formação de leitores*. A respeito desta preocupação nodal, declara o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio de Aplicação, onde realizamos nossa experiência de estágio, na parte dedicada aos *pilares do currículo*, que “a leitura e a formação de leitores deve se constituir em um elemento estruturante do currículo escolar e um compromisso de todas as áreas do conhecimento” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p. 11). Admitindo, destarte, a linguagem como ferramenta de *mediação* entre aluno e toda sorte de conhecimento, o PPP do Colégio de Aplicação salienta a relevância atribuída à disciplina de língua portuguesa (principal responsável pelo letramento escolar) na formação de estudantes, a fim de torná-los linguisticamente/simbolicamente aptos às demandas do mundo contemporâneo, dado que podemos definir *linguagem* como “capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade” (BRASIL, 2000, p. 19), e vivemos, atualmente, num mundo multissemiótico extremamente complexo.

A partir, portanto, das considerações feitas pelos documentos oficiais e por influência de demandas naturais das nossas concepções de sujeito, ensino e linguagem, julgamos necessário elaborar um projeto de docência que contemplasse os sujeitos individuais inseridos em seus contextos sócio-historicamente constituídos e, para tanto, voltamos nossos olhos à turma escolhida e ao ambiente escolar de seu entorno: além de estudarmos o PPP da instituição, assistimos à rotina da escola e às aulas de língua portuguesa durante cerca de três semanas, pois, como reforça Dayrell (2001):

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. (DAYRELL, 2001, p. 137)

Destarte, a observação prévia da escola pareceu-nos imprescindível, sob pena de nos limitarmos às abstrações universais e à total ignorância das condições específicas da turma e da instituição. Em outras palavras, concluímos que antes de atuar numa realidade complexa e una, é preciso *assistir e refletir sobre esta realidade*, a fim de apreender seus aspectos específicos (elementos que a teoria, por definição, não tem capacidade de prever). Como

salienta Aristóteles: “se alguém, sem experiência, tiver uma explicação, e se conhecer o universal, mas ignorar o particular nele incluído, muitas vezes poderá cometer erros em seus curativos, pois é o particular que é curável” (ARISTÓTELES, *Metafísica I*, 981a).

Nossa observação nos permitiu concluir que, de fato, pelo menos alguns professores assumem o compromisso de tomar a língua por elemento mediador essencial ao conhecimento: além do compromisso com o letramento, outro *pilar do PPP* também é constituído pela *interdisciplinaridade*, de sorte que pudemos observar como conteúdos específicos do ensino linguístico se misturavam a estudos de documentos históricos multimidiáticos.

Julgamos toda a observação e pesquisa realizadas extremamente relevantes na elaboração de um projeto de docência coerente com as ideias legadas pela escola, como se verá a seguir.

3.2. TEMA E JUSTIFICATIVA

Depois de estudarmos o documento norteador da ação docente dentro da escola (PPP) e aqueles responsáveis pelos encaminhamentos em nível nacional (LDB e PCNs), compusemos um projeto de docência que atendesse tanto às demandas oficiais, quanto às necessidades específicas dos alunos da turma C, do 1º ano do ensino médio, tendo o estudo do gênero literário *conto* e da temática africana como principais objetivos de aula. O tema escolhido para a elaboração dos planos nos foi parcialmente sugerido pelo já em andamento cronograma de conteúdos programáticos da professora de língua portuguesa da classe (sugestão esta que atendemos sem hesitação, a fim de não interferir sobremodo no planejamento didático da escola e na dinâmica internalizada pela turma), enquanto aos nossos anseios e expectativas coube a construção do restante. Destarte, tivemos liberdade para, sobre um restringido número de possibilidades conceituais, elaborar diversas estratégias de apropriação do conhecimento, de acordo com a observação dos alunos e seus interesses.

Trabalhar com contos africanos no ensino médio permitiu a elaboração de atividades que já pressupõem certa imersão no universo literário e uma constituição mínima do que podemos chamar *horizonte canônico de expectativas*, considerando todos os anos em que os alunos estiveram na escola (supostamente em contato com a literatura tradicional brasileira) e os encaminhamentos do PPP. Ao lerem contos de autores pouco conhecidos no Brasil, que usam outras variantes linguísticas e se aproveitam de um imaginário completamente diferente, os alunos experimentaram um *alargamento do horizonte de expectativas*, uma vez que leram

“obras transgressoras”, sem as quais não se realizaria uma ruptura do comum: “[a ruptura] não se viabiliza se não houver uma contrapartida do sujeito” (BORDINI & AGUIAR, 1999, p. 87). Para tanto, é necessário que o leitor possua um conhecimento prévio do gênero literário estudado e reconheça o distanciamento entre sua expectativa (quanto ao gênero, no caso, o *conto*) e a obra tal qual – evidentemente, o distanciamento é notório em vários níveis: estrutural, estilístico/linguístico, cultural, discursivo etc. –. Sem esse conhecimento prévio de formação leitora, não é possível que o leitor perceba as inovações e tenha suas *expectativas frustradas* (o que é, por mais estranhamente que o termo pareça, nosso objetivo).

O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas [...]. Quanto mais leituras o indivíduo acumula, maior a propensão para a modificação de seus horizontes, porque a excessiva confirmação de suas expectativas produz monotonia, que a obra “difícil” pode quebrar. (ibid., p. 85)

Além destas atividades de leitura e contato com o outro, também acreditamos que os alunos deste ciclo tenham aprofundado suas habilidades de análise linguística (conteúdo oficialmente previsto a ser lecionado no ensino médio), considerando as riquezas conceituais que um enfoque “abstrato” pode legar ao estudo da literatura, não apenas em nível linguístico/estilístico. Desenvolvemos, para tanto, atividades que buscassem compreender a motivação do autor (i.e., seu *projeto de dizer*) ao lançar mão dos elementos que compõem seu texto. Assumimos, na esteira de Irandé Antunes, que:

[...] não é possível isolar o que é pontual, ou o que é simplesmente gramatical, ou o que nada tem a ver com o sentido ou a função global do que é dito. Em um texto, tudo se interdepende e tudo concorre para a expressão coerente e relevante de seu sentido e de seus propósitos comunicativos. (ANTUNES, 2010, p. 17)

Faz-se necessário, no entanto, salientar a limitação que um tal método faculta em estudo de literatura: toda leitura será *aproximativa*, e toda intencionalidade identificada será *suposição*. Afinal, como nos diz Roland Barthes (1966), a obra literária carece de um *contexto claro* que revele com certeza os sentidos das palavras, como facilmente faz uma abordagem pragmática no cotidiano – no ensino de literatura, enfrentamos uma dificuldade ou, às vezes, mesmo impossibilidade de compreender as condições sócio-interativas que dão origem à obra, ou seja, o *projeto de dizer do autor*, já que o *narrador* não é o *autor* da obra, o *narratário* (para quem se narra) não é o *interlocutor* real da enunciação usual e as *intenções discursivas*

que revelam estudos da pragmática quando aplicados aos gêneros cotidianos são, muitas vezes, obscuras –. Devemos admitir a possibilidade, portanto, de uma *obra aberta* que opere ao nível da *linguagem simbólica e profunda*, sobre o esqueleto da intenção autoral e do sentido literal da palavra:

Ninguém jamais contestou e não contestará que o discurso da obra possua um sentido literal, do qual a filologia, caso necessário, nos informa; a questão é saber se temos o direito ou não de ler, dentro deste discurso literal, outros sentidos que não o contradigam. (BARTHES, 1966, p. 20, tradução nossa)

Basta alargarmos um pouco a concepção histórica que se tem a respeito de uma determinada obra para percebermos que, além do caráter duro da palavra, o texto também comporta um desdobramento simbólico.

Uma obra é “eterna” não porque ela impõe um sentido único a homens diferentes, mas porque ela sugere sentidos diferentes a um único homem que fala sempre a mesma língua simbólica através de vários tempos: **a obra propõe, o homem dispõe**. (ibid., p. 51-52, grifo nosso)

Em se tratando especialmente do estudo do gênero conto, demos maior ênfase à sua *composição estrutural* (eixo narrativo, sequência dos acontecimentos, número de personagens, uso dos tempos verbais etc.) e ao *uso estilístico* que o autor faz da linguagem, a fim de provocar efeitos de sentido e fazer-se reconhecer como *continuador de uma corrente do gênero* (inserção da oralidade no conto escrito [inclusive as formas tradicionais de apresentação e finalização do conto na cultura oral angolana], uso de estilo direto, indireto ou indireto livre, uso de paralelismos etc.). Julgamos que estes sejam os dois principais pontos que definem o gênero conto e fazem com que os reconheçamos em todas as culturas e todos os tempos (daí utilizarmos a mesma base para analisarmos contos angolanos, moçambicanos e brasileiros). Na sombra de Propp (1970), devemos nos perguntar: “Como explicar que a história da *princesa e o sapo* na Rússia, na Alemanha, França, Índia, na terra dos índios da América e na Nova Zelândia se parecem, quando nenhum contanto entre os povos pode ser provado historicamente?” (PROPP, 1970, p. 27, tradução nossa), e concluiremos que suas semelhanças estão exatamente na estrutura, embora variem enormemente seus meios de circulação e interlocutores.

Quanto ao nível *discursivo*, menciona-mo-lo enquanto constatação especulativa (não se pode afirmar, por exemplo, que Luandino Vieira *pretendia* utilizar a galinha Cabíri como

símbolo de Angola em seu conto *Estória da galinha e do ovo*, por mais provável que seja, ou que Óscar Ribas *pretendera* dar uma lição de moral quando escreveu *Hebo* ou *Bango a Mussungo*). É certo, no entanto, que *haja* intencionalidade no texto, por se tratar exatamente de um enunciado (ato de linguagem intencional), mas a *responsividade* pressuposta pelo ato de fala nunca se concretiza: o autor de literatura se enuncia, muitas vezes, para um ser imaginário (um *leitor suposto*) que não responde, enquanto nós apenas “pegamos a flecha no ar” e disso fazemos o que é possível. Subentende-se, ao ler uma obra literária, que o autor mencione aquilo que diz José de Alencar numa famosa carta ao Dr. Jaguaribe:

Conversemos sem cerimônia, em toda familiaridade, como se cada um estivesse recostado em sua rede, ao vaivém do lânguido balanço, que convida à doce prática. Se algum leitor curioso se puser à escuta, deixá-lo. Não devemos por isso de mudar o tom rasteiro da intimidade pela frase garrida das salas. (ALENCAR, 1865, n.p.)

No que tange à metodologia, como adiante discutiremos, nos reportamos especialmente aos eixos leitura/escuta e produção escrita/oral, dividindo cada um dos pontos em atividades específicas.

3.3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.3.1. Concepção de linguagem e ensino de língua

Reconhecemo-nos como expoentes da filosofia da linguagem enquanto sistema dialógico resultante de práticas historicamente situadas, majoritariamente popularizada, no Brasil, pelos estudos do círculo de Bakhtin. Nesta perspectiva – hoje amplamente aceita e difundida nos encaminhamentos oficiais à docência de língua portuguesa (vide PCNs, LDB) –, a linguagem é estudada principalmente do ponto de vista do *enunciado*, “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 294), distinguindo-se da sistematização unilateral da *oração*, “unidade da língua” enquanto abstração: “o contexto da oração é o contexto do discurso de um único e mesmo sujeito falante” (Ibid., p. 297). Enunciado e oração não são conceitos funcionalmente opostos; de fato, diz-se que o enunciado é a oração “em prática real”, em atividade interlocutiva, pois passa a implicar uma *atitude responsiva*:

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma

unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “*dixi*” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou. (Ibid., p. 295)

É a partir desta perspectiva que se assume a língua enquanto atividade dialógica, i.e., encontro entre interlocutores que realizam uma interação verbal a fim de constituir linguagem e a si mesmos, uma vez que os sujeitos também se constroem na interação. Poderíamos, a partir desta conclusão, também classificar nossa concepção de linguagem como *textual-interativa*, como faz Marcuschi (2008), ao afirmar que, adotando esta perspectiva, “não se deixa de admitir que a língua seja um sistema simbólico [...], contudo ela é tomada como uma atividade sociointerativa de base cognitiva e histórica” (MARCUSCHI, 2008, p. 61). Não abrimos mão, no entanto, do caráter pragmático da linguagem: a favor do uso que dela é feito, também citamos o trabalho de Oswald Spengler (1932), extremamente convergente à corrente dialógica russa:

[os racionalistas] olvidan que, además de la pregunta hay la *respuesta* y que además del yo está el *tú*. [...] Su opinión sobre el origen del lenguaje es *monológica*, y, por tanto, falsa. [...] El *fin* del lenguaje es oraciones, fin generalmente mal entendido u olvidado [...] Y este fin manifiéstase claramente en la *forma* de organizar la oración. El lenguaje no se produce monológica, sino *dialógicamente*. Las series de oraciones no se siguen en forma de discurso, sino como diálogo entre varios hombres. Su finalidad no es una comprensión basada en la meditación, sino un *mutuo acuerdo*, por medio de pregunta y respuesta. (SPENGLER, 1932, p. 66-67)

Esta importante constatação leva Spengler a afirmar que “Todo lenguaje es de naturaleza práctica; su base es el ‘pensar de las manos’” (ibid., p. 69), na mesma esteira de Koch (2003), fazendo eco aos postulados de Wittgenstein e Austin:

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). (KOCH, 2003, p. 29)

Cumprе salientar, ainda, para além do caráter dialógico e prático da linguagem, o conceito de *gênero do discurso*, que atualmente goza de uma inédita notabilidade, tanto nas salas de aula, quanto nos laboratórios da universidade – principalmente no que tange aos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da área de linguística aplicada, ciência patrona dos estudos bakhtinianos e que, primeira em uma longa história, verdadeiramente trabalha *em*

conjunto com a aula de língua materna na escola –. Embora cada enunciado seja, isoladamente, considerado único em *conteúdo temático, estilo e construção composicional* (tríade estrutural do enunciado, para Bakhtin), estes elementos também são, em grande medida, restringidos pela esfera da comunicação humana em que circulam, de modo que, a longo prazo, é esperado que os enunciados se organizem em *gêneros relativamente estáveis* de enunciados – movimento normal da linguagem que, buscando economia expressiva e compreensão mútua, facilita a comunicação pela regularidade. Ficamos, destarte, com uma parte do discurso que é definida socialmente e *esperada* pelos interlocutores na interação verbal, e uma parte particular, que diz respeito a cada enunciado singular. Chamaremos estas duas partes, respectivamente, de *dimensão universal* e *dimensão específica* dos enunciados/textos.

Podemos reconstruir as raízes profundas desta dicotomia até, pelo menos, a Grécia de Aristóteles. O conceito de gênero, sabemos-lo, Bakhtin tomou-o da retórica clássica e, se Geraldi (2006) diz, ao exemplificar uma atividade conceitual, baseando-se no linguista russo para tratar da *base regular* sobre a qual operam os *acidentes* (outros nomes à dicotomia universal/específico), que “é precisamente este *movimento* que importa: do vivido particular, somado a outros vividos particulares, [...] a reflexão e a construção de categorias para compreender o particular no geral em que se inserem” (GERALDI, op. cit., p. 164), indiretamente está se referindo à lógica das técnicas descrita por Aristóteles no livro I da *Metafísica*:

A técnica nasce quando, de diversas considerações de experiência, surge uma única noção universal a respeito de semelhantes. De fato, ter a noção de que tal e tal coisa foi conveniente a Cálías, que padecia de tal doença, e a Sócrates, e a muitos outros, caso a caso, é próprio da experiência; no entanto, é próprio da técnica ter noção de que tal e tal coisa foi conveniente a todos os de tal e tal qualidade, delimitados por um tipo único, isto é, que padeciam de tal e tal doença (por exemplo, aos fleumáticos, ou biliosos, ou febris). (ARISTÓTELES, *Metafísica* I, 981a5, grifo nosso)

A *técnica*, aqui, é (*lato sensu*) sinônima de *ciência* ou *arte*, e parece análoga à operação conceitual descrita por Saussure:

El mecanismo lingüístico gira todo él sobre identidades y diferencias, siendo éstas la contraparte de aquéllas. [...] Así, hablamos de identidad a propósito de dos expresos “Ginebra-París, 8 hs. 45 de la tarde”, que salen con veinticuatro horas de intervalo. A nuestros ojos, es el mismo expreso y, sin embargo, probablemente la locomotora, los vagones, el personal, todo es diferente. [...] [sua identidade] no es puramente material; está fundada en ciertas condiciones a que es extraña su materia ocasional, [...] lo que hace al

expreso es su hora de salida, su itinerario y en general todas las circunstancias que lo distinguen de los otros expresos. **Siempre que se realicen las mismas condiciones se obtienen las mismas entidades.** (SAUSSURE, 1945, p. 186-167, grifos nossos)

Podemos concluir, portanto, que o chamado *gênero* é a estrutura sobre a qual operam os acidentes específicos de cada enunciado, em cada evento único de interação verbal – ou seja, é aquilo que se repete (pois esperado) em todos os diferentes enunciados. Esta conclusão não é apenas importante para compreendermos a base teórica que sustenta nossas concepções, mas a própria metodologia que a partir dela podemos elaborar nas aulas de língua portuguesa. A máxima medieval legada por Aristóteles, “nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos”, se repete em Bakhtin, “nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero” (BAKHTIN, op. cit., p. 286), quer dizer, nada se torna *universal* sem antes ter existido como *específico*, e se repete na metodologia que adotamos: antes de conceitualizar os pontos universais de um gênero do discurso, é mister *experimentá-los*. O caminho natural, partindo desta concepção, é a *imersão dos estudantes na cultura letrada* antes de qualquer análise abstrata, pois como salienta Kleiman (1989):

Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão, pois [...] o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas estas que exercem um papel considerável na compreensão. (KLEIMAN, 1989, p. 20)

A compreensão de que os estudantes não *decodificam* os textos, mas *interpretam-nos* a partir de expectativas e conhecimentos prévios, de maneira análoga à nossa concepção de linguagem, faz-se crucial ao desenvolvimento das atividades propostas no nosso projeto de docência. Deste tópico trataremos a seguir.

3.3.2. Concepção de sujeito

Para compor nossa visão de sujeito, nos remetemos às obras pioneiras que tratam das *concepções de sociedade*, escritas durante o renascimento por filósofos como Locke, Rousseau e Descartes, pois entendemo-las como concepções fundantes das atuais teses que permeiam e integram tanto a prática docente, quanto a prática de pesquisa em se tratando do ensino de língua portuguesa. A princípio, Locke disserta a respeito dos mecanismos que o

Estado deve desenvolver para controlar as ações do homem, que segundo sua definição é um ser rústico e alienado. Rousseau, seguindo via oposta, escreve sobre o estado de inocência inicial do ser humano, que é desintegrado e corrompido quando na sociedade inserido. Estas duas concepções antagônicas de sujeito – *puro* e *impuro*, respectivamente –, encontram crítica na pena de Descartes, que disserta não no âmbito sociológico e legislativo, mas sim voltado a uma esfera estritamente cognitiva, às questões da lógica e do pensamento, alheio de todo engajamento social e/ou cívico. É ele quem postula a frase *cogito ergo sum* (penso, logo existo), importante pilar dos desenvolvimentos filosófico e científico do século XVII ao XX e, ao que tange o pensamento moderno, da filosofia cognitivista dos Estados Unidos (vide Chomsky). Sendo assim, podemos dizer que tanto Rousseau e Locke (que dissertaram a respeito da concepção de sujeito de modo “sociológico”, *lato sensu*, mas também prevendo um ideal), quanto Descartes (o qual se restringe ao campo da lógica), possibilitaram a ampliação de medidas positivistas no século XX. O modelo essencialmente cognitivista desenvolvido por Descartes facultou, posteriormente, a implantação da mesma lógica no sistema educacional europeu do século XX, de sorte que podemos a ele atribuir o desenvolvimento da concepção de ensino e aprendizagem voltada ao *logos*, a qual puramente e somente se mostra como eficiente e funcional enquanto válvula para o desenvolvimento e aprimoramento da *máquina do mundo* (ANDRADE, 2012). Em outras palavras, este modelo de sociedade prevê unicamente o indivíduo enquanto singular, funcional, isto é, enquanto sujeito replicável, moldado ensimesmado e *instituído*.

Diferentemente da lógica positivista deste modelo escolar, entendemos o *sujeito* como um conceito mais amplo, mais humano e, como não poderia deixar de ser, mais complexo, o qual não lida somente com a necessidade de existir, de ser. Para nós, ao sujeito concerne a indispensabilidade de um *dever ser*, ou seja, o sujeito não detém somente a construção de sua identidade de forma unilateral, mas a partir do *outro* – constrói-se a identidade *com* e *a partir* da alteridade. Assim, partindo desta mesma concepção, Miotello argumenta: “*nós precisamos contrapor a um projeto de ‘Cogito ergo sum’, um invertido: ‘Eu sou pensado e eu penso, logo existo’*” (MIOTELLO, 2011). Façamos uma retrospectiva comparativa: segundo a lógica positivista e determinista abundante no século XX, os *sujeitos instituídos* seriam aqueles os quais são o produto de sua herança histórica e cultural, de modo que sujeitos não letrados e/ou financeiramente desprivilegiados, por exemplo, não poderiam ascender socialmente, bem como aprimorar seu repertório cultural. Esta concepção, juntamente do pensamento cartesiano, pode se mostrar tanto enquanto fórmula perfeita para a manutenção da

reprodutibilidade ideológica, como enquanto fórmula de controle cultural nos espaços escolares mais privilegiados. Para a concepção de sujeito *constituído*, por outro lado, da qual partilhamos, trata-se de abrir espaços de experiências diversas aos indivíduos para que possam conquistar outros processos que facultem o seu aprimoramento; ou seja, não haveria *fechamento* do seu processo constitutivo. Por isso, os *sujeitos constituídos* seriam aqueles que não são somente sócio-historicamente datados, pois detém subjetividade ímpar, assim como também a necessidade de um *dever ser*: o sujeito constituído não admite sua insolubilidade. Assim, segundo Geraldi:

Em nenhum dos extremos a noção de constitutividade situa a essência do que define o sujeito. Elege o fluxo do movimento como seu território sem espaço. Lugar de passagem e na passagem a interação do homem com os outros homens no desafio de construir categorias de compreensão do mundo vivido, nem sempre percebido e dificilmente concebido de forma idêntica pela unicidade irrepetível que é cada sujeito. (GERALDI, 2010, p. 4)

Visto a concepção não cartesiana de sujeito proposta por Miotello, assim como a necessária explanação teórica para compor as concepções de *modelos ideológicos de letramento* (STREET, 2003) e de *constitutividade de sujeito* (GERALDI, 2010), urge que a aula de português abra espaços de discussão a respeito de como esses sujeitos interagem e aprendem por meio da relação entre linguagem e mundo. Desse modo, partindo da aula de língua portuguesa como um espaço de expansão cognitiva, como espaço de aumento das experiências culturais, é importantíssimo determos enquanto cardeal a *concepção constituída de sujeito*, porque tão somente nesta concepção os alunos poderão percorrer trajetos, os quais constituem, transformam e, principalmente, interagem com sua individualidade, bem como com suas práticas sócio-cognitivas. Por isso, segundo Street a respeito da *concepção ideológica de letramento*:

O modelo ideológico alternativo de letramento oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida que elas variam de um contexto para outro. Esse modelo parte de premissas diferentes das adotadas pelo modelo autônomo - propondo por outro lado que o letramento é uma prática de cunho social, e não meramente uma habilidade técnica e neutra, e que aparece sempre envolto em princípios epistemológicos construídos. (STREET, 2003, p. 4)

3.3.3. Concepção de professor e aula

Partindo da concepção de *sujeitos constituídos* (GERALDI, 2010), dos *eventos e das práticas de letramento* (STREET, 2003) no ensino de língua portuguesa, como também, das

concepções de *letramento* de (KLEIMAN, 1989), é indispensável compor, no alicerce teórico dos professores, os contextos em que os alunos estão inseridos. Deste modo, partindo do grau de vulnerabilidade econômica/cultural que constitui o ensino público brasileiro, o profissional deverá desempenhar metodologias as quais apresentem o olhar sensível para com essas implicações, bem como atribuir estratégias de ensino e aprendizagem para que os alunos possam ler, escrever e entender o que é exposto por meio dos letramentos globais, que possivelmente não se apresentam no cotidiano dos estudantes. A isto é, inclusive, cardeal que junto da democratização da rede pública, o ensino não se estabeleça puramente voltado às questões culturais e cognitivas, mas que também influencie para que os alunos tornem-se indivíduos livres, ou seja, indivíduos com opinião crítica. Destarte, segundo de Carvalho (2004), “enquanto para uns a democratização se caracteriza por políticas públicas de abertura da escola para todos, para outros, ela decorre de práticas pedagógicas capazes de formar indivíduos livres” (DE CARVALHO, 2004, p. 330). Portanto, é necessário o olhar cauteloso e astuto para detectar essas dificuldades no âmbito cultural e linguístico, para então poder proporcionar uma provável mobilidade social, como também o enriquecimento referencial de cultura global dos alunos. Por isso, segundo Cerutti-Rizzatti (2012):

Essa sensibilidade, porém, não implica privar esses alunos da participação em *eventos de letramento globais*. Se, por exemplo, as crianças vêm de entornos sociais e culturais em que a escrita tem papel menos variado e expressivo - não há habituação em leituras de contos, fábulas, notícias de jornal; não há usos de e-mails, torpedos, relatórios, ingressos de cinema, diários etc. -, cabe-nos, a partir dos usos da escrita ali instalados, mediar um processo de resignificação das *práticas de letramento*, de modo a ampliar as possibilidades de participação dessas mesmas crianças em *eventos de letramento* variados, o que poderá favorecer sua mobilidade social. (CERUTTI-RIZZATTI, 2012, p. 2)

Logo, se o ensino de língua portuguesa necessita de habilidades mais específicas que consigam detectar tais dificuldades, é necessário que, para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, o desenvolvimento de uma aula que não seja baseada em monólogos, mas pelo contrário, que seja constituída por meio do diálogo, ou seja, por meio da interação com o outro. Desse modo, mostra-se necessário que as relações de intersubjetividade sejam alicerçadas na relação entre o “eu” e o “outro”, mediada pela linguagem em espaços sociais, histórico e culturalmente situados que possibilitem o “encontro” – assim como também é indispensável que os alunos, a partir da leitura, consigam detectar as nuances de autoria, bem como os fios condutores que os textos apresentam entre si. Ou seja, é necessário que os alunos detenham a sensibilidade, como também estratégias de leitura para a compreensão desses fios

condutores entre os textos, ou seja, relações essas que se configuram no âmbito intrassubjetivo. Assim, segundo Cerutti-Rizzatti (2014):

Tomamos, então, *intersubjetividade* tal qual faz Geraldi (2010a, 2010b; Geraldi et al., 2006), concebendo o conceito à luz de fundamentos bakhtinianos, como a relação do “eu” com o “outro”, mediada pela linguagem, em espaços social, histórica e culturalmente situados; ou, como quer Ponzio (2010), também sob fundamentação filosófica bakhtiniana, como o *encontro* entre a subjetividade e a alteridade. Intersubjetivo, assim, evoca a inserção social de sujeitos corpóreos em um dado espaço e suas relações uns com os outros por meio da linguagem, nas complexas implicações histórico-culturais cronotópicas. (CERUTTI-RIZZATTI. 2014, p. 228)

Entrando especificamente no plano da *intrassubjetividade* do ato de ler em si mesmo, importa considerar o movimento de *conhecer* o que é dito pelo autor para, na compreensão leitora, responder a esse dito. E, nesse *conhecer* o projeto de discurso do autor estão, em nossa compreensão, questões nodais da dimensão *intrassubjetiva* da leitura. (CERUTTI-RIZZATTI, 2014, p. 230)

Sendo assim, apresentando como pressuposto as concepções de *intersubjetividade* e *intrassubjetividade*, é essencial para o ensino e para a aprendizagem de língua portuguesa que haja ampliação do repertório cultural dos estudantes, como também desenvolvimento cognitivo, sem que se “obrigue” qualquer aluno a gostar das produções culturais hegemônicas – o papel da escola deverá ser oferecer a possibilidade de contato e experimentação de aspectos da cultura que os alunos em situação de vulnerabilidade social não conheceriam de outro modo. Outrossim, é importantíssimo o cuidado para que na aula de língua portuguesa o professor planeje seu ato de dizer, justamente para que não fique fadado à aulas de cunho *autônomo*, tampouco que se caracteriza justamente por monólogos. É indispensável a interação social nas aulas, justamente para que o aluno, nesse meio de interação socialmente e culturalmente situado, consiga se apropriar dos elementos discursivos, sociais e composicionais que resultam nos gêneros discursivos, de modo que sua escrita se caracterize como um projeto de dizer, como um ato de dizer baseado em *para quem dizer, o que dizer, como dizer*. O aluno deve, na interação com a escrita e com o professor, desenvolver o costume e a técnica de revisar suas produções tanto escritas, quanto orais. Ou seja, a partir da revisão de seu material escrito, o aluno deve articular e aprimorar tanto as relações intersubjetivas, como também intrassubjetivas em seu projeto de dizer. Nesse sentido, segundo Correa (2012) e Antunes (2003):

Nesse contexto, é válido atentar para a percepção de que o conhecimento de particularidades dos textos nos *gêneros*, no entanto, não garante a produção de um texto adequado à situação interacional, pois há que se considerar

outros fatores envolvidos, como as condições de produção, os interlocutores, o querer dizer do enunciador, a escolha das estratégias de dizer. Desse modo, a produção do texto em um dado *gênero* é orientada por fatores também extralinguísticos, não ficando restrita à superfície do texto. (CORREA, 2012, p. 68)

“Nesse sentido, o procedimento básico deve ser discutir com o aluno em que e por que seu texto não está adequado e, na mesma dimensão, descobrir com ele as alternativas de reconstrução de seu dizer. Tal prática tem, inclusive, a vantagem de iniciar o aluno na tarefa de ser ele mesmo o primeiro revisor de seu texto. (ANTUNES, 2003, p. 162)

Destarte, a ampliação cultural por meio de leitura, juntamente do costume de escrita, deverá se apresentar relacionado às aulas de língua portuguesa, de modo que a *revisão* e os *projetos de dizer* se mostrem associados cognitivamente. Ou seja, de modo que a leitura não se desenvolva somente por meio do somatório das práticas de leitura do sujeito, mas sim por meio de conhecimentos dispersos no grande saber global, os quais influenciam metacognitivamente, intersubjetivamente e intrassubjetivamente as relações de escrita e de leitura dos alunos. Sendo assim, tanto a leitura, quanto o letramento deverão dispor da heterogeneidade de eventos de letramento, os quais igualmente precisarão apresentar diversidade cultural. Assim, segundo Britto (2012):

O conhecimento de leitura e de escrita não se dissocia dos outros conhecimentos objetivos, em suas diversas formas de produção, manifestação, circulação e apropriação. Disso decorre a impossibilidade de pensar um conceito de letramento que se limite a um saber-fazer. Retomo a tese de Osakabe (1983), para quem o conhecimento da escrita implica a operações de formas de pensamento e de conhecimento específicos, desigualmente distribuídos na sociedade de classes. Nesse sentido, não há um saber da escrita que independa do conhecimento. (BRITTO, 2012, p. 87)

Por conseguinte, o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa precisa deter, enquanto fundamento, as questões e discussões a respeito das concepções de *sujeito ideológico*, de *letramento*, de *intersubjetividade* e *intrassubjetividade*, dos *projetos de dizer*, como também da *revisão* e *autoria*. Nesse sentido, é fundamental apresentar a grande base da cultura escrita como uma esfera a qual engloba a concepção de letramento, em que haverá inúmeras esferas correspondentes aos gêneros, como, por exemplo, esfera jornalística, esfera acadêmica, esfera jurídica, esfera escolar – na qual a alfabetização estará presente (MARTINS, 2015). Portanto, as interações sociais para com o grande mundo se revelam incrivelmente significativas para o ensino e para a aprendizagem de língua portuguesa. A isto, Cerutti-Rizzatti (2012) desenvolve:

[...] *alfabetização* e *letramento* constituindo um mesmo todo, mas em relações específicas, porque não nos parece mais possível colocar *alfabetização* e *letramento* lado a lado - o que justificaria as preposições que os unem nas relações de complementariedade e de finalidade a que fizemos menção anteriormente -, nem tampouco mimetizá-los como se não houvesse especificidades entre eles; o foco nos parece ser a *integração* entre eles e deles com um todo maior (CERUTTI-RIZZATTI, 2012, p. 6)

Portanto, visto todo o embasamento teórico a respeito de linguagem, de letramento, de leitura e, inclusive, de sujeito, a aula de língua portuguesa deve ser pautada na interação social, apresentando, como fundamento, as questões referentes ao letramento, junto da diferença de classes – ou seja, deve-se pautar as práticas de letramento com os eventos de letramento de modo a dialogar e auxiliar tanto o aprimoramento linguístico, quanto a ampliação cultural dos alunos em aulas em que apresente-se a interação social entre o “eu” e o “outro”, ou seja, aulas em que haja o encontro entre os alunos, o professor e a grande herança cultural da humanidade (GERALDI, 2015).

3.3.4. Avaliação

O processo de avaliação nas aulas de língua portuguesa deve compor uma relação estreita com os objetivos gerais e específicos abordados na aula em questão, isso apresenta que somente aquilo que é ensinado aos alunos pode servir como um processo avaliativo e, tampouco deve ser simplificado a visões tecnicistas de ensino. Em outras palavras, não é papel da avaliação estar à disposição somente para com a procura dos erros dos alunos, em se tratando de ortografia ou de adequação ao gênero, mas sim no que se refere ao campo semântico, ao campo sintático, ao campo *intersubjetivo* e, especialmente, nos *projetos de dizer*. Ou seja, a avaliação não deve se tratar de somente indicar os erros dos alunos, mas deve, primordialmente, detectar os erros para solucioná-los ou para dimensionar as percepções do aluno a outros ângulos.

Deste modo, em se tratando dos processos avaliativos de nossas aulas, entendemos como fundante que os alunos saibam desenvolver narrativas bem estruturadas, ao redor de uma única ação, que saibam empregar operadores textuais, tempos verbais etc. a favor de seu *projeto de dizer*, como também detenham a interpretação textual como ferramenta primeira para seu desbravamento no campo dos códigos. Por isso, práticas como a (re)escrita, a interpretação e análise estilístico-composicional do texto por meio da leitura e de roteiros de leitura, o enquadramento dos aspectos principais do gênero conto em quadros síntese e esquemas ilustrativos, a dicção na leitura de poemas e contos escritos/orais, assim como o

rendimento de sua performance em debates são processos avaliativos os quais empregamos não somente para avaliar aos alunos, mas também para que possibilitássemos um enriquecimento em várias esferas, para que nas relações com o mundo real possam ter maior desenvoltura e entendimento do que se passa, bem como a sensibilidade para o que se mostra ora como belo, ora como grotesco. Portanto, novamente reiteramos que o processo avaliativo do qual partilhamos não se mostra necessariamente restrito ao campo puramente técnico e funcional da competência comunicativa dos alunos, mas também interligado às referências da *cultura global* e da *cultura vernacular* de nossa sociedade. Assim, segundo Antunes (2003):

A avaliação, como tudo o mais, é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a conveniência de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que seu aluno cresça na aquisição de sua competência comunicativa; de, sobretudo, estimular, encorajar, deixar os alunos com uma vontade grande de aprender, sentindo-se para isso perfeitamente capacitado e, por isso, inteiramente gratificado. (ANTUNES, 2003, p. 165)

Assim, visto que o processo de avaliação não deve se restringir puramente aos aspectos técnicos da língua em favor das notas finais, a avaliação da aula de língua portuguesa deve deter enquanto fundante o agenciamento e a sistematização dos saberes do grande mundo para que os alunos possam compreender, a partir do decorrer das aulas, a significância, como também a funcionalidade ética e literária para com a cultura. Portanto, o processo de avaliação deve também compor relações com os saberes culturalmente produzidos, assim como de seus métodos, para que haja nos alunos a experiência da expansão cognitiva e cultural.

A herança cultural continua disponível, mas ela deve ser entendida como de fato é: não apenas um conjunto de disciplinas científicas, mas um conjunto de conhecimentos e de saberes. Os primeiros incluem as disciplinas e também seus métodos de pesquisa, seus resultados e seus fracassos, seus caminhos não lineares. Os segundos são constituídos pelas práticas sociais, não chegam à sistematização, mas é produto das práticas sociais, o conhecimento é a organização desse produto das práticas sociais de forma sistemática, racional, na atividade científica. (GERALDI, 2010, p. 94)

Concluimos, por fim, que o ensino e a avaliação da língua portuguesa não se restringe aos aspectos mecânicos e técnicos da língua, mas também a vários processos concomitantemente presentes no ensino e na aprendizagem dos alunos, processos estes que não acabam na elaboração de uma prova dissertativa, bem como na única elaboração de uma redação, mas sim que permanecem eternamente pendentes e insolúveis na constituição de

sujeito e de aprendizado dos alunos, pois, segundo Antunes (2003, p. 160), “A avaliação, em função mesmo de sua finalidade, deve acontecer em cada dia do período letivo, pois a aprendizagem, também está acontecendo todo dia”. Sendo assim, a formação de leitor, o ensino da leitura, o ensino da interpretação, o ensino do código escrito, bem com o ensino da estruturação de uma narrativa e de um projeto de dizer são ensinamentos, os quais permanecerão em desenvolvimento durante todo o decorrer da vida dos sujeitos e é função dos processos avaliativos identificar e orientar os avanços e as dificuldades, bem como elogiar os resultados positivos que possam vir a ocorrer. Por fim, citamos Geraldi (2012):

Na dimensão do envolvimento com os produtos da cultura, ensinar faz sentido se essa proposição promover a formação das pessoas, por meio da experiência e da vivência intensa, metódica e consistente com conhecimento em suas diversas formas de expressão. (GERALDI, 2012, p.43)

3.4. OBJETIVOS

3.4.1. Objetivos Gerais

Conhecer, a fim de desenvolver habilidades de leitura/escuta, produção textual e análise linguística convenientes à produção e leitura de contos (com principal ênfase nas características estilísticas específicas de autores africanos de língua portuguesa), as:

- a) **Características universais**, i.e., as características *socialmente esperadas* do gênero literário *conto*, quando enunciado em sua esfera de comunicação verbal (pois relativamente estável), naturalmente desenvolvidas ao longo de vários enunciados individuais – a saber: unidade de ação, tempo e espaço, predominância de diálogos, predominância da narração sobre a descrição etc.;
- b) **Características específicas** de cada um dos textos lidos em aula, que dizem respeito ao *estilo* do autor – a saber: configuração sintática; escolha lexical e desdobramentos semânticos; uso de modalizadores etc.

3.4.2. Objetivos Específicos

- Expandir o horizonte de expectativas dos alunos em relação ao gênero *conto*, através da leitura de autores pouco conhecidos no Brasil;

- Reconhecer o conto como produção relativamente estável, variável por conta dos diferentes autores, esferas de circulação e interesses ideológicos;
- Desenvolver habilidades e conhecimentos para a escrita e leitura de contos, através da observação dos progressos realizados na produção textual dos alunos e análise linguística;
- Aperfeiçoar a leitura (silenciosa e oral) dos gêneros discursivos *conto* e *poema*, a fim de expandir o repertório de leitura dos alunos, assim como desenvolver suas habilidades expressivas;
- Desenvolver o hábito de leitura enquanto atividade prazerosa e relevante para o aprimoramento da expressão textual (oral ou escrita), assim como para o amadurecimento intelectual dos estudantes;
- Desenvolver habilidades de avaliação textual a partir de critérios significativos e graficamente reconhecíveis.

3.5. CONHECIMENTOS ABORDADOS

Características que constituem o gênero literário *conto* (estrutura composicional, esfera de circulação, função social etc.); discussão e análise linguística dos textos concebidos na produção escrita; conceitos de análise linguística (coerência, coesão, modalizadores, catáfora, anáfora, tempos verbais, estilos de discurso, efeitos de sentido, figuras de linguagem etc.); leitura (oral e silenciosa) de textos nos gêneros *conto* e *poema*; estratégias de narração.

3.6. METODOLOGIA

3.6.1. Aulas

Apresentamos, nesta seção, o que planejávamos realizar em cada uma das aulas, de acordo com o nosso planejamento inicial. Os comentários concernentes ao desenvolvimento real das atividades estão no item 3.10 deste relatório.

Nas duas primeiras aulas, previstas para o dia 04/05, planejamos iniciar o encontro expondo nossa proposta de trabalho com o conto, salientando o modo como avaliaríamos os alunos durante o período de estágio, assim como todas as atividades previstas, culminando na final produção textual. A proposta de estágio seria entregue e lida em voz alta, na íntegra. Por

fim, os alunos receberiam alguns exemplares de contos impressos, a fim de que realizassem uma primeira aproximação com o estilo específico do conto africano em língua portuguesa (preferimos trabalhar com os autores mais acessíveis neste momento), a partir de uma breve leitura em dupla ou individual. A leitura se seguiria de uma breve discussão cujo objetivo era compreender as noções que os alunos por ventura já possuísem do gênero.

Na terceira aula, prevista para o dia 05/05, planejamos iniciar o trabalho de discussão da cultura africana em língua portuguesa, com foco em Angola (país de onde provem a maioria dos contos que seriam analisados ao longo do estágio). A princípio, assistiríamos ao vídeo *Os perigos de uma história única*, palestra proferida pela escritora Chimamanda Adichie, e para tanto precisaríamos nos deslocar para uma sala com projetor e acesso à internet, ou instalar o projetor na sala usual. Em seguida, faríamos uma discussão ampla, coordenada por nós, acerca dos pontos polêmicos suscitados pelo vídeo.

Nas quarta e quinta aulas, previstas para o dia 11/05, planejamos iniciar as atividades de leitura e interpretação de contos africanos (ainda num nível pouco estrutural/abstrato). Deslocaríamos a turma para uma sala com projetor ou instalaríamos um projetor na sala usual, e depois apresentaríamos a proposta do dia. Em seguida, apresentaríamos um dos autores que seriam lidos nesta aula, o escritor angolano Óscar Ribas. Depois partiríamos à leitura individual e silenciosa do conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas, que seria distribuído em folhas impressas. Depois de uma curta discussão a respeito dos aspectos temáticos observados no conto, partiríamos à comparação com outro gênero, a *memória*. Para tanto, apresentaríamos a escritora Isabela Figueiredo, e depois convidaríamos três alunos a selecionarem memórias aleatoriamente do livro de memórias escrito pela autora (projetado no quadro), a fim de que as lessem para a turma. Feitas as leituras, teceríamos uma comparação entre o conto e a memória (com o auxílio de um quadro esquemático projetado na lousa), a fim de destacar as características do primeiro.

Na sexta aula, prevista para o dia 12/05, realizaríamos uma aula de leitura e análise das estratégias discursivas que dizem respeito ao gênero *microconto*, a fim de compará-las àquelas que compõem o *conto*. Para tanto, iniciariamos a aula com um pequeno jogo: alguns alunos voluntários deveriam pegar, de um saco plástico, microcontos dobrados, e depois lê-los e comentá-los à turma. Em seguida, realizaríamos uma discussão coordenada com questões como “qual é o tamanho mínimo de uma narrativa?” e “um microconto é um conto?”. Por fim, para ilustrar de maneira sistemática a definição de conto que pretendíamos

explorar, reproduziríamos, no quadro, a síntese gráfica que Massaud Moisés insere em seu livro *A Criação Literária*.

Na sétima e oitava aulas, previstas para o dia 17/05, daríamos continuidade às atividades de leitura e interpretação de contos africanos (iniciadas em 11/05). Para tanto, deslocaríamos a turma para uma sala com projetor ou instalaremos um projetor na sala usual, e depois apresentariamos a proposta do dia. Em seguida, explicariamos o procedimento de leitura interpretada (cada aluno assumiria as falas de uma personagem) e partiríamos à leitura em voz alta do conto *Hebo*, de Óscar Ribas, projetado no quadro. Depois, faríamos uma breve discussão acerca dos aspectos temáticos que compõem o conto e faríamos uma incursão também nos aspectos composicionais, discutindo (com exemplos no quadro) estilos de discurso (direto, indireto e indireto livre). Por fim, proporíamos uma atividade de análise estilística e linguística com sete questões.

Nas nona e décima aulas, previstas para o dia 18/05, daríamos continuidade às atividades de leitura e interpretação de contos africanos (iniciadas em 11/05). Para tanto, apresentariamos a proposta do dia: como se trata de um conto relativamente grande, proporíamos aos alunos que realizassem a leitura do conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira (impresso), individualmente ou, no máximo, em duplas. Em seguida, coordenariamos uma discussão acerca dos aspectos temáticos que compõem o conto e daríamos continuidade à incursão analítica do estilo empregado pelo autor, buscando compreender as razões (*o projeto de dizer*) que levaram o autor a compor seu texto lançando mão dos elementos ali observados.

Na décima primeira aula, prevista para o dia 19/05, pretendíamos expandir a discussão da esfera escrita para a oral, apresentando também algumas narrativas por meio de vídeos. Para tanto, deslocaríamos a turma para uma sala com projetor ou instalaríamos o projetor na sala usual. Em seguida, apresentariamos a proposta e visualizaríamos o vídeo de Carlos Correia, *Contos tradicionais: o macaco da viola*. Depois de fazer alguns comentários breves ao vídeo, assistiríamos alguns outros, curtos, que os alunos escolhessem pelas sugestões do YouTube. Em seguida, coordenariamos uma discussão acerca dos tópicos suscitados pelos vídeos assistidos, enfatizando a importância atribuída à tradição oral de contar histórias, além de salientar pontos cruciais como “o que muda da oralidade para o texto escrito, na narrativa?”, ou “quais são os recursos utilizados pelo narrador oral?”. Por último, faríamos o encaminhamento de uma atividade para casa, através de uma folha impressa (entregue a cada

aluno), solicitando que, se possível, gravassem algum familiar ou conhecido contando uma história/causo, que seria visualizada/ouvida no dia 26/05, no laboratório de linguagens.

Nas décima segunda e décima terceira aulas, previstas para o dia 25/05, iniciariamos o encontro com uma “atividade de transição” que seria comum ao longo da segunda metade do estágio: faríamos a leitura-fruição do poema *Criar*, de Agostinho Neto. Em seguida, sem ligação com a atividade anterior, retomariamos as respostas dadas pelos alunos às questões de análise linguística realizadas no dia 17/05, a fim de aprofundar a discussão e aprimorar os mecanismos de análise. Depois, com objetivo de complementar a discussão de cunho estilístico, proporíamos uma sistematização de todos os aspectos estruturais do gênero conto observados até então, por meio de uma série de comparações entre definições sugeridas pela bibliografia consultada (de preferência, oporíamos as definições consultadas àquela defendida por Massaud Moisés).

Na décima quarta aula, prevista para o dia 26/06, nós nos deslocariamos para o laboratório de linguagens, onde faríamos a leitura-fruição do poema *Criar*, de Agostinho Neto. Logo em seguida, os alunos iriam apresentar à turma o áudio ou vídeo de contos que teriam recolhido, como requisitado pela atividade de casa. Assim, a aula se apresentaria como espaço de compartilhamento de contos pesquisados em casa, os quais cada aluno disponibilizaria para a turma.

Na décima quinta e na décima sexta aulas, previstas para o dia 01/06, os alunos novamente realizariam a leitura-fruição do poema *Criar*, de Agostinho Neto. Uma vez terminada a leitura coletiva, entregariamos a cada um dos estudantes o conto *Nas águas do tempo*, de Mia Couto, texto o qual seria lido em voz alta por alunos que se mostrassem dispostos a ler para a turma. Assim que a leitura estivesse terminada, os professores estagiários interpretariam, junto dos alunos, aspectos importantes da narrativa e da construção dos elementos estruturais, coesivos e etc. referentes ao conceito de conto defendido por Massaud Moisés – concomitantemente à interpretação, realizaríamos ligações e explicações da cultura e da ancestralidade presentes no texto.

Após a análise coletiva do conto e, também, das explicações da cultura e da ancestralidade africana aos alunos, verificariamos se o conto entregue aos alunos poderia ser analisado com base no quadro esquemático disponibilizado aos alunos em aulas anteriores. Assim, uma vez preenchido o quadro, os alunos seriam convidados a realizar uma avaliação escrita justificando o porquê da adequação do conto *Nas águas do tempo* às características da

tabela de análise proposta. Por fim, os minutos finais da aula seriam destinados ao esclarecimento de dúvidas e, também, à finalização da avaliação.

Na décima sétima e décima oitava aulas, previstas para o dia 02/06, os alunos realizariam a leitura-fruição do poema *O desomem*, de Murilo Mendes. Logo em seguida, sem ligação com o poema anterior, nós conversaríamos a respeito do conceito de conto e, principalmente, sobre como organizar o projeto de dizer para a produção do conto, assim, estas duas aulas seriam compostas pela explicação de como escrever um conto e, sobretudo, dos prolegômenos à escrita do conto.

Na décima nona e na vigésima aulas, previstas para o dia 07/06, nós novamente recitaríamos o poema *O desomem*, de Murilo Mendes, e logo em seguida retomaríamos a discussão das respostas dadas pelos alunos na avaliação realizada no dia 01/06. Terminada a discussão, realizaríamos a leitura coletiva de *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa. Uma vez a leitura finalizada, nós interpretaríamos coletivamente o texto, assim como procuraríamos identificar a aplicabilidade das características estruturais de conto no texto de Guimarães Rosa, por meio do quadro esquemático. Contudo, concomitantemente, realizaríamos associações e dissociações com o conto *Nas águas do tempo*, de Mia Couto, com o propósito de estreitar a leitura-interpretação dos contos africanos e dos brasileiros. Por fim, caso sobrasse tempo, nós reproduziríamos a música *A terceira margem do rio*, de Caetano Veloso, com o intuito de mostrar aos alunos as possíveis (re)produções que um texto pode gerar.

Nas vigésima primeira e vigésima segunda aulas, previstas para o dia 08/06, realizaríamos a leitura-fruição do poema *Certos pequenos tiranos*, de Conceição Lima, seguida de breve interpretação e contextualização histórica. Terminada a explicação, iniciariamos a correção em aula das inadequações dos aspectos linguísticos presentes na primeira versão da produção escrita do conto, realizada pelos alunos. Nós tentaríamos discutir, neste contexto, questões da variação linguística, estilística e da norma padrão, a fim de conscientizar os alunos dos usos devidos e indevidos que a língua pode ter em gêneros e contextos diferentes. Assim, uma vez a correção-conversa terminada, os alunos recomençariam a reescrever seus contos.

Nas vigésima terceira e vigésima quarta aulas, previstas para o dia 09/06, realizaríamos a leitura-fruição do poema *Certos pequenos tiranos*, de Conceição Lima. Uma vez a leitura terminada, continuaríamos concentrados na finalização da produção escrita do conto. Assim que os alunos tivessem terminado a produção do conto, eles digitariam o conto

nos computadores fornecidos pelo Colégio Aplicação e enviariam a versão digital finalizada ao e-mail dos professores estagiários.

Na vigésima quinta e vigésima sexta aulas, previstas para o dia 14/06, realizaríamos a leitura-fruição do poema *Certos pequenos tiranos*, de Conceição Lima. Assim que a leitura estivesse finalizada, entregaríamos aos alunos suas notas individuais e, uma vez terminada a entrega, organizaríamos a sala em círculo e começaríamos a socialização dos contos produzidos pelos alunos, por meio da projeção do retroprojetor, que disponibilizaria para todos a página do blog em que estariam publicados todos os contos da turma. Assim que a leitura de todos os contos estivesse finalizada, nós realizaríamos uma discussão de encerramento do estágio docência e nos despediríamos dos alunos.

3.6.2. Cronograma das aulas

SEMANA 1	
Quinta-feira (04/05)	<p>1ª e 2ª aulas:</p> <p>Introdução e leitura para fruição:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta de trabalho com o gênero <i>conto</i>, enfatizando a produção dos autores africanos; • Primeira aproximação com a literatura: leitura-fruição individual de alguns contos africanos impressos (pouca variedade: Mia Couto, Ondjaki; os mais acessíveis); • Breve discussão das características <i>superficiais</i> que observaram (cultura aparente, hábitos, linguagem, etc.).
Sexta-feira (05/05)	<p>3ª aula:</p> <p>Discussão da cultura africana (foco em Angola?):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visualização do vídeo de Chimamanda acerca da literatura africana; • Discussão no grande grupo dos pontos levantados pelo vídeo: colonialismo, racismo, cultura local, regionalismo literário, etc.;
SEMANA 2	
Quinta-feira (11/05)	<p>4ª e 5ª aulas:</p> <p>Leitura e conversa sobre o conto A, “Bango a Mussungu”, de Óscar Ribas; contraposição do gênero <i>conto</i> ao gênero <i>memória</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do autor do conto A; • Leitura “coordenada” do conto A (cada parágrafo será lido por um aluno), projetado no

	<p>quadro;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Breve discussão das características <i>superficiais</i> que observaram (cultura aparente, hábitos, linguagem, etc.); • Apresentação da autora das memórias, Isabela Figueiredo; • Leitura em voz alta de três memórias; • Discussão (com <u>quadro esquemático</u> projetado na lousa, que deve ser copiado no caderno) dos aspectos estruturais e discursivos que diferenciam as memórias e os contos lidos.
<p>Sexta-feira (12/05)</p>	<p>6ª aula: Leitura de <i>microcontos</i> e discussão;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura em voz alta de microcontos selecionados pelos professores-estagiários (cada aluno deve ler um selecionado aleatoriamente e comentar o que achou); • Discussão com o tema “microcontos podem mesmo ser considerados contos?”, a fim de salientar as características dos contos (que não estão ligadas à extensão); • Desenho, no quadro, de um gráfico explicativo da estrutura do conto (vide Massaud Moisés).
SEMANA 3	
<p>Quarta-feira (17/05)</p>	<p>7ª e 8ª aulas: Leitura e conversa sobre o conto C, “Hebo”, de Óscar Ribas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura “interpretada” do conto C (cada personagem será um aluno); • Análise oral dos aspectos <i>culturais</i>, <i>textuais</i> e <i>estilísticas</i> do texto, empregados pelo autor, destacando com que fim as utiliza e como atuam na formação do sentido textual; • Verificação de aplicação da ilustração esquemática de Massaud Moisés, referente à estrutura do conto; • [AVALIAÇÃO LEVE] Questionário com 7 perguntas relacionadas ao conteúdo estilístico e discursivo do conto <i>Hebo</i>, de Óscar Ribas.
<p>Quinta-feira (18/05)</p>	<p>9ª e 10ª aulas: Leitura e conversa sobre o conto B, “Estória da Galinha e do Ovo”, de Luandino Vieira:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do autor do conto B; • Leitura individual do conto B;

	<ul style="list-style-type: none"> Análise oral dos aspectos <i>culturais</i>, <i>textuais</i> e <i>estilísticas</i> do texto, empregados pelo autor, destacando com que fim as utiliza e como atuam na formação do sentido textual; Verificação de aplicação da ilustração esquemática de Massaud Moisés, referente à estrutura do conto.
Sexta-feira (19/05)	<p>11ª aula:</p> <p>Os desdobramentos do conto (da oralidade ao conto escrito):</p> <ul style="list-style-type: none"> Visualização do vídeo de Carlos Correia, https://youtu.be/ZioJ9AqWhzk; Visualização de outros contos narrados; Discussão dos vídeos e da tradição oral conhecida pelos alunos (<i>qual é a sua importância? A tradição oral faz parte da cultura dos alunos?</i>); Discussão das várias faces do conto: <i>o que muda da oralidade para o texto escrito? Quais são os elementos disponíveis ao narrador em um e outro caso?</i>; [TAREFA P/ CASA] Proposta de tarefa para casa (trazer na aula do dia 26/05): gravar (em qualquer formato) uma pessoa contando uma história/causo.
SEMANA 4	
Quinta-feira (25/05)	<p>12ª e 13ª aulas:</p> <p>Sistematização do gênero conto:</p> <ul style="list-style-type: none"> Recitação do poema <i>Criar</i>, de Agostinho Neto; Retomada e discussão das respostas dadas pelos alunos à atividade realizada no dia 17/05; Apresentação, por meio de leitura, de algumas definições de contos retiradas da bibliografia utilizada, comparando-as àquela empregada por Massaud Moisés e aos contos até então lidos.
Sexta-feira (26/05)	<p>14ª aula:</p> <p>Apresentação dos contos recolhidos pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Recitação do poema <i>Criar</i>, de Agostinho Neto; Apresentação, no laboratório de linguagens, dos contos/causos/etc. recolhidos pelos alunos; Contação espontânea (se possível) de algum causo/história, por parte de professores, alunos ou convidados.
SEMANA 5	
Quinta-feira	<p>15ª e 16ª aulas:</p> <p>Tópico especial: Ancestralidade África – Brasil; atividade avaliativa:</p>

(01/06)	<ul style="list-style-type: none"> • Recitação do poema <i>Criar</i>, de Agostinho Neto; • Leitura em grupo do conto D, “Nas águas do tempo”, de Mia Couto; • Apresentação sobre a ancestralidade na cultura afrodescendente; • Análise informal e falada (lendo e comentando) das características <i>textuais</i> e <i>estilísticas</i> do texto, empregadas pelo autor, destacando com que fim as utiliza e como atuam na formação do sentido textual; • Verificação de aplicabilidade do quadro esquemático (feito em 11/05) ao conto D. • [AVALIAÇÃO] Escrever um pequeno texto (em sala) definindo as características estruturais do conto <i>Nas águas do tempo</i>, de Mia Couto, que permitem compreendê-lo como conto.
Sexta-feira (02/06)	<p>17ª e 18ª aulas:</p> <p>Prolegômenos à escrita do conto e início da escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recitação do poema <i>O desonem</i>, de Murilo Mendes; • Discussão a respeito do que levar em conta quando se escreve um conto (como e para quem escrever, efeitos de sentido, uso consciente da linguagem, etc.). • Início da escrita do conto.
SEMANA 6	
Quarta-feira (07/06)	<p>19ª e 20ª aulas:</p> <p>Tópico especial: Ancestralidade África – Brasil; reescrita/continuação da avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recitação do poema <i>O desonem</i>, de Murilo Mendes; • Retomada e discussão das respostas dadas pelos alunos na avaliação realizada no dia 01/06; • Leitura em grupo do conto E de Guimarães Rosa, “A terceira margem do Rio”; • Discussão a respeito das associações possíveis com o conto D; • Análise informal e falada (lendo e comentando) das características <i>textuais</i> e <i>estilísticas</i> do texto, empregadas pelo autor, destacando com que fim as utiliza e como atuam na formação do sentido textual; • Verificação de aplicabilidade do quadro esquemático (feito em 11/05) ao conto E; • Reprodução (se sobrar tempo) da música “A terceira margem do rio”, de Caetano Veloso <https://www.youtube.com/watch?v=hoP22GNwibc>.
Quinta-	21ª e 22ª aulas:

feira (08/06)	Análise linguística e produção escrita do conto: <ul style="list-style-type: none"> • Recitação do poema <i>Certos pequenos tiranos</i>, de Conceição Lima; • Análise linguística (coletiva e expositiva) para auxílio no encaminhamento das produções, com base nas necessidades evidenciadas nos contos produzidos pelos alunos; • Continuação da produção escrita do conto.
Sexta- feira (09/06)	23ª e 24ª aulas: Reescrita do conto; digitação: <ul style="list-style-type: none"> • Recitação do poema <i>Certos pequenos tiranos</i>, de Conceição Lima; • Continuação da produção escrita do conto com atendimentos individuais; • Escrita do conto no computador (atividade individual) e envio por e-mail aos professores-estagiários.
SEMANA 7	
Quarta- feira (14/06)	25ª e 26ª aulas: Socialização dos contos e encerramento: <ul style="list-style-type: none"> • Entrega das notas individuais; • Socialização dos contos de cada aluno no blog online; • Nota de encerramento do estágio docência.

3.6.3. Recursos materiais

Cópias dos textos; quadro branco (disponível em sala); pincel atômico (disponível em sala); computador (com aparelho de áudio e projetor); vários livros.

3.7. PLANOS DE AULA

A seguir, apresentamos os planos de aula elaborados para cada uma das 26 aulas previstas em nosso projeto de docência (cada qual seguido por seus respectivos anexos).

3.7.1. Plano das aulas 1 e 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 1 E 2 (04/05 – Quinta-feira – 10:50 às 12:15 [1 h/a])

Tema: introdução ao projeto do estágio e leitura de contos por fruição.

Objetivo geral:

- Familiarizar-se com elementos discursivos e composicionais do *conto* através da leitura-fruição de vários exemplares de textos desse gênero.

Objetivos específicos:

- Conhecer o projeto de docência pela escuta atenta e ativa da leitura do texto de apresentação a ser realizada pelo professor estagiário responsável pela aula;
- Aproximar-se pela primeira vez do *corpus* de contos selecionados pelos professores-estagiários através de uma leitura-fruição aleatória de um ou mais desses textos.

Conteúdo:

- Características esperadas em um conto;
- Contexto de produção dos autores trabalhados;
- Elementos composicionais do conto (estrutura narrativa [unidade de ação], afastamento objetivo do narrador [gênero épico], tempos verbais típicos [*perfeito* para narrar e *imperfeito* para descrever], etc.).

Metodologia:

TEMPO (total: 90 min.)	ATIVIDADES
3 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Organização inicial da sala.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação da proposta de trabalho com o gênero conto (escrever o tema no quadro);• Leitura do texto de apresentação entregue aos alunos.
40 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Primeiras perguntas: <i>o que é um conto? Onde circula? Por que escrever um conto? Quem lê contos?</i>• Leitura-fruição (primeira aproximação) individual de alguns dos contos selecionados pelos professores-estagiários [pediremos aos alunos que <i>sublinhem</i> os verbos que encontrarem, considerando a discussão que se segue];• Discussão (em duplas) dos contos lidos [recomenda-se que um aluno explique ao outro o que leu e o que achou do conto].
20 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Demonstração das características (como tempos verbais predominantes, comprometimento com a realidade, etc.) que um leitor comum espera encontrar no conto (usando os textos lidos como exemplo), salientando os contextos em que aparecem e a intenção do autor em <i>fazer-se reconhecer</i> no gênero (<i>ter expectativas é saber como julgar</i>);• Demonstração da impossibilidade de rastrear as verdadeiras <i>intenções autorais</i> (muito comum em análises pragmáticas do cotidiano) na análise de contos (pela ausência de <i>contexto</i>, pela existência de um <i>narrador</i> e de um <i>narratário</i> indefinidos, por conta das <i>múltiplas interpretações possíveis</i> decorrentes deste panorama);• Breve discussão das características superficiais que os alunos e os professores-estagiários observaram nos

	contos lidos (cultura retratada, linguagem, etc.) – partir de <i>tópicos para reflexão</i> : “ <i>quais traços culturais foram identificados? Quais diferenças linguísticas?</i> ” etc.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Chamada e resposta às dúvidas.

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, texto de apresentação do projeto de docência [impresso], vários contos [impressos].

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos leem e discutem os textos lidos [conteúdo atitudinal e procedimental];
- Verificaremos se os alunos participam das discussões e salientam pontos que julgaram interessantes [conteúdo procedimental e conceitual].

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ANEXO 1 – TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE DOCÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1º ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

APRESENTAÇÃO DO PROJETO E DOS ESTAGIÁRIOS

Olá pessoal,

Hoje finalmente chegou o momento em que ministraremos nossas aulas a vocês. Nós, em primeiro lugar, gostaríamos de apresentar nossa metodologia de ensino, como também o conteúdo que juntos trabalharemos.

Nossas aulas serão organizadas em torno do gênero literário **conto**, com especial ênfase na produção de alguns escritores africanos como Óscar Ribas e Mia Couto. Este gênero possui algumas características particulares que são compartilhadas por todos os contos (sejam escritos ou falados); um exemplo é aquilo que o nome nos diz: o conto *conta* uma história (apenas uma!). Embora apareça principalmente em livros, nós podemos encontrar contos em blogs, redes sociais, revistas, jornais (principalmente nos jornais antigos), dentro de outras histórias, na boca do povo, etc. Essa grande elasticidade aparente provoca, muitas vezes, confusão nos leitores e estudiosos, a ponto de frequentemente nos perguntarmos: *afinal, o que é conto?* E embora não seja mesmo uma coisa fácil de definir, tentaremos desenvolver uma resposta ao longo destes encontros, que serão recheados de textos, histórias (lidas e contadas), além de poemas escolhidos por vocês e por nós.

Nas aulas de português aqui no CA, leremos, interpretaremos, associaremos e também escreveremos contos não como uma simples tarefa, mas com um propósito, como projeto de dizer particular de cada um, pois todo mundo tem o que contar, seja um momento triste, uma história maravilhosa, uma faísca de estranhamento na rotina. Por essas e outras, exercitaremos os mecanismos que a língua nos oferece para contarmos histórias da melhor maneira possível, considerando quem nos lê/escuta e nossos objetivos.

Quanto à nossa avaliação, será baseada na desenvoltura de vocês durante as aulas, na recitação de poemas, na leitura em voz alta (e em silêncio), na compreensão funcional dos recursos da língua, na resolução de exercícios, como também na **escrita de um conto**, ao fim do projeto, para fecharmos todos os nossos estudos.

Por fim, ressaltamos que vocês podem, a qualquer momento, nos procurar para esclarecer dúvidas, pedir dicas de leitura, livro, poema, música, opinião, etc.: estamos totalmente à disposição de vocês e esperamos que nossos encontros sejam prazerosos, oportunos, e que todos se envolvam nas atividades!

Gabriel Carvalho e Gabriel Esteves

3.7.2. Plano da aula 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DA AULA 3 (05/05 – Sexta-feira – 10:05 às 10:50 [1 h/a])

Tema: diferenças e especificidades da cultura africana (foco na cultura angolana).

Objetivo geral:

- Discutir as diferenças culturais entre os vários países da África (ênfatisando as especificidades de Angola), pela escuta atenta e ativa do vídeo de Chimamanda, *Os perigos de uma história única*.

Objetivos específicos:

- Discutir temas polêmicos, de caráter ético, como racismo e colonialismo (principalmente cultural), aproximando o quadro de alguns países africanos com o brasileiro;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa do vídeo de Chimamanda, *Os perigos de uma história única*, e da fala dos colegas e professores no momento de discussão das ideias suscitadas pelo vídeo;
- Expressar-se com clareza, objetividade e coerência na discussão das ideias suscitadas pelo vídeo.

Conteúdo:

- Características superficiais de algumas culturas africanas;
- Relações possíveis entre diferentes povos africanos;
- Impacto e desdobramentos do racismo e do colonialismo cultural;
- Os sentidos da fala do outro;
- Expressividade, clareza e coerência no uso oral da língua.

Metodologia:

TEMPO (total: 45 min.)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Deslocamento da turma para uma sala com projetor ou instalação do projetor na sala usual; ● Apresentação da proposta do dia.
20 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Visualização do vídeo de Chimamanda, <i>Os perigos de uma história única</i>.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Discussão livre (coordenada pelas questões dos professores-estagiários) acerca dos pontos levantados pelo vídeo.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Chamada (e retorno à sala de aula).

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, projetor, acesso à internet (YouTube) ou pendrive com vídeo.

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos assistem ao vídeo [conteúdo atitudinal], pela postura de escuta que demonstram;
- Verificaremos se os alunos participam da discussão e como argumentam ou demonstram suas opiniões [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual].

Referências bibliográficas:

Os perigos de uma história única. Palestra de Chimamanda Adichie. 19'16''. Disponível em: <<https://youtu.be/ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

3.7.3. Plano das aulas 4 e 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1º C (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 4 E 5 (11/05 – Quinta-feira – 10:50 às 12:15 [1 h/a])

Tema: leitura e discussão acerca do conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas, opondo-o às memórias de Isabela Figueiredo.

Objetivo geral:

- Comparar um conto de tradição angolana com textos do gênero *memórias*, a fim de melhor delimitar os aspectos discursivos, composicionais, expressivos e linguísticos de ambos.

Objetivos específicos:

- Conhecer os escritores Óscar Ribas e Isabela Figueiredo;
- Familiarizar-se com as características específicas do conto angolano, pela leitura do conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas;
- Destacar as influências da tradição oral na literatura escrita, pela identificação de marcas discursivas, estilísticas e linguísticas no conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas;
- Destacar as influências da cultura europeia na literatura angolana pela identificação de marcas discursivas, estilísticas e linguísticas no conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas;

- Ler, individual e silenciosamente, o conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas e três memórias de Isabela Figueiredo (em voz alta), identificando diferenças composicionais e discursivas entre os textos.

Conteúdo:

- Elementos composicionais do conto (estrutura narrativa [unidade de ação], afastamento objetivo do narrador [gênero épico], tempos verbais típicos [*perfeito* para narrar e *imperfeito* para descrever], etc.);
- Características específicas do conto tradicional escrito;
- Elementos da cultura angolana;
- Leitura oral e interpretativa de textos escritos;
- Expressividade, fluência, ritmo na leitura oral de conto e memórias.

Metodologia:

TEMPO (total: 90 min.)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento da turma para uma sala com projetor ou instalação do projetor na sala usual; • Chamada.
45 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta de trabalho com o conto; • Apresentação do autor Óscar Ribas; • Leitura individual e silenciosa do conto <i>Bango a Mussungu</i>, entregue em folhas impressas.
10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão dos aspectos temáticos observados no conto (hábitos, linguagem, ambientação, possíveis leitores, possíveis intenções estilísticas [via roteiro-do-professor, individual], etc.); [lembrar aos alunos que devem sempre anotar os pontos que discutimos em sala, pois nem sempre sistematizaremos todos os conteúdos].
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da autora Isabela Figueiredo; • Seleção aleatória de três memórias da autora; • Leitura em voz alta (cada aluno lê uma) das

	memórias projetadas no quadro.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação (com quadro esquemático na lousa [semi digital, preenchido com pincel atômico], para ser copiado) das características [estruturais ou não] que diferenciam a memória e o conto; • Comentários às diferenças discursivas (intenção autoral, ambiente de circulação, finalidade, etc.).

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, conto *Bango a Mussungu* [digital], memórias de Isabela Figueiredo [digital], quadro esquemático [digital].

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos leem e discutem os textos lidos [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual], considerando expressividade, entonação, fluência, clareza e coerência;
- Verificaremos se os alunos copiam o quadro esquemático e participam da sua elaboração [conteúdo procedimental e conceitual], considerando a adequação de suas intervenções.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ANEXO 1 – QUADRO COMPARATIVO CONTO-MEMÓRIA

	3.MU.	MEM.
O texto conta uma história?		
O narrador se preocupa em contar o começo, o meio e o fim da história?		
Há unidade de ação (só uma história)?		
Há unidade de espaço?		
Há unidade de tempo?		
O texto tem diálogos?		
Há predomínio de narração?		
Há predomínio de descrição?		
O texto é escrito em primeira pessoa?		
O texto é escrito em terceira pessoa?		
O narrador se envolve com a história que conta e dá suas opiniões?		
O texto é uma ficção?		

ANEXO 2 – CONTO *BANGO A MUSSUNGO*, DE ÓSCAR RIBAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1º ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

***Bango a Mussungo*, de Óscar Ribas**

Há quantos anos? Ninguém o sabe. Mas o que não suscita dúvida, é que esta história foi vivida em época remota, certamente antes da ocupação portuguesa. E o seu protagonista, apesar da camada de anos que sobre si se formou, ainda faz reflectir esse longínquo passado: na hereditariedade do eco, a lenda tem sabido manter a vitalidade de Bango a Mussungo.

Régulo duma importante região angolana, hoje designada pelo seu nome, possuía muitas terras, doze mulheres, e, arrebanhado pelo absolutismo, um povo inteiro. Era grande, grande em tudo: na ostentação, na crueldade. Seu poderio irradiava fama: todos falavam dele, as bocas abriam-se de horror.

Em seu ilimitado despotismo, os apetites confinavam com a loucura. Os escravos não lhe inspiravam o menor sentimento de humanidade, para ele constituíam seres inferiores, bichos como outros quaisquer. E por quê? Porque os adquiria com pouco dispêndio, quer em troca de irracionais, quer em caçadas resultantes das surtidas frequentes que ordenava, quer em aprisionamento dos vencidos nas lutas com outras tribos. Dispunha sempre de gente. Mas, pela sua abjecção, desprezava-os figadalmente — razão por que, quando se sentava ou se levantava, se apoiava a duas varas terminadas por um aguilhão, que espetava nos corações de dois escravos prosternados em cada lado da sua benza. E diariamente sacrificava tantos homens quanto o dobro das vezes que ocupava ou deixava o assento régio. Mas isso não lhe importava: as reservas não findavam, os servos conseguiam-se facilmente.

Em tamanha hediondez, as santas cordas não lhe vibravam: por dentro, dentro do peito, o sentir enregelara. Nem remorso, nem sombra de tristeza. Que apresentavam essas vidas de extraordinário? Porventura não se matavam os bois, os porcos, as galinhas e muitos outros animais? Portanto, também se podia matar os escravos. E então matava, o matar deliciava-o.

Fantásticos desejos, os desejos de Bango a Mussungo!

Numa conformidade estupenda, os vassallos suportavam-lhe os desatinos. Os comentários não passavam de murmurações, não fosse ele ouvi-los, vingar-se depois. E como ninguém ousasse notar-lhe o mal, as mortes sucediam-se interminavelmente: o pavor immobilizara os ânimos. Bango a Mussungu, para todos, personificava o Diabo.

Um dia, após inúmeras vítimas, ocorreu-lhe estranho pensamento: — os homens que matava, não voltavam a pedir-lhe contas. Por quê? Certamente se sentiam bem, o outro mundo devia suplantar este. Se suas almas não vinham reclamar vingança, essa região oferecia indubitavelmente um bem-estar apetecível. Assim, ele, Bango a Mussungu, uma vez enterrado também, poderia gozar maior influência: seria o rei desse país, seria o rei de tão ditoso povo. Com isto, sua reputação aumentaria, em esferas diferentes se tornaria conhecido.

Meditou, meditou bastante. E como a fosforescência do mar em noite de escuridão, desse escabroso meditar brotou a solução do enigma: construiria uma moradia subterrânea — três quartos e cozinha — confortá-la-ia com o indispensável, abastecê-la-ia de vitualhas, e, lá dentro, passaria a viver com uma de suas mulheres e dois escravos. Se Deus manda em cima, porque não mandaria ele em baixo?

Determina que se toque o punge: quer manifestar sua resolução, ouvir o parecer do povo. E todos comparecem na árvore da pela. O ambiente pesava de interrogações. Tratar-se-ia de mais uma guerra? Haveria o extermínio dos escravos? Que seria então?

Com os seus dois macotas, chega finalmente Bango a Mussungu. Instala-se na sua benza, em quibacas os acólitos, postados lateralmente. E, pausadamente, sonorosamente, expõe a formidável concepção.

O espectáculo, realçado por grandes fogueiras, irradiava assombro. A massa humana, condensada no assento térreo, sugeria colossal formigueiro. Em frente da presidência, conchegados uns aos outros, escutavam atentamente aquele singular discurso, de quando em quando repetido por um dos secretários.

Como de abismo em abismo, caíam de surpresa em surpresa à medida que Bango a Mussungu enunciava seu projecto. Por mais que forcejassem, não compreendiam nada daquele arrazoado. E baixinho se perguntavam se Bango a Mussungu tinha enlouquecido. E seus rostos, já alterados pelo espanto, mais alterados ficavam com o rubor das labaredas.

Os espíritos de seus antepassados — dizia Bango a Mussungu — haviam-lhe revelado coisas extraordinárias: um mundo desconhecido — o mundo subterrâneo, o mundo onde continuam a viver os que morrem na terra. Em cima, ninguém ignorava, existia o mundo governado por Deus. Mas o que todos desconheciam, assim como a ele sucedera igualmente, é que debaixo da terra estava um outro mundo. Ninguém duvidasse disso, os espíritos lho haviam dito. E a prova consistia em os mortos não voltarem, nem sequer para ajustar contas. E por quê? Porque se sentiam bem, tinham achado o que não conseguiram cá. E quem reinaria nesse mundo, seria ele, ele Bango a Mussungu. O que estava dizendo, pudessem acreditar, não era sonho, nem loucura também: era uma verdade, uma grande

verdade, uma verdade inspirada pelos seus avoengos. Sobre o caso, pensara muito durante dias, pensara muito durante noites. Por fim decidira-se: devia aceitar o cargo visionado, fora ele o eleito, certamente o primeiro homem predestinado para semelhante missão. Por quê? Não o sabia. Talvez pelo seu valor, talvez pela sua coragem. Enfim, fosse como fosse, havia sido indicado para governar esse mundo estranho. Deus continuaria a mandar no céu, debaixo da terra ficaria ele a mandar. Por essa razão, ia ordenar a construção duma vivenda subterrânea.

Enquanto discorria, o silêncio gelara o ambiente. Só o pasmo se acentuava no auditório: desde o princípio ao fim, em todos persistia a mesma interrogação: — Bango a Mussungo teria enlouquecido? Tivesse ou não, o caso é que os macotas, velhacamente, aprovaram seu propósito. Acharam muito bem a sua escolha para rei desse tal mundo e concordaram em que em tudo isso andava efectivamente o dedo de seus avós.

Com o apoio dos ministros, o povo, na mesma traiçoeira concordância, rompeu em aplausos, com calorosas felicitações lhe apeteceu brilhante reinado.

Bango a Mussungo, fervente de alegria, agradeceu as explosões congratulatórias e prometeu ser grande rei, maior ainda do que era. E a uala — em cabaças para a assembleia, numa sangazinha para o soba e cortesãos — regou, segundo a pragmática, tão extraordinária sementeira.

No dia seguinte, manda chamar homens, dá ordens. E um buraco, grande, muito grande, se vai abrindo. E os quartos nascem, e a residência de Bango a Mussungo fortalece, cada vez mais, a enormidade da estupefacção. Ninguém acredita no que vê. Tudo aquilo parecia mentira, embriaguez, sonho. Mas todos ansiam a conclusão das obras, convém que Bango a Mussungo não se dissuada: contra ele palpita um ódio profundo.

No veludo da noite, reluzem pedrarias. Sacudido por deliciosa febre, o terreiro da pela digere uma festa de arromba. É a despedida de Bango a Mussungo.

O povo, duplamente ébrio — ébrio do júbilo e ébrio das bebidas — estrebucha no desvario de infindáveis danças, solta gritos roucos, intimamente abençoa o momento inspirador da ideia. E homens e mulheres, jovens e velhos, ardem no vulcão do prazer. O instrumental — ngomas, puítas e catotelas — tange com fúria. O ambiente rasga-se numa tempestade.

Ao clarão de vistosos cremadeiros, sombras esquisitas se agitam no solo, com seus donos saracoteiam-se também, com eles duplicam o número dos dançantes. O regozijo não diminui, tudo mostrava caminhar bem. E Bango a Mussungo, feliz em sua benza, sorria para a multidão...

Em redor, como que participando do folguedo, a mata vibrava também: cantava a folhagem, bailavam as frondes. Com os arpejos eólicos, penetrante religiosidade melificava o ambiente, infinita interrogação manava do mistério. Mas os foliões, progressivamente fermentados, não ouviam o concerto da espessura: o burburinho — o coro das cantigas, as rebentações das gargalhadas, o marulho das vozes, o estridor das catotelas, o ronco das ngomas e puítas — aniquilava os sons estranhos à

diversão. Quem, principalmente, escutava a poética orquestração, era Bango a Mussungu. Para se despedir do amor terreno, ingerira afrodisíaca beberagem, e, quando seus olhos cupidinosos descobriam uma tentação, com a cobiça se eclipsava para um recanto predilecto da brenha.

Nesses únicos momentos, sua alma desprendia-se do corpo lânguido, e, impelida pela frágua da obsessão, peregrinava pelo orbe vislumbrado. Na fugaz permanência desta romântica alcova, Bango a Mussungu e outros incógnitos puderam ouvir a grandiosa sinfonia vegetal.

As luzernas, bem alimentadas a achas, erguiam-se bizarras, rindo no estalejar do combustível. Sua luz rosete, farolizando o recinto festivo, contribuía grandemente para o entusiasmo da turba. E, em constante mobilidade, as línguas adustas flectiam-se tresloucamente: iguais à gente do largo, iguais à ramaria da mata, outrossim foliavam em seu ameno foliar. Rolando para o infinito, o fumo exibia suas ténues volutas, como negrume atmosférico se confundia depois. E o luzeiro, com todo o seu cortejo de figurações e risadas, punha na folgança o mais vivo tom de esplendor, com as sombras duplicava o número de assistentes.

A noite atingia o ómega, suas jóias já se iam afundando no misterioso relicário. Da banda do oriente, esfarrapava-se o lúgubre crepe, de galas se vestia o firmamento. E suave luminosidade escorria como ósculo de mãe. Pardais, piriqitos e outros cantores alados saíam então dos ninhos, em estridente orfeão homenageavam o dia-menino. De mistura com a alacridade, rolinhas modulavam amorosamente, alguém do coração pareciam embalar.

Entretanto o povo, sempre batucando, ganhava magnetismo. Mas agora não era o gozo que o convulsionava, mas uma enervante expectativa: — e se ele mudasse de ideias? Para o lisonjear, saúdam:

— Parabéns, parabéns, Bango a Mussungu! Sede tão grande no outro mundo, os espíritos vos protejam!

Com tais manifestações, sua fisionomia mais se abre no ricto da alegria, e, enlevado, sorria, sorria...

Chega o momento anelado. Sob a determinação de Bango a Mussungu, o punga, com a sua buzina de corno de boi, suspende o folguedo. E todos, humildes, mas uma angústia no coração, sentam-se no solo, mesmo em frente de seu senhor.

— Vós, macotas e povo, vós todos que me ouvís, fixai bem o que vou dizer: quero que, todos os dias — estais a ouvir? — ides visitar-me na nova pela! Ninguém falte, a vontade do rei é uma ordem! — Recomenda Bango a Mussungu, arquejante de comoção.

À uma, explode a promessa de fidelidade. E, desoprimidos da primeira inquietação, acompanham-no em formidável cortejo.

Um frenesi galvaniza os corações. Mas será efectivamente verdade? Bango a Mussungu meter-se-á mesmo naquele buraco, assim como se fosse enterrado já depois de morto? Só vendo, só

vendo! A verdade lia-se na cara dele, sim, mas no coração podia estar escondida a mentira. Ah! Se ele realmente se enterrasse!...

Como derradeira homenagem, os ministros enfeitam seu soba de alocuções: qualificam-no de filho querido dos manes, um bom governo lhe apetece nesse mundo de mistério. Em apoteose, um coro dimana da multidão, como súplica de resgate se evola para o céu, como sinal de encomendação ressoa pelas choças do povoado. E Bango a Mussungo, alvoroçado, introduz-se na caverna, depois a mulher, por fim os escravos. E uma enorme laje, qual porta original, fecha o paço régio.

Na manhã seguinte, a população dirige-se à nova corte, e um macota, batendo na lousa, pergunta para dentro dum respiradouro:

— Bango a Mussungo, Bango a Mussungo, então como se tem dado por aí?

— Menos mal... Só a escuridão é que me não agrada.

No segundo dia, itera-se a romaria. E a mesma personagem, procedendo como na véspera, toma:

— Bango a Mussungo, Bango a Mussungo, então como se tem dado por aí?

— Isto, afinal, não é como eu supunha. Já estou a aborrecer-me. Se continuar assim, volto para junto de vocês.

Os romeiros entreolharam-se, trocaram falas em surdina, e um pensamento, igual em todos os cérebros, nasceu espontâneo: evitar a saída de Bango a Mussungo. Semelhante a uma epidemia, lavrou uma momice geral: caretearam, fizeram gestos descorteses, rosnaram impropérios. Ninguém o queria mais para rei, o descontentamento concebera o ódio.

Pais haviam restado sem filhos, filhos haviam restado sem pais, mulheres haviam restado sem homens. E por quê? Porque Bango a Mussungo só gostava de ver sangue, o matar constituía a lei de seu coração. Quem o queria, pois? Ninguém! Como semeara o mal, o mal devia colher.

Agora que estava debaixo da terra, debaixo da terra tivesse o prémio merecido. Assim o quisera. Sofresse, portanto, o golpe vibrado por suas próprias mãos.

Como poderiam apiedar-se de Bango a Mussungo, se ele nunca se compadecera de ninguém? Não, ele tinha que ficar nesse buraco, sua morada devia-lhe servir de sepultura. Todos estavam cheios de suas crueldades, longamente esperaram sua morte, e agora que chegara o momento suspirado, é que o iam socorrer para lhe prolongar a vida? Não! Pais haviam restado sem filhos, filhos haviam restado sem pais, mulheres haviam restado sem homens.

Quando lhe apetecia, mandava buscar mulher alheia, e, em vez de ser enforcado, como determinava o velho preceito sobre tamanho abuso do rei, desgraçadamente a execução recaía no marido que protestasse. Seus antecessores fizeram o mesmo, sim, mas ele excedera-os. E por causa do medo, fez o que lhe dava na gana. Para que o queriam? Permanecesse nessa cova para governar os mortos? E taparam o resfolegadouro.

No terceiro dia, a turba, mais interessada ainda, peregrina novamente ao real sepulcro. Destapado o orifício, o mesmo áulico repete a pergunta habitual:

— Bango a Mussungo, Bango a Mussungo, então como se tem dado por aí?

E uma rogativa brotou em fio:

— Aiué! Não posso continuar a viver aqui! Tirem essa pedra, quero sair, senão morro! Fartámo-nos de gritar, de pedir, mas ninguém acudiu! Aiué, depressa, depressa, tirem essa pedra, sinto morrer!

Como resposta, vedaram a abertura, e, antes que os singulares moradores tentassem ressuscitar, sobrepuseram calhaus.

Na romagem imediata, nem um ruído se ouviu. Pelo silêncio, inferiram que Bango a Mussungo já estivesse governando...

Esta circunstância, porém, não os aquietou totalmente, ainda receavam que sua alma, certamente transformada em diabo, arrombasse a pesada porta. Para obviarem ao temor, colocaram mais pedras, formaram um monumento megalítico, hoje desaparecido pela destruição dos homens, apenas restando a lápide primitiva.

Há quantos anos? Ninguém o sabe. Mas o que não suscita dúvida, é que esta história foi vivida em época remota, certamente antes da ocupação portuguesa. E o seu protagonista, apesar da camada de anos que sobre si se formou, ainda faz reflectir esse longínquo passado: na hereditariedade do eco, a lenda tem sabido manter a vitalidade de Bango a Mussungo.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

3.7.4. Plano da aula 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DA AULA 6 (12/05 – Sexta-feira – 10:05 às 10:50 [1 h/a])

Tema: Leitura de *microcontos* e discussão do gênero.

Objetivo geral:

- Verificar a relação entre os aspectos discursivos, composicionais, expressivos e linguísticos do gênero *conto* e aqueles do *microconto*.

Objetivos específicos:

- Delimitar mais precisamente os aspectos discursivos, composicionais, expressivos e linguísticos do gênero *conto*, pela leitura e análise de microcontos;
- Discutir os tamanhos de uma narrativa e suas razões, pela leitura e análise de microcontos;
- Sistematizar a compreensão das características do conto por meio de um desenho esquemático (retirado da *Criação Literária* de Massaud Moisés);
- Ler oralmente microcontos com clareza, entonação e fluência.

Conteúdo:

- Características do gênero *microconto*, assim como temas, espaços de circulação e intencionalidade;

- Limites dimensionais da contação de uma história;
- Expressividade, clareza, entonação e fluência na leitura oral de microcontos.

Metodologia:

TEMPO (total: 45 min.)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta do dia.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura em voz alta de alguns microcontos de vários autores, selecionados pelos professores-estagiários (cada aluno deve escolher aleatoriamente um dos microcontos enrolados numa sacola e comentar o que achou ou entendeu).
20 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão livre (coordenada pelos professores-estagiários) acerca das questões suscitadas pela leitura de microcontos (por exemplo, <i>qual é o tamanho mínimo de uma narrativa? Um microconto é um conto? Um conto pode ser encurtado e tornar-se microconto? Como aumentar o tamanho de um conto?</i> etc.); • Desenho, no quadro, da síntese gráfica realizada por Massaud Moisés, no livro <i>A Criação Literária</i>, acompanhado de explicação; • Verificação da aplicabilidade da síntese gráfica aos microcontos lidos.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Chamada.

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, microcontos [impressos] dobrados numa sacola.

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos leem os microcontos e se esforçam para compreendê-los [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual];
- Verificaremos se os alunos participam da discussão e como expõem suas ideias [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual];

- Verificaremos se os alunos se voluntariam a ler os microcontos [conteúdo atitudinal e procedimental];
- Verificaremos se os alunos copiam o desenho sintético de Massaud Moisés [conteúdo atitudinal e procedimental].

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irlandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

REVISTA BULA. *De Kafka a Hemingway: 30 microcontos de até 100 caracteres*. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/1787-30-contos-de-ate-100-caracteres/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ANEXO 1 – MICROCONTOS SELECIONADOS

Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.

Augusto Monterroso

Vende-se: sapatinhos de bebê nunca usados.

Ernst Hemingway

Tempo. Inesperadamente, inventei uma máquina do

Alan Moore

Um homem, em Monte Carlo, vai ao cassino, ganha um milhão, volta para casa, se suicida.

Anton Tchekhov

O suicida era tão meticuloso que teve que refazer diversas vezes o nó da corda para se enforcar.

Carlos Seabra

Uma gaiola saiu à procura de um pássaro.

Franz Kafka

O homem estava invisível, mas ninguém percebeu.

José Maria Merino

Fui me confessar ao mar. O que ele disse? Nada.

Lygia Fagundes Telles

Morreu.

Marcelo Rota

Alzheimer: conhecer novas pessoas todos os dias.

Phil Skversky

Eu perguntei. Eles responderam. Eu escrevi.

Sebastian Junger

Eu ainda faço café para dois.

Zak Nelson

3.7.5. Plano das aulas 7 e 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1º C (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 7 E 8 (17/05 – Quarta-feira – 10:30 às 11:50 [1 h/a])

Tema: leitura, discussão e análise estilística e linguística do conto *Hebo*, de Óscar Ribas.

Objetivo geral:

- Fazer a leitura-estudo do conto *Hebo*, de Óscar Ribas, a fim de expandir o conhecimento dos aspectos que constituem o gênero *conto* e das técnicas expressivas utilizadas pelo autor.

Objetivos específicos:

- Familiarizar-se com as características específicas do conto angolano;
- Familiarizar-se com as características específicas do conto angolano, pela leitura do conto *Hebo*, de Óscar Ribas;
- Destacar as influências da tradição oral na literatura escrita, pela identificação de marcas discursivas, estilísticas e linguísticas no conto *Hebo*, de Óscar Ribas;
- Destacar as influências da cultura europeia na literatura angolana pela identificação de marcas discursivas, estilísticas e linguísticas no conto *Hebo*, de Óscar Ribas;
- Ler, oralmente e de forma jogralizada, o conto *Hebo*, de Óscar;
- Responder às questões de análise linguística e estilística referentes ao conto *Hebo*, de Óscar Ribas.

Conteúdo:

- Elementos composicionais do conto (estrutura narrativa [unidade de ação], afastamento objetivo do narrador [gênero épico], tempos verbais típicos [*perfeito* para narrar e *imperfeito* para descrever], etc.);
- Aspectos estilísticos e linguísticos empregados pelo autor Óscar Ribas;
- Características específicas do conto tradicional escrito;
- Elementos da cultura angolana;
- Leitura oral e interpretativa de textos escritos;
- Expressividade, fluência, ritmo na leitura oral de contos escritos.

Metodologia:

TEMPO (total: 80 min.)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Deslocamento da turma para uma sala com projetor ou instalação do projetor na sala usual;● Chamada.
20 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Apresentação da proposta de trabalho com o conto;● Explicação do procedimento de leitura interpretada;● Seleção dos leitores-personagens [narrador, Hebo, desconhecido, mandingueiro];● Leitura interpretada do conto <i>Hebo</i>, projetado no quadro.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Discussão das características temáticas observadas no conto (hábitos, linguagem, ambientação, etc.);● Verificação da aplicabilidade, no conto <i>Hebo</i>, dos pontos apresentados no desenho sintético de Massaud Moisés;● Escrita no quadro de uma mesma frase nos estilos <i>direto</i>, <i>indireto</i> e <i>indireto livre</i>, destacando as particularidades de cada uso (fazer menção a Platão).
40 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Apresentação da proposta de atividade por meio da leitura em voz alta (realizada pelo professor

	responsável) do roteiro da própria atividade (entregue aos alunos), acompanhado do conto impresso; <ul style="list-style-type: none"> ● Escrita da atividade.
--	--

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, conto *Hebo* [digital e impresso], encaminhamento da atividade [impresso].

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos leem e discutem o conto lido [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual], e também pela pertinência de suas observações;
- Verificaremos as atividades realizadas pelos alunos [conteúdo procedimental e conceitual], considerando a pertinência das respostas dadas a cada questão.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ANEXO 1 – ENCAMINHAMENTO DA ANÁLISE ESTILÍSTICA E LINGUÍSTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1º ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

ANÁLISE ESTILÍSTICA E LINGUÍSTICA DO CONTO *HEBO*, DE ÓSCAR RIBAS

1. Releia os dois primeiros parágrafos do conto. Podemos perceber, realizando a leitura destes parágrafos introdutórios, que a maioria dos verbos aparecem no tempo *imperfeito*. Por que você acha que o autor escolheu usar este tempo verbal para introduzir sua narrativa?
2. Existe uma mudança muito importante nos verbos do terceiro parágrafo, em relação aos utilizados nos dois anteriores (predominantemente *descritivos*), que nos diz que *a narrativa realmente começou*. Destaque esta mudança e cite um exemplo.
3. Existe, no conto, em relação às manifestações discursivas das personagens, uma predominância do estilo direto, indireto, ou indireto livre? Cite pelo menos um exemplo que justifique sua resposta.
4. Expressões como “ih!”, “ai!”, “ala!”, “aiué!” e “hum!” aparecem frequentemente nas falas das personagens. Em sua opinião, estas expressões são mais comuns em contextos formais ou informais de uso da língua? Por que você acha que o autor se utiliza delas em seu conto?
5. Na primeira página, no trecho “aquela cachinada, aquela grossaria, deviam voltar-se contra ela”, podemos dizer que o desconhecido *fala através do narrador*? Se sim, em quais outras passagens do conto podemos identificar o mesmo fenômeno?

6. Ao longo da maior parte do conto, a narrativa se desenrola com verbos no tempo *presente*, embora a maioria das histórias narradas utilize verbos conjugados no tempo *perfeito*. Que efeitos você acha que o uso do tempo presente, numa narrativa, provoca no leitor?

7. A *repetição* (ou *paralelismo*), como observamos no conto *Bango a Mussungu*, é um elemento extremamente comum nos contos folclóricos e pode aparecer de diferentes maneiras (como “desafios”, como “objetos mágicos”, “canções”, etc.). Você acha que Óscar Ribas, neste conto, também se utilizou de repetições? Se sim, justifique sua resposta com um exemplo.

ANEXO 3 – CONTO *HEBO*, DE ÓSCAR RIBAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1º ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

***Hebo*, de Óscar Ribas**

Empolgada pela magia da tarde, Hebo, sentada à porta de casa, perspectivava-se nos estonteantes painés da ventura. Via-se mulher de esbelto e rico homem, vivendo à grande, com muitos servos para a desobrigarem do trabalho. Em sua vaidade, o bem-estar tinha de condizer com sua notável beleza.

Entretanto grandes senhores já a haviam pretendido. Mas nenhum conseguiu cativar seu coração. Apesar das valiosas prendas, rejeitava-os com indiferença. Seria Hebo insensível ao amor? — Perguntavam eles admirados. Não: é que nem todas as chaves abrem a mesma fechadura.

Ainda Hebo se achava nessa volúpia, quando um estranho, para experimentar sua famosa presunção, dela se abeira e uma brasa lhe pede para o cachimbo. Notando seu humilde aspecto, Hebo solta uma risada de escárnio:

— Ih! Estás maluco? Queres então que me levante para te dar fogo?

— Aiii! Levantares-te para me dar fogo, é desprezo? — Redargue o homem.

— Ala! Não me faças barulho! Nem aos teus senhores eu me rebaixo, quanto mais a ti, que estás a cheirar a gato bravo! Sai do caminho! Afasta-te de mim! Atrevido!

O desconhecido retirou-se. Mas na humilhação nasceu a ideia da desafronta. Contara com a recusa, sim, mas nunca com o aviltamento. Portanto, urgia procurar um quimbanda: aquela cachinada, aquela grossaria, deviam voltar-se contra ela.

Para colher o fruto desopressor, sorve longuidões de caminhos, aspira o hálito pesado de dias inteiros.

— Quero essa mulher, mas sem me declarar. Portanto, não me dês quilemba, nem dixícane, nem coisas assim... — Recomenda ao mandingueiro.

Praticado o rito conveniente, a cabala soa numa ordem:

— Transforma-te em pássaro, com os fortes dedos rouba essa rapariga.

Numa súbita metamorfoseação, o vingador, pesadamente, vagorosamente, vai-se elevando no espaço. E pela agitação das formidáveis asas, lá seguiu no seu voo, grasnando de vez em quando:

— Cá vou eu... cá vou eu... cá vou eu para a vingança...

Vendo aquela enorme ave, ouvindo aquele singular grasnido, o povo aterroriza-se. Que significava semelhante aparição? Que presságio anunciava? Que coisa, Senhor Deus, que coisa nunca vista!

— Para longe vá o agouro! — Exorcismava com os indicadores em cruz.

Mas o volátil, invulnerável a esconjuros, continuava sempre avante:

— Cá vou eu... cá vou eu... cá vou eu para a vingança...

Era noite quando chegou ao povoado de Hebo. Pousando numa árvore próxima de sua casa, dentro do silêncio despeja uma cantiga:

*Cá estou eu, ó bela Hebo,
Cá estou eu para te levar.
Levanta-te, comigo partirás.*

A donzela, acordando, estremece de susto. Que tinha ouvido? Seria sonho? Mas a ave não tardou a repetir a sinistra canção:

*Cá estou eu, ó bela Hebo,
Cá estou eu para te levar.
Levanta-te, comigo partirás.*

O medo aumenta, quer explodir num grito. Mas a voz não saía. Na pressão, procura a fuga muscular. Mas as pernas não obedeciam.

Na sua insistência ameaçadora, a ave tornou a cantar:

*Não ouves a minha voz?
Avia-te, senão esgano-te!*

Quebrando os grilhões do pavor, Hebo levanta-se, mas, ainda não liberta da tontura, maquinalmente arruma a trouxa para sair, tal como o irracional, imanizado pelo olhar da serpente, se lhe mete pela boca dentro. De repente, desperta da atonia mental. Corre ao quarto dos pais. Então, chorosa, sacode-os com violência:

— Meu pai, minha mãe, acordem, um pássaro quer-me levar!

Mas os pais não a ouviam. Dormiam, dormiam profundamente. Seu sono, que horror! Semelhava o sono da morte.

Com a mesma lugubridade, a canção feriu-a novamente:

Não ouves a minha voz?

Avia-te, senão esgano-te!

No borbulhar da angústia, Hebo galga o compartimento dos irmãos, em idêntica protecção se dilacera:

— Meus irmãos, acordem, acordem que me querem matar!

Mas os irmãos não a ouviam. Também dormiam, também dormiam profundamente. Seu sono, ai! também semelhava o sono da morte.

Fora, a ave agitou-se medonhamente. Que desgraçada, ficar sem socorro! Num arrimo de desespero, Hebo deita a bradar:

— Vizinhos, vizinhos, venham salvar-me, um pássaro quer-me levar!

Mas os vizinhos não vinham. Como os pais, como os irmãos, dormiam, dormiam profundamente. Seu sono, ó espíritos do Além! igualmente semelhava o sono da morte.

Com um extraordinário barulho de penas, a ave voa para cima da casa, descolma a cobertura, arrebata a pobre moça.

De manhã, o pasmo enche a vivenda. O tecto com urna grande abertura! Hebo sem se encontrar! Que teria sucedido?

Os clamores atraem a vizinhança, o ar doméstico tempestua de perguntas e respostas. E nesse temporal de exclamações, uma velha, qual sol desfazendo a bruma, repete as terríveis canções. Não chamara ninguém, o terror a petrificara.

— Por causa do seu desdém, um feiticeiro a roubou! — Concluem todos.

Alvorecia quando a ave desceu a certa povoação. Ainda atordoada, Hebo viu-a humanizar-se, e, estupefacta, reconheceu o indivíduo que maltratara.

— Conheces-me? — Expande-se numa gargalhada.

— Aiué! Não me mate só! Perdoe-me já!

— Estás a tremer? De mim que cheiro a gato bravo? Não fiques só com medo, não te vou matar: o gato bravo só come galinhas, não como gente...

— Perdoe-me já, senhor! Tem razão!

— Hum! Olha a cara dela! Tanta vaidade!... Pois fica sabendo: quem vai amigar-se contigo, sou eu — batia a mão no peito — eu que cheiro a gato bravo! Ouviste? É só para te tirar o atrevimento!

Anos volvidos, o ex-passarão, já pai de três filhos, apresenta-se com a mulher e prole à família de Hebo. E então historiou-lhe a sua vingança, brindou-a com o tradicional alembamento.

Como prémio de sua arrogância, Hebo cingia agora a coroa da humildade.

(Popular)

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

3.7.6. Plano das aulas 9 e 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 9 E 10 (18/05 – Quinta-feira – 10:50 às 12:15 [1 h/a])

Tema: leitura e discussão acerca do conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira.

Objetivo geral:

- Fazer a leitura-estudo do conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira, a fim de expandir o conhecimento dos aspectos que constituem o gênero *conto* e das técnicas expressivas utilizadas pelo autor.

Objetivos específicos:

- Familiarizar-se com as características específicas do conto angolano, pela leitura do conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira;
- Destacar as influências da tradição oral na literatura escrita, pela identificação de marcas discursivas, estilísticas e linguísticas no conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira;
- Destacar as influências da cultura europeia na literatura angolana pela identificação de marcas discursivas, estilísticas e linguísticas no conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira;
- Ler, em silêncio e de forma individual, o conto *Estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira.

Conteúdo:

- Elementos composicionais do conto (estrutura narrativa [unidade de ação], afastamento objetivo do narrador [gênero épico], tempos verbais típicos [*pretérito perfeito* para narrar e *pretérito imperfeito* para descrever], etc.);
- Aspectos estilísticos e linguísticos empregados pelo autor Luandino Vieira;
- Características específicas do conto tradicional escrito;
- Elementos da cultura angolana.

Metodologia:

TEMPO (total: 90 min.)	ATIVIDADES
70 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Apresentação da proposta de trabalho com o conto;● Apresentação do autor Luandino Vieira;● Entrega do conto impresso aos alunos;● Leitura silenciosa e individual do conto <i>A estória da galinha e do ovo</i> [solicitar aos alunos que, enquanto leem, circulem as palavras ou expressões que não conhecem, tentando formular hipóteses para o sentido pelo contexto de ocorrência];● Chamada (enquanto os alunos leem).
20 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Discussão das características temáticas observadas no conto (hábitos, linguagem, ambientação, etc.);● Análise oral das características <i>textuais, discursivas</i> [<i>para quem o autor escreve? Se escreve não para o povo, por que insere elementos da narração oral?</i>] <i>estilísticas</i> empregadas pelo autor [via roteiro-do-professor, individual], destacando o possível fim com que as utiliza e como atuam na formação do sentido textual [ênfase na recuperação das palavras circuladas];● Verificação da aplicabilidade, no conto <i>Estória da galinha e do ovo</i>, dos pontos apresentados no desenho sintético de Massaud Moisés.

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, conto *Estória da galinha e do ovo* [impresso].

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos leem e discutem o texto lido [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual], pela pertinência de suas intervenções.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ANEXO 1 – CONTO *ESTÓRIA DA GALINHA E DO OVO*, DE LUANDINO VIEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1º ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

Estória da galinha e do ovo, de Luandino Vieira

*Para Amorim e sua ngoma:
sonoros corações da nossa
terra.*

A estória da galinha e do ovo. Estes casos passaram na musseque Sambizanga, nesta nossa terra de Luanda.

Foi na hora das quatro horas.

Assim como, às vezes, dos lados onde o sol fimba³ no mar, uma pequena e gorda nuvem negra aparece para correr no céu azul e, na corrida, começa a ficar grande, a estender braços para todos os lados, esses braços a ficarem outros braços e esses ainda outros mais finos, já não tão negros, e todo esse apressado caminhar da nuvem no céu parece os ramos de muitas folhas de uma mulemba velha, com barbas e tudo, as folhas de muitas cores, algumas secas com o colorido que o sol lhes põe e, no fim mesmo, já ninguém que sabe como nasceram, onde começaram, onde acabam essas malucas filhas da nuvem correndo sobre a cidade, largando água pesada e quente que traziam, rindo compridos e tortos relâmpagos, falando a voz grossa de seus trovões, assim, nessa tarde calma, começou a confusão.

Sô Zé da quitanda tinha visto passar nga Zefa rebocando miúdo Beto e avisando para não adiantar falar mentira, senão ia-lhe pôr mesmo jindungo na língua. Mas o monandengue refileva, repetia:

— Juro, sangue de Cristo! Vi-lhe bem, mamã, é a Cabíri!...

³ Fimbar — mergulhar na água.

Falava verdade como todas as vizinhas viram bem, uma gorda galinha de pequenas penas brancas e pretas, mirando toda a gente, desconfiada, debaixo do cesto ao contrário onde estava presa. Era essa a razão dos insultos que nga Zefa tinha posto em Bina, chamando-lhe ladrona, feiticeira, queria lhe roubar ainda a galinha e mesmo que a barriga da vizinha já se via, com o mona lá dentro, adiantaram pelejar.

Miúdo Xico é que descobriu, andava na brincadeira com Beto, seu mais novo, fazendo essas partidas vavô Petelu tinha-lhes ensinado, de imitar as falas dos animais e baralhar-lhes e quando vieram no quintal de mamã Bina pararam admirados. A senhora não tinha criação, como é ouvia-se a voz dela, pi, pi, pi, chamar galinha, o barulho do milho a cair no chão varrido? Mas Beto lembrou os casos já antigos, as palavras da mãe queixando no pai quando, sete horas, estava voltar do serviço:

— Rebento-lhe as fuças, João! Está ensinar a galinha a pôr lá!

Miguel João desculpava sempre, dizia a senhora andava assim de barriga, você sabe, às vezes é só essas manias as mulheres têm, não adianta fazer confusão, se a galinha volta sempre na nossa capoeira e os ovos você é que apanha... Mas nga Zefa não ficava satisfeita. Arreganhava o homem era um mole e jurava se a atrevida tocava na galinha ia passar luta.

— Deixa, Zefa, pópilas! — apaziguava Miguel. — A senhora está concebida então, homem dela preso e você ainda quer pelejar? Não tens razão!

Por isso, todos os dias, Zefa vigiava embora sua galinha, via-lhe avançar pela areia, ciscando, esgaravatando a procurar os bichos de comer, mas, no fim, o caminho era sempre o mesmo, parecia tinha-lhe posto feitiço: no meio de duas aduelas caídas, a Cabíri entrava no quintal da vizinha e Zefa via-lhe lá debicando, satisfeita, na sombra das frescas mandioqueiras, muitas vezes Bina até dava-lhe milho ou massambala⁴. Zefa só via os bagos cair no chão e a galinha primeiro a olhar, banzada, na porta da cubata onde estava sair essa comida; depois começava apanhar, grão a grão, sem depressa, parecia sabia mesmo não tinha mais bicho ali no quintal para disputar os milhos com ela. Isso nga Zefa não refileva. Mesmo que no coração tinha medo, a galinha ia se habituar lá, pensava o bicho comia bem e, afinal, o ovo vinha-lhe pôr de manhã na capoeira pequena do fundo do quintal dela...

Mas, nessa tarde, o azar saiu. Durante toda a manhã, Cabíri andou a passear no quintal, na rua, na sombra, no sol, bico aberto, sacudindo a cabeça ora num lado ora noutra, cantando pequeno na garganta, mas não pôs o ovo dela. Parecia estava ainda procurar melhor sítio. Nga Zefa abriu a porta da capoeira, arranjou o ninho com jeito, foi mesmo pôr lá outro ovo, mas

⁴ Massambala — sorgo; grama.

nada. A galinha queria lhe fazer pouco, os olhos dela, pequenos e amarelos, xucululavam na dona, a garganta do bicho cantava, dizendo:

*... ngala ngó ku kakela⁵
ká... ká... ká... kakela, kakela...*

E assim, quando miúdo Beto veio lhe chamar e falou a Cabíri estava presa debaixo dum cesto na cubata de nga Bina e ele e Xico viram a senhora mesmo dar milho, nga Zefa já sabia: a sacrista da galinha tinha posto o ovo no quintal da vizinha. Saiu, o corpo magro curvado, a raiva que andava guardar muito tempo a trepar na língua, e sô Zé da quitanda ficou na porta a espiar, via-se bem a zanga na cara da mulher.

Passou luta de arranhar, segurar cabelos, insultos de ladrona, cabra, feiticeira. Xico e Beto esquivaram num canto e só quando as vizinhas despartaram é que saíram. A Cabíri estava tapada pelo cesto grande mas lhe deixava ver parecia era um preso no meio das grades. Olhava todas as pessoas ali juntas a falar, os olhos pequenos, redondos e quietos, o bico já fechado. Perto dela, em cima de capim posto de propósito, um bonito ovo branco brilhava parecia ainda estava quente, metia raiva em nga Zefa. A discussão não parava mais. As vizinhas tinham separado as lutadoras e, agora, no meio da roda das pessoas que Xico e Beto, teimosos e curiosos, queriam furar, discutiam os casos.

Nga Zefa, as mãos na cintura, estendia o corpo magro, cheio de ossos, os olhos brilhavam assanhados, para falar:

— Você pensa eu não te conheço, Bina? Pensas? Com essa cara assim, parecez és uma sonsa, mas a gente sabe!... Ladrona é o que você é!

A vizinha, nova e gorda, esfregava a mão larga na barriga inchada, a cara abria num sorriso, dizia, calma, nas outras:

— Ai, vejam só! Está-me disparatar ainda! Vieste na minha casa, entraste no meu quintal, quiseste pelear mesmo! Sukuama! Não tens respeito, então, assim com a barriga, nada?!

— Não vem com essas partes, Bina! Escusas! Querias me roubar a Cabíri e o ovo dela!

— Ih?! Te roubar a Cabíri e o ovo!? Ovo é meu!

Zefa saltou na frente, espetou-lhe o dedo na cara:

— Ovo teu, tuji! A minha galinha é que lhe pôs!

— Pois é, mas pôs-lhe no meu quintal!

⁵ Ngala ngó ku kakela — estava apenas a cacarejar.

Passou um murmúrio de aprovação e desaprovação das vizinhas, toda a gente falou ao mesmo tempo, só velha Bebeca adiantou puxar Zefa no braço, falou sua sabedoria:

— Calma então! A cabeça fala, o coração ouve! Pra quê então, se insultar assim? Todas que estão falar no mesmo tempo, ninguém que percebe mesmo. Fala cada qual, a gente vê quem tem a razão dela. Somos pessoas, sukua', não somos bichos!

Uma aprovação baixinho reforçou as palavras de vavó e toda a gente ficou esperar. Nga Zefa sentiu a zanga estava-lhe fugir, via a cara das amigas à espera, a barriga saliente de Bina e, para ganhar coragem, chamou o filho:

— Beto, vem ainda!

Depois, desculpando, virou outra vez nas pessoas e falou, atrapalhada:

— É que o monandengue viu...

Devagar, parecia tinha receio das palavras, a mulher de Miguel João falou que muito tempo já estava ver a galinha entrar todos os dias no quintal da outra, já sabia essa confusão ia passar, via bem a vizinha a dar comida na Cabíri para lhe cambular. E, nesse dia — o mona viu mesmo e Xico também —, essa ladrona tinha agarrado a galinha com a mania de dar-lhe milho, pôs-lhe debaixo do cesto para adiantar receber o ovo. A Cabíri era dela, toda a gente sabia e até Bina não negava, o ovo quem lhe pôs foi a Cabíri, portanto o ovo era dela também.

Umaz vizinhas abanaram a cabeça que sim, outras que não, uma menina começou ainda a falar no Beto e no Xico, a pôr perguntas, mas vavó mandou-lhes calar a boca.

— Fala então tua conversa, Bina! — disse a velha na rapariga grávida.

— Sukuama! O que é eu preciso dizer mais, vavó? Toda a gente já ouviu mesmo a verdade. Galinha é de Zefa, não lhe quero. Mas então a galinha dela vem no meu quintal, come meu milho, debica minhas mandioqueiras, dorme na minha sombra, depois põe o ovo aí e o ovo é dela? Sukua'! O ovo foi o meu milho que lhe fez, pópilas! Se não era eu dar mesmo a comida, a pobre nem que tinha força de cantar... Agora ovo é meu, ovo é meu! No olho!...

Virou-lhe o mataco, pôs uma chapada e com o indicador puxou depois a pálpebra do olho esquerdo, rindo, malandra, para a vizinha que já estava outra vez no meio da roda para mostrar a galinha assustada atrás das grades do cesto velho.

— Vejam só! A galinha é minha, a ladrona mesmo é que disse. Capim está ali, ovo ali. Apalpem-lhe! Apalpem-lhe! Está mesmo quente ainda! E está dizer o ovo é dela! Makutu!⁶ Galinha é minha, ovo é meu!

⁶ Makutu! — mentira!

Novamente as pessoas falaram cada qual sua opinião, fazendo um pequeno barulho que se misturava no xaxualhar das mandioqueiras e fazia Cabíri, cada vez mais assustada, levantar e baixar a cabeça, rodando-lhe, aos saltos, na esquerda e direita, querendo perceber, mirando as mulheres. Mas ninguém que lhe ligava. Ficou, então, olhar Beto e Xico, meninos amigos de todos os bichos e conhecedores das vozes e verdades deles. Estavam olhar o cesto e pensavam a pobre queria sair, passear embora e ninguém que lhe soltava mais, com a confusão. Nga Bina, agora com voz e olhos de meter pena, lamentava:

— Pois é, minhas amigas! Eu é que sou a sonsa! E ela que estava ver todos os dias eu dava milho na galinha, dava massambala, nada que ela falava, deixava só, nem obrigado... Isso não conta? Pois é! Querias!? A galinha gorda com o meu milho e o ovo você é que lhe comia?!...

Vavó interrompeu-lhe, virou nas outras mulheres — só mulheres e monas é que tinha, nessa hora os homens estavam no serviço deles, só mesmo os vadios e os chulos estavam dormir nas cubatas — e falou:

— Mas então, Bina, você queria mesmo a galinha ia te pôr um ovo?

A rapariga sorriu, olhou a dona da galinha, viu as caras, umas amigas outras caladas com os pensamentos e desculpou:

— Pópilas! Muitas de vocês que tiveram vossas barrigas já. Vavó sabe mesmo, quando chega essa vontade de comer uma coisa, nada que a gente pode fazer. O mona na barriga anda reclamar ovo. Que é eu podia fazer, me digam só?!

— Mas ovo não é teu! A galinha é minha, ovo é meu! Pedias! Se eu quero dou, se eu quero não dou!

Nga Zefa estava outra vez raivosa. Essas vozes mansas e quietas de Bina falando os casos do mona na barriga, desejos de gravidez, estavam atacar o coração das pessoas, sentia se ela ia continuar falar com aqueles olhos de sonsa, a mão a esfregar sempre a barriga redonda debaixo do vestido, derrotava-lhe, as pessoas iam mesmo ter pena, desculpar essa fome de ovo que ela não tinha a culpa... Virou-se para vavó, a velha chupava sua cigarrilha dentro da boca, soprava o fumo e cuspiu.

— Então, vavó?!... Fala então, a senhora é que é nossa mais velha...

Toda a gente calada, os olhos parados na cara cheia de riscos e sabedoria da senhora. Só Beto e Xico, abaixados junto do cesto, conversavam com a galinha, miravam suas pequenas penas assustadas a tremer com o vento, os olhos redondos a verem os sorrisos amigos dos meninos. Puxando o pano em cima do ombro, velha Bebeca começou:

— Minhas amigas, a cobra enrolou no muringue! Se pego o muringue, cobra morde; se mato a cobra, o muringue parte!... Você, Zefa, tem razão: galinha é sua, ovo da barriga dela é seu! Mas Bina também tem razão dela: ovo foi posto no quintal dela, galinha comia milho dela... O melhor perguntamos ainda no sô Zé... Ele é branco!...

Sô Zé, dono da quitanda, zaroelho e magro, estava chegar chamado pela confusão. Nessa hora, a loja ficava vazia, fregueses não tinha, podiam-lhe deixar assim sozinha.

— Sô Zé! O senhor, faz favor, ouve ainda estes casos e depois ponha sua opinião. Esta minha amiga...

Mas toda a gente adiantou interromper vavó. Não senhor, quem devia pôr os casos era cada qual, assim ninguém que ia falar depois a velha tinha feito batota, falando melhor um caso que outro. Sô Zé concordou. Veio mais junto das reclamantes e com seu bonito olho azul bem na cara de Zefa, perguntou:

— Então, como é que passou?

Nga Zefa começou contar, mas, no fim, já ia esquivar o caso de espreitar o milho que a vizinha dava todos os dias, e vavó acrescentou:

— Fala ainda que você via-lhe todos os dias pôr milho para a Cabíri!

— Verdade! Esqueci. Juro não fiz de propósito...

Sô Zé, paciente, as costas quase marrecas⁷, pôs então um sorriso e pegou Bina no braço.

— Pronto! Já sei tudo. Tu dizes que a galinha pôs no teu quintal, que o milho que ela comeu é teu e, portanto, queres o ovo. Não é?

Com essas palavras assim amigas, de sô Zé, a mulher nova começou a rir; sentia já o ovo ia ser dela, era só furar-lhe, dois buracos pequenos, chupar, chupar e depois lambar os beiços mesmo na cara da derrotada. Mas quando olhou-lhe outra vez, sô Zé já estava sério, a cara dele era aquela máscara cheia de riscos e buracos feios onde só o olho azul bonito brilhava lá no fundo. Parecia estava atrás do balcão mirando com esse olho os pratos da balança quando pesava, as medidas quando media, para pesar menos, para medir menos.

— Ouve lá! — falou em nga Bina, e a cara dela apagou logo-logo o riso, ficou séria, só a mão continuava fazer festas na barriga. — Esse milho que deste na Cabíri... é daquele que te vendi ontem?

— Isso mesmo, sô Zé! Ainda bem, o senhor sabe...

— Ah, sim!?! O milho que te fiei ontem? E dizes que o ovo é teu? Não tens vergonha?...

Pôs a mão magra no ombro de vavó e, com riso mau, a fazer pouco, falou devagar:

⁷ Marreco — corcovado; corcunda.

— Dona Bebeca, o ovo é meu! Diga-lhes para me darem o ovo. O milho ainda não foi pago!...

Um grande barulho saiu nestas palavras, ameaças mesmo, as mulheres rodearam o dono da quitanda, insultando, pondo empurrões no corpo magro e torto, enxotando-lhe outra vez na casa dele.

— Vai ‘mbora, güeta da tuji!⁸

— Possa! Este homem é ladrão. Vejam só!

Zefa gritou-lhe quando ele entrou outra vez na loja, a rir, satisfeito:

— Sukuama! Já viram? Não chega o que você roubaste no peso, não é, güeta camuelo?!

Mas os casos não estavam resolvidos.

Quando parou o riso e as falas dessa confusão com o branco, nga Zefa e nga Bina ficaram olhar em vavó, esperando a velha para resolver. O sol descia no seu caminho do mar de Belas e o vento, que costuma vir no fim da tarde, já tinha começado a chegar. Beto e Xico voltaram para junto do cesto e deixaram-se ficar ali a mirar outra vez a galinha Cabíri. O bicho tinha-se assustado com todo o barulho das macas com sô Zé, mas, agora, sentindo o ventinho fresco a coçar-lhe debaixo das asas e das penas, aproveitou o silêncio e começou cantar.

— Sente, Beto! — sussurrou-se Xico. — Sente só a cantiga dela!

E desataram a rir ouvindo o canto da galinha, eles sabiam bem as palavras, velho Petelu tinha-lhes ensinado.

— Calem-se a boca, meninos. Estão rir de quê então? — a voz de vavó estava quase zangada.

— Beto, venha cá! Estás rir ainda, não é? Querem-te roubar o ovo na sua mãe e você ri, não é?

O miúdo esquivou para não lhe puxarem as orelhas ou porem chapada, mas Xico defendeu-lhe:

— Não é, vavó! É a galinha, está falar conversa dela!

— Oh! Já sei os bichos falam com os malucos. E que é que está dizer?... Está dizer quem que é dono do ovo?...

— Cadavez, vavó!... Sô Petelu é que percebe bem, ele m’ensinou!

Vavó Bebeca sorriu; os seus olhos brilharam e, para afastar um pouco essa zanga que estava em todas as caras, continuou provocar o mona:

— Então, está dizer é o quê? Se calhar está falar o ovo...

⁸ Güeta da tuji! — branco de merda!

Aí Beto saiu do esconderijo da mandioqueira e nem deixou Xico começar, ele é que adiantou:

— A galinha fala assim, vavó:

Ngêxile kua ngana Zefa

Ngala ngó ku kakela

Ka...ka...ka...kakela, kakela...

E então Xico, voz dele parecia era caniço, juntou no amigo e os dois começaram cantar imitando mesmo a Cabíri, a galinha estava burra, mexendo a cabeça, ouvindo assim a sua igual a falar mas nada que via.

... ngêjile kua ngana Bina

Ala kiá ku kuata

*kua... kua... kua... kuata, kuata!*⁹

E começaram fingir eram galinhas a bicar o milho no chão, vavó é que lhes ralhou para calarem, nga Zefa veio mesmo dar berrida no Beto, e os dois amigos saíram nas corridas fora do quintal.

Mas nem um minuto que demoraram na rua. Xico veio na frente, satisfeito, dar a notícia em vavó Bebeca:

— Vavó! Azulinho vem aí!

— Chama-lhe, Xico! Não deixa ele ir embora!

Um sorriso bom pousou na cara de todos, nga Zefa e nga Bina respiraram, vavó deixou fugir alguns riscos que a preocupação do caso tinha-lhe posto na cara. A fama de Azulinho era grande no musseque, menino esperto como ele não tinha, mesmo que só de dezasseis anos não fazia mal, era a vaidade de mamã Fuxi, o sô padre do Seminário até falava ia lhe mandar estudar mais em Roma. E mesmo que os outros monas e alguns mais velhos faziam-lhe pouco porque o rapaz era fraco e com uma bassula de brincadeira chorava, na hora de falar sério, tanto faz é latim, tanto faz é matemática, tanto faz é religião, ninguém que duvidava:

⁹ Ala kiá ku kuata — vim para casa da senhora Bina; estão já a agarrar.

Azulinho sabia. João Pedro Capita era nome dele, e Azulinho alcunhavam-lhe por causa esse fato de fardo¹⁰ que não largava mais, calor e cacimbo, sempre lhe vestia todo bem engomado.

Vavó chamou-lhe então e levou-lhe no meio das mulheres para saber os casos. O rapaz ouvia, piscava os olhos atrás dos óculos, puxava sempre os lados do casaco para baixo, via-se na cara dele estava ainda atrapalhado no meio de tantas mulheres, muitas eram só meninas mesmo, e a barriga inchada e redonda de nga Bina, na frente dele, fazia-lhe estender as mãos sem querer, parecia tinha medo a mulher ia lhe tocar com aquela parte do corpo.

— Veja bem, menino! Estes casos já trouxeram muita confusão, o senhor sabe, agora é que vai nos ajudar. Mamã diz tudo quanto tem, o menino sabe!...

Escondendo um riso vaidoso, João Pedro, juntando as mãos parecia já era mesmo sô padre, falou:

— Eu vos digo, senhora! A justiça é cega e tem uma espada...

Limpou a garganta a procurar as palavras e toda a gente viu a cara dele rir com as idéias estavam nascer, chegavam-lhe na cabeça, para dizer o que queria.

— Vós tentais-me com a lisonja! E, como Jesus Cristo aos escribas, eu vos digo: não me tenteis! E peço-vos que me mostrem o ovo, como Ele pediu a moeda...

Foi Beto, com sua técnica, que tirou o ovo sem assustar a Cabíri que gostava bicar quando faziam isso, cantando-lhe em voz baixa as coisas que tinha aprendido para falar nos animais. Com o ovo na mão, virando-lhe sobre a palma branca, Azulinho continuou, parecia era só para ele que estava falar, as pessoas nem estavam perceber bem o que ele falava, mas ninguém que lhe interrompia, o menino tinha fama:

— Nem a imagem de César, nem a imagem de Deus!

Levantou os olhos gastos atrás dos óculos, mirou cada vez Zefa e Bina, concluiu:

— Nem a marca da tua galinha, Zefa; nem a marca do teu milho, Bina! Não posso dar a César o que é de César, nem a Deus o que é de Deus. Só mesmo padre Júlio é que vai falar a verdade. Assim... eu levo o ovo, vavó Bebeca!

Um murmúrio de aprovação saiu do grupo, mas nga Zefa não desistiu: o ovo não ia lhe deixar voar no fim de passar tanta discussão. Saltou na frente do rapaz, tirou-lhe o ovo da mão, muxoxou:

— Sukuama! Já viram? Agora você quer levar o ovo embora no sô padre, não é? Não, não pode! Com a sua sapiência não me intrujas, mesmo que nem sei ler nem escrever, não faz mal!

¹⁰ Fardo — roupa usada que vinha enfardada, em pacotes, do exterior (Portugal, EUA) para ser vendida.

Azulinho, um pouco zangado, fez gesto de despedir, curvou o corpo, levantou a mão com os dedos postos como sô padre e saiu falando sozinho:

— Pecadoras! Queriam me tentar! As mulheres são o Diabo...

Com o tempo a fugir para a noite e as pessoas a lembrar o jantar para fazer, quando os homens iam voltar do serviço não aceitavam essa desculpa da confusão da galinha, algumas mulheres saíram embora nas suas cubatas falando se calhar vavó não ia poder resolver os casos sem passar chapada outra vez. Mas nga Zefa não desistia: queria levar o ovo e a galinha. Dona Bebeca tinha-lhe recebido o ovo para guardar, muitas vezes a mulher com a raiva, ia-lhe partir ali mesmo. Só a coitada da Cabíri, cansada com isso tudo, estava deitada outra vez no ninho de capim, à espera.

Foi nessa hora que nga Mília avistou, no outro fim da rua, descendo do maximbombo, sô Vitalino.

— Aiuê, meu azar! Já vem esse homem me cobrar outra vez! João ainda não voltou no Lucala, como vou lhe pagar? Fujo! Logo-é!...

Saiu, nas escondidas, pelo buraco do quintal, tentando esquivar nos olhos do velho.

Todo aquele lado do musseque tinha medo de sô Vitalino. O homem, nos dias do fim do mês, descia do maximbombo, vinha com a bengala dele, de castão de prata, velho fato castanho, o grosso capacete cáqui, receber as rendas das cubatas que tinha ali. E nada que perdoava, mesmo que dava encontro o homem da casa deitado na esteira, comido na doença, não fazia mal: sempre arranjava um amigo dele, polícia ou administração, para ajudar correr com os infelizes. Nesse mês vinha logo receber e só em nga Mília aceitou desculpa. A verdade, todos sabiam o homem dela, fogueiro do Cê-Êfe-Éle¹¹ estava para Malanje, mas o velho tinha outras idéias na cabeça: gostava segurar o bonito e redondo braço cor de café-com-leite de Emília quando falava, babando pelos buracos dos dentes, que não. precisava ter preocupação, ele sabia bem era uma mulher séria. Pedia licença, entrava na cubata para beber caneca de água fresca no muringue, pôr festas nos monas e saía sempre com a mesma conversa, nga Mília não percebia onde é o velho acabava a amizade e começava a ameaça:

— Tenha cuidado, dona Emília! A senhora está nova, essa vida de trabalho não lhe serve... Esse mês eu desculpo, volto na semana, mas pense com a cabeça; não gostava antes morar no Terra-Nova, uma casa de quintal com paus de fruta, ninguém que lhe aborrece no fim do mês com a renda?... Veja só!

¹¹ Cê-Efe-Ele — C.F.L. ou Caminho de Ferro de Luanda.

Nga Emília fingia não estava ouvir, mas no coração dela a raiva só queria que seu homem estivesse aí quando o velho falasse essas porcarias escondidas, para lhe pôr umas chapadas naquele focinho de porco...

Vendo o proprietário avançar pela areia arrastando os grossos sapatos, encostado na bengala, vavó Bebeca pensou tinha de salvar Emília e o melhor era mesmo agarrar o velho.

— Boa-tarde, sô Vitalino!

— Boa-tarde, dona!

— Bessá, vavô Vitalino!... — outras mulheres faziam também coro com Bebeca, para muximar¹².

Xico e Beto, esses, já tinham corrido e, segurando na bengala, no capacete, andavam à volta dele, pedindo sempre aquilo que nenhum mona ainda tinha recebido desse camuelo.

— Me dá ‘mbora cinco tostões!

— Cinco tostões, vavô Lino! P’ra quiqüerra¹³!

O velho parou para limpar a testa com um grande lenço vermelho que pôs outra vez no bolso do casaco, dobrando-lhe com cuidado:

— Boa-tarde, senhoras! — e os olhos dele, pequenos pareciam eram missangas, procuraram em todas as caras a cara que queria. Vavó adiantou:

— Ainda bem que o senhor veio, senhor sô Vitalino. Ponha ainda sua opinião nestes casos. Minhas amigas aqui estão discutir...

Falou devagar e ninguém que lhe interrompeu: para sô Vitalino, dono de muitas cubatas, que vivia sem trabalhar, os filhos estudavam até no liceu, só mesmo vavó é que podia pôr conversa de igual. Das outras não ia aceitar, com certeza disparatava-lhes.

— Quer dizer, dona Bebeca: o ovo foi posto aqui no quintal da menina Bina, não é?

— Verdade mesmo! — sorriu-se Bina.

Tirando o capacete, sô Vitalino olhou na cara zangada de Zefa com olhos de corvo c, segurando-lhe no braço, falou, a fazer troça:

— Menina Zefa! A senhora sabe de quem é a cubata onde está morar a sua vizinha Bina?

— Ih?! É do senhor.

— E sabe também sua galinha pôs um ovo no quintal dessa minha cubata? Quem deu ordem?

— Elá! Não adianta desviar assim as conversas, sô Vitalino...

¹² Muximar — falar ao coração.

¹³ Quiqüerra — farinha de mandioca e açúcar.

— Cala a boca! — zangou o velho. — A cubata é minha, ou não é?

As mulheres já estavam a ver o caminho que sô Vitalino queria, começaram refilar, falar umas nas outras, está claro, esse assunto para o camuelo resolver, o resultado era mesmo aquele, já se sabia. Nga Bina ainda arreganhou-lhe chegando bem no velho, encostando a barriga gorda parecia queria-lhe empurrar para fora do quintal.

— E eu não paguei a renda, diz lá, não paguei, sô Vitalino?

— É verdade, minha filha, pagaste! Mas renda não é cubata, não é quintal! Esses são sempre meus, mesmo que você paga, percebe?

As mulheres ficaram mais zangadas com essas partes, mas Bina ainda tentou convencer;

— Vê ainda, sô Vitalino! A cubata é do senhor, não discuto. Mas sempre que as pessoas paga renda no fim do mês, pronto já! Fica pessoa como dono, não é?

Velho Vitalino riu os dentes pequenos e amarelos dele, mas não aceitou.

— Vocês têm cada uma!... Não interessa, o ovo é meu! Foi posto na cubata que é minha! Melhor vou chamar o meu amigo da polícia...

Toda a gente já lhe conhecia esses arreganhos e as meninas mais velhas uatobaram¹⁴. Xico e Beto, esses, continuaram sacudir-lhe de todos os lados para procurar receber dinheiro e vavó mais nga Bina vieram mesmo empurrar-lhe na rua, metade na brincadeira, metade a sério. Vendo-lhe desaparecer a arrastar os pés pelo areal vermelho, encostado na bengala, no caminho da cubata de nga Mília, velha Bebeca avisou:

— Não perde teu tempo, sô Vitalino! Emília saiu embora na casa do amigo dela... É um rapaz da polícia! Com esse não fazes farinha!

E os risos de todas as bocas ficaram no ar dando berrida na figura torta e atrapalhada do proprietário Vitalino.

Já eram mais que cinco horas, o sol mudava sua cor branca e amarela. Começava ficar vermelho, dessa cor que pinta o céu e as nuvens e as folhas dos paus, quando vai dormir no meio do mar, deixando a noite para as estrelas e a lua. Com a saída de sô Vitalino, assim corrido e feito pouco, parecia os casos não iam se resolver mais. Nga Zefa, tão assanhada no princípio, agora mirava a Cabíri debaixo do cesto e só Bina queria convencer ainda as vizinhas ela mesmo é que tinha direito de receber o ovo,

— Mas não é? Estou pôr mentira? Digam só? Quando essas vontades atacam, temos que lhes respeitar...

¹⁴ Uatobar — fazer troça; zombar.

Não acabou conversa dela, toda a gente olhou no sítio onde que saía uma voz de mulher a insultar. Era do outro lado do quintal, na cubata da quitata¹⁵ Rosália e as vizinhas espantaram, já muito tempo não passava confusão ali, mas parecia essa tarde estava chamar azar, tinha feitiço. Na porta, mostrando o corpo dela já velho mas ainda bom, as mamas gordas a espreitar no meio da combinação, Rosália xingava, dava berrida no homem.

— Vai ‘mbora, hom’ê! Cinco e meia mesmo e você dormiu toda a tarde? Pensas sou teu pai, ou quê? Pensas? Tunda, vadio! Vai procurar serviço!

Velho Lemos nem uma palavra que falava nessa mulher quando ela, nas horas que queria preparar para receber os amigos — todo o musseque sabia, parece só ele mesmo é que fingia não estava perceber o dinheiro da comida donde vinha —, adiantava enxotar-lhe fora da cubata. Sô Lemos metia as mãos nos bolsos das calças amarrotadas e puxando sua perna esquerda atacada de doença, gorda parecia imbondeiro, arrastava os quedes pela areia e ia procurar pelas quitandas casos e confusões para descobrir ainda um trabalho de ganhar para o abafado e os cigarros.

É que a vida dele era tratar de macas. Antigamente, antes de adiantar beber e estragar a cabeça, sô Artur Lemos trabalhava no notário. Na sua casa podiam-se ainda encontrar grossos livros encadernados, processo penal, processo civil, boletim oficial, tudo, parecia era casa de advogado. E as pessoas, quando queriam, quando andavam atrapalhadas com casos na administração era sô Artur que lhes ajudava.

Ainda hoje, quando as vizinhas davam encontro com Rosália na porta, esperando os fregueses, ninguém que podia fazer pouco o homem dela. Enganava-lhe com toda a gente, às vezes chamava até os monandengues para pôr brincadeiras que os mais velhos não aceitavam, mas na hora de xingarem-lhe o marido ela ficava parecia era gato assanhado.

— Homem como ele, vocês não encontram! Têm mas é raiva! É verdade o corpo está podre, não serve. Mas a cabeça é boa, a sabedoria dele ninguém que tem!

E é mesmo verdade que não autorizava mexer nos livros arrumados na prateleira, cheios de pó e teias de aranha, e, sempre vaidosa, lhes mostrava:

— Vejam, vejam! Tudo na cabeça dele! E os vossos homens? Na cama sabem, mas na cabeça é tuji só!...

Ria-se, justificava, encolhia os ombros:

— P’ra cama a gente arranja sempre. E ainda pagam! Agora com a cabeça dele... Tomara!

¹⁵ Quitata — mulher da vida, prostituta.

As vizinhas gozavam, falavam essas palavras ele é que tinha ensinado para não lhe fazerem pouco de corno, mas Rosália não ligava. Nem mesmo quando os monas, aborrecidos de todas as brincadeiras, saíam atrás do homem dela, xingando sua alcunha.

— Vintecinco linhas! Vintecinco linhas!...

Porque era a palavra de feitiço, em todos os casos sô Lemos falava logo:

— Fazemos um vintecinco linhas, é caso arrumado!

E se adiantava receber dinheiro para o papel, muitas vezes ia-lhe beber com Francesinho, Quirino, Kutatuji e outros vagabundos como eles, nalguma quitanda mais para São Paulo.

Pois nessa hora, quando vavó já estava para desistir, é que viram mesmo sô Artur Lemos e correram a lhe chamar: o homem, com sua experiência de macas, ia talvez resolver o assunto. Avisando Beto e Xico para não adiantarem xingar o velho, vavó, com ajuda das interessadas, expôs os casos.

Parecia uma vida nova entrava no corpo estragado do antigo ajudante de notário. O peito respirava mais direito, os olhos não lacrimejavam tanto e, quando mexia, até a perna nada que coxeava. Abriu os braços, começou empurrar as pessoas; tu para aqui, tu para ali, fica quieto e, no fim, com vavó Bebeca na frente dele, pondo Bina na esquerda e nga Zefa na direita, coçou o nariz, começou:

— Pelos vistos, e ouvida a relatora e as partes, trata-se de litígio de propriedade com bases consuetudinárias...

As mulheres olharam-se, espantadas, mas ninguém que disse nada; Vintecinco linhas continuou, falando para nga Zefa:

— Diz a senhora que a galinha é sua?

— Sim, sô Lemos.

— Tem título de propriedade?

— Ih? Tem é o quê?

— Título, dona! Título de propriedade! Recibo que prova que a galinha é sua!

Nga Zefa riu:

— Sukuama! Ninguém no musseque que não sabe a Cabíri é minha, sô Lemos. Recibo de quê então?

— De compra, mulher! Para provarmos primeiro que a galinha é tua!

— Possa! Esse homem... Compra?! Então a galinha me nasceu-me doutra galinha, no meu quintal, como é vou ter recibo?

Sem paciência, sô Lemos fez sinal para ela se calar e resmungou à toa:

— Pois é! Como é que as pessoas querem fazer uso da justiça, se nem arranjam os documentos que precisam?

Coçando outra vez o nariz, olhou para nga Bina que sorria, satisfeita com essas partes do velho, e perguntou:

— E a senhora, pode mostrar o recibo do milho? Não? Então como é eu vou dizer quem tem razão? Como? Sem documentos, sem provas nem nada? Bem...

Olhou direito na cara das pessoas todas, virou os olhos para Beto e Xico abaixados junto do cesto da galinha e recebeu o ovo de vavó Bebeca.

— A senhora, dona Bina, vamos pôr queixa contra sua vizinha, por intromissão na propriedade alheia com alienação de partes da mesma... isto é: o milho!

Nga Bina abriu a boca para falar, mas ele continuou:

— Quanto à senhora, dona Zefa, requerimentare-mos sua vizinha por tentativa de furto e usufruto do furto!... Preciso cinco escudos cada uma para papel!

Uma grande gargalhada tapou-lhe as últimas palavras e, no fim do riso, vavó quis lhe arrancar a resposta:

— Mas, sô Lemos, diz então! Quem é que tem a razão?

— Não sei, dona! Sem processo para julgar não pode-se saber a justiça, senhora! Fazemos os requerimentos...

Toda a gente continuou rir e Beto e Xico aproveitaram logo para começar fazer pouco. Derrotado pelo riso, vendo que não ia conseguir esse dinheiro para beber com os amigos, sô Lemos, empurrado por vavó quase a chorar com as gargalhadas, tentou a última parte:

— Oiçam ainda! Eu levo o ovo, levo-lhe no juiz meu amigo e ele fala a sentença...

— O ovo, no olho! — gritou-lhe, zangada, nga Zefa. O tempo tinha passado, conversa, conversa e nada que resolveram e, com essas brincadeiras assim, muitas vezes a saliente da Bina ia lhe chupar o ovo.

Da rua ainda se ouvia a voz rouca de sô Lemos zunindo pedradas em Beto e Xico que não tinham-lhe largado com as piadas. Levantando o punho fraco, o velho insultava-lhes:

— Maliducados! Vagabundos! Delinquentes!

Depois, parando e enchendo o peito de ar, atirou a palavra que lhe dançava na cabeça, essa palavra que estava nos jornais que lia:

— Seus ganjésteres!¹⁶

¹⁶ Ganjésteres — gângsteres.

E, feliz com esse insulto, saiu pelos tortos caminhos do musseque, rebocando a perna inchada.

Quando as vizinhas viram que nem sô Lemos sabia resolver os casos, e ao sentirem o vento mais fresco que soprava e o sol, mais perto do mar, lá para longe para trás da Cidade Alta, começaram falar o melhor era esperar os homens quando voltassem no serviço, para resolver. Nga Bina não aceitou:

— Pois é! Mas o meu homem está na esquadra, e quem vai me defender?

Mas nga Zefa é que estava mesmo furiosa: sacudindo velha Bebeca do caminho, avançou arreganhadora para o cesto, adiantar agarrar a galinha. E aí começou outra vez a luta. Bina pegou-lhe no vestido que rasgou logo no ombro; Zefa deu-lhe com uma chapada, agarraram-se, pondo socos e insultos.

— Sua ladrona! Cabra, queres o meu ovo!

— Aiuê, acudam! A bater numa grávida então!...

A confusão cresceu, ficou quente, as mulheres cada qual a tentar desapartar e as reclamantes a quererem ainda pôr pontapés, Beto e Xico a rir, no canto do quintal para onde tinham rebocado a Cabíri que, cada vez mais banzada, levantava o pescoço, mexia a cabeça sem perceber nada e só os miúdos é que percebiam o ké, ké, ké dela. No meio da luta já ninguém que sabia quem estava segurar, parecia a peleja era mesmo de toda a gente, só se ouviam gritos, lamentos, asneiras, tudo misturado com o cantar da galinha assustada, os risos dos monandengues, o vento nas folhas das mandioqueiras e aquele barulho que o musseque começa a crescer quando a noite avança e as pessoas de trabalhar na Baixa voltam nas suas cubatas. Por isso ninguém que deu conta a chegada da patrulha.

Só mesmo quando o sargento começou aos socos nas costas é que tudo calou e começaram ainda arranjar os panos, os lenços da cabeça, coçar os sítios das pancadas. Os dois soldados tinham também entrado atrás do chefe deles, sem licença nem nada, e agora, um de cada lado do grupo, mostravam os cassetetes brancos, ameaçando e rindo. Mas o sargento, um homem gordo e baixo todo suado, tinha tirado o capacete de aço e arreganhava:

— Bando de vacas! Que raio de coisa é esta? Eh!? O que é que sucedeu?

Ninguém que respondeu, só alguns muxoxos. Vavó Bebeca avançou um passo.

— Não ouvem, zaragateiras? O que é isto aqui? Uma reunião?

— Ih?! Reunião de quê então? — vavó, zangada, refileva.

— Vamos, conta lá, avozinha! Por que é que estavam à porrada? Depressa, senão levo tudo para a polícia.

Vavó viu nos olhos do soldado o homem estava falar verdade e, então, procurou ajuda nas outras pessoas. Mas as caras de todas não diziam nada, estavam olhar no chão, o ar, o canto onde Beto e Xico não tinham saído com o cesto, os dois soldados rodeando todo o grupo. No fim, olhando o homem gordo, falou devagar, a explorar ainda:

— Sabe! O senhor soldado vai-nos desculpar...

— Soldado, uma merda! Sargento!

— Ih?! E sargento não é soldado?...

— Deixa-te de coisas, chiça!¹⁷ Estou quase a perder a paciência. Que raio de chinfrim é este?

Vavó contou, procurando em Zefa e Bina cada vez que falava para ver a aprovação das suas palavras, toda a confusão da galinha e do ovo e por que estavam pelejar. O sargento, mais risonho, olhava também a cara das mulheres para descobrir a verdade daquilo tudo, desconfiado que o queriam enganar.

— E os vossos homens onde estão?

Foi nga Bina quem respondeu primeiro, falando o homem dela estava na esquadra e ela queria o ovo, assim grávida estava-lhe apetecer muito. Mas o sargento nem lhe ligou; abanava a cabeça, depois disse entredentes:

— Na polícia, hein? Se calhar é terrorista... E a galinha?

Todas as cabeças viraram para o canto, nas mandioqueiras, onde os meninos, abaixados à volta do cesto, guardavam a Cabíri. Mas nem com os protestos de nga Zefa e o refilânço das outras amigas, o soldado aceitou: foi lá e, metendo a mão debaixo do cesto, agarrou a galinha pelas asas, trazendo-lhe assim para entregar ao sargento. A Cabíri nem piava, só os olhos dela, maiores com o medo, olhavam os amigos Beto e Xico, tristes no canto. O sargento agarrou-lhe também pelas asas e encostou o bicho à barriga gorda. Cuspiu e, diante da espera de toda a gente — nga Zefa sentia o coração bater parecia ngoma, Bina rindo para dentro —, falou:

— Como vocês não chegaram a nenhuma conclusão sobre a galinha e o ovo, eu resolvo...

Riu, os olhos pequenos quase desapareceram no meio da gordura das bochechas dele e piscando-lhes para os ajudantes, arreganhou:

— Vocês estavam a alterar a ordem pública, neste quintal, desordeiras! Estavam reunidas mais de duas pessoas, isso é proibido! E, além do mais, com essa mania de julgarem os vossos casos, tentavam subtrair a justiça aos tribunais competentes! A galinha vai comigo, apreendida, e vocês toca a dispersar! Vamos! Circulem, circulem para casa!

¹⁷ Chiça! — porra!

Os soldados, ajudando, começaram a girar os cassetetes brancos em cima da cabeça. Muitas que fugiram logo, mas nga Zefa era rija, acostumada a lutar sempre, e não ia deixar a galinha dela ir assim para churrasco do soldado, como esses homens da patrulha queriam. Agarrou-se no sargento, queria segurar a galinha, mas o homem empurrou-lhe, levantando o bicho alto, por cima da cabeça, onde a Cabíri, assustada, começou piar, sacudir o corpo gordo, arranhando o braço do soldado com as unhas.

— Ei, ei, ei! Mulherzinha, calma! Senão ainda te levo presa, vais ver! ‘tá quieta!

Mas, nessa hora, enquanto nga Zefa tentava tirar a galinha das mãos do gordo sargento, debaixo do olhar gozão de vavó Bebeca, nga Bina e outras que tinham ficado ainda, é que sucedeu aquilo que parecia feitiço e baralhou toda a gente enquanto não descobriram a verdade.

Quando o soldado foi tirar a galinha debaixo do cesto, Beto e Xico miraram-se calados. E se as pessoas tivessem dado atenção nesse olhar tinham visto logo nem os soldados que podiam assustar ou derrotar os meninos de musseque. Beto falou na orelha de Xico:

— É isso, Xico! Esses gajos não vão levar a Cabíri assim à toa! Temos de lhes atacar com a nossa técnica!...

— Vamos, Beto! Com depressa!

— Não, você ficas! P’ra disfarçar...

E Beto, parecia era gato, passou o corpo magro no buraco das aduelas desaparecendo, nas corridas, por detrás da quitanda. Xico esticou as orelhas com atenção esperando mesmo esse sinal que ia salvar a Cabíri. E foi isso que as pessoas, banzadas, ouviram quando o sargento queria ainda esquivar a galinha dos braços compridos e magros de nga Zefa.

Só eram mesmo cinco e meia quase, o sol ainda brilhava muito e a noite vinha longe. Ainda se estivesse fresco, mas não: o calor era pesado e gordo em cima do musseque. Como é um galo tinha-se posto assim, naquela hora, a cantar alegre e satisfeito, a sua cantiga de cambular galinhas? As pessoas pasmadas e até a Cabíri deixou de mexer, só a cabeça virava em todos os lados, revirando os olhos, a procurar no meio do vento esse cantar conhecido que lhe chamava, que lhe dizia o companheiro tinha encontrado bicho de comer ou sítio bom de tomar banho de areia. Maior que todos os barulhos, do lado de lá da quitanda de sô Zé, vinha, novo, bonito e confiante, o cantar dum galo, desafiando a Cabíri...

E, então, sucedeu: Cabíri espetou com força as unhas dela no braço do sargento, arranhou fundo, fez toda a força nas asas e as pessoas, batendo palmas, uatobando e rindo, fazendo pouco, viram a gorda galinha sair a voar por cima do quintal, direita e leve, com depressa,

parecia era ainda pássaro de voar todas as horas. E como cinco e meia já eram, e o céu azul não tinha nem uma nuvem daquele lado sobre o mar, também azul e brilhante, quando todos quiseram seguir Cabíri no vôo dela na direção do sol, só viram, de repente, o bicho ficar num corpo preto no meio, vermelho dos lados e, depois desaparecer na fogueira dos raios do sol...

Ainda com as mãos nos olhos magoados da luz, o sargento e os soldados saíram resmungando a ocasião perdida de um churrasco sem pagar. As mulheres miravam-lhes com os olhos gozões, as meninas riam. O vento veio soprar devagar as folhas das mandioqueiras. Nga Zefa sentia o peito leve e vazio, um calor bom a encher-lhe o corpo todo: no meio do cantar do galo, ela sabia estava sair no quintal dela, conheceu muito bem a voz do filho, esse malandro miúdo que imitava as falas de todos os bichos, enganando-lhes. Chamou Xico, riu nas vizinhas e pondo festas nos cabelos do monandengue, falou-lhes, amiga:

— Foi o Beto! Parecia mesmo era galo. Aposto a Cabíri já está na capoeira...

Vavó Bebeca sorriu também. Segurando o ovo na mão dela, seca e cheia de riscos dos anos, entregou para Bina.

— Posso, Zefa?...

Envergonhada ainda, a mãe de Beto não queria soltar o sorriso que rebentava na cara dela. Para disfarçar, começou dizer só:

— É, sim, vavó! É a gravidez. Essas fomes, eu sei... E depois o mona na barriga reclama!...

De ovo na mão, Bina sorria. O vento veio devagar e, cheio de cuidados e amizade, soprou-lhe o vestido gasto contra o corpo novo. Mergulhando no mar, o sol punha pequenas escamas vermelhas lá embaixo nas ondas mansas da Baía. Diante de toda a gente e nos olhos admirados e monandengues de miúdo Xico, a barriga redonda e rija de nga Bina, debaixo do vestido, parecia era um ovo grande, grande...

*

Minha estória.

Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem. Eu só juro não falei mentira e estes casos passaram nesta nossa terra de Luanda.

3.7.7. Plano da aula 11

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DA AULA 11 (19/05 – Sexta-feira – 10:05 às 10:50 [1 h/a])

Tema: desdobramentos do conto (oralidade e escrita).

Objetivo geral:

- Conhecer a variedade oral do conto e seus meios particulares de expressão, pela escuta atenta e ativa de vídeos com cenas de contadores de histórias.

Objetivos específicos:

- Delimitar mais precisamente as características do gênero *conto*, tendo histórias narradas oralmente como mais uma das referências para essa caracterização;
- Assistir a vídeos de contadores de conto, causo, etc., identificando as especificidades dessa forma de narrar histórias;
- Atribuir sentidos à fala do outro, pela escuta atenta e ativa de histórias contadas e assistidas em vídeo;
- Discutir a respeito da tradição oral de contar histórias e de sua importância na formação da literatura;
- Perceber as diferenças expressivas entre conto oral e escrito, considerando a função social de cada um, com base na comparação das histórias narradas em vídeo com a leitura de contos de aulas anteriores.

Conteúdo:

- Características e meios expressivos do conto oral;
- Variantes do português e suas expressividades;
- História do conto;
- A escuta como forma de atribuição de sentido.

Metodologia:

TEMPO (total: 45 min.)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Deslocamento da turma para uma sala com projetor ou instalação do projetor na sala usual;● Apresentação da proposta do dia.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Visualização do vídeo de Carlos Correia, pelo link https://youtu.be/ZioJ9AqWhzk;● Comentários sobre o vídeo (a respeito da expressividade e das intenções, principalmente);● Visualização de outros (poucos) vídeos de contadores de história.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Discussão livre (coordenada pelos professores-estagiários) acerca dos tópicos suscitados pelos vídeos, assim como da tradição oral de contar histórias e sua importância na literatura;● Discussão das várias faces do conto: <i>o que muda da oralidade para o texto escrito? Quais são os elementos disponíveis para o narrador aqui e ali?</i>
10 minutos	<ul style="list-style-type: none">● Encaminhamento de tarefa para casa (em folha impressa e lida);● Chamada.

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, projetor e acesso à internet.

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos assistem aos vídeos e se esforçam para compreendê-los [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual], pela postura de escuta atenta e ativa a ser demonstrada por eles;
- Verificaremos se os alunos participam da discussão e como expõem suas ideias [conteúdo atitudinal, procedimental e conceitual], pela adequação de suas intervenções.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

Contos tradicionais: o macaco da viola. Apresentação de Carlos Correia e narração de Lúcia Maria. 5'. Disponível em: <<https://youtu.be/ZioJ9AqWhzk>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ANEXO 1 – ENCAMINHAMENTO DE ATIVIDADE PARA CASA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1º ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

GRAVAÇÃO DE UMA HISTÓRIA CONTADA

Pergunte aos seus familiares e amigos se eles conhecem alguma história interessante, divertida, assustadora, triste ou emocionante que gostariam de compartilhar e, se sim, peça a eles que a contem. Não se esqueça de gravá-la em áudio ou, melhor ainda, em vídeo!

As histórias serão apresentadas no dia 26/05, sexta-feira.

3.7.8. Plano das aulas 12 e 13

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: - Gabriel Esteves

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1º C (ensino médio)

PLANO DA AULA 12 e 13 (25/05 – Quinta-feira – 10:50 às 12:15 [1 h/a])

Tema: Sistematização do elementos composicionais do conto, a partir da comparação de definições retiradas da bibliografia.

Objetivos gerais:

- Compreender os aspectos estruturais, sociais e linguísticos que constituem o conto, pela análise de definições de diferentes autores que se dedicaram ao estudo do gênero;
- Retomar as respostas dadas à atividade realizada no dia 17/05.

Objetivos específicos:

- Relacionar as definições de conto com as especificidades dos contos orais e escritos, que até então foram contemplados em aula;
- Colaborar para a interpretação das figuras de linguagem da atividade do dia 17/05;
- Estabelecer relações subjetivas e individuais sobre a literariedade do conto, por meio da fruição.

Conteúdo:

- Rediscussão dos aspectos constitutivos do conto;
- Expressividade, clareza, entonação e fluência na leitura de poemas.

Metodologia:

TEMPO (total: 90 min)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Organização da sala;• Chamada.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Recitação do poema “Criar” de Agostinho Neto (anexo 1);• Destacar aspectos importantes a serem observados ao recitar um poema.
30 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Retomada e discussão das respostas dadas pelos alunos à atividade realizada no dia 17/05;
45 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Leitura de algumas definições de contos retiradas da bibliografia utilizada (principalmente de Luzia de Maria e Helena Parente Cunha [Eduardo Portela et alii]);• Discussão da validade das definições apresentadas na bibliografia, enumerando as características principais do gênero conto (retomando Massaud Moisés), de acordo com os contos lidos em sala.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Esclarecimento de dúvidas e encerramento da aula.

Recursos didáticos: quadro, papel sulfite, pincel atômico.

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos recitam o poema com clareza, fluência, expressividade e entonação [conteúdo atitudinal e procedimental], de acordo com os aspectos destacados;
- Verificaremos a pertinência das respostas dadas pelos alunos na atividade do dia 17/05 [conteúdo procedimental e conceitual];
- Verificaremos se os alunos compreendem os aspectos constitutivos do conto e

participam da discussão sobre a atividade do dia 17/05 [conteúdo procedimental, conceitual e atitudinal].

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ANEXO 1 – POEMA DE AGOSTINHO NETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

AGOSTINHO NETO (1922-1979)

CRIAR

Criar criar

criar no espírito criar no músculo criar

no nervo

criar no homem criar na massa

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

sobre a profanação da floresta

sobre a fortaleza impudica do chicote

criar sobre o perfume dos troncos

serrados

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

gargalhadas sobre o escárnio da

palmatória

coragem nas pontas das botas do roceiro

força no esfrangalhado das portas violentadas

firmeza no vermelho-sangue da insegurança

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

estrelas sobre o camartelo guerreiro

paz sobre o choro das crianças

paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato

paz sobre o ódio

criar

criar paz com os olhos secos

Criar criar

criar liberdade nas estradas escravas

algemas de amor nos caminhos paganizados

[do amor

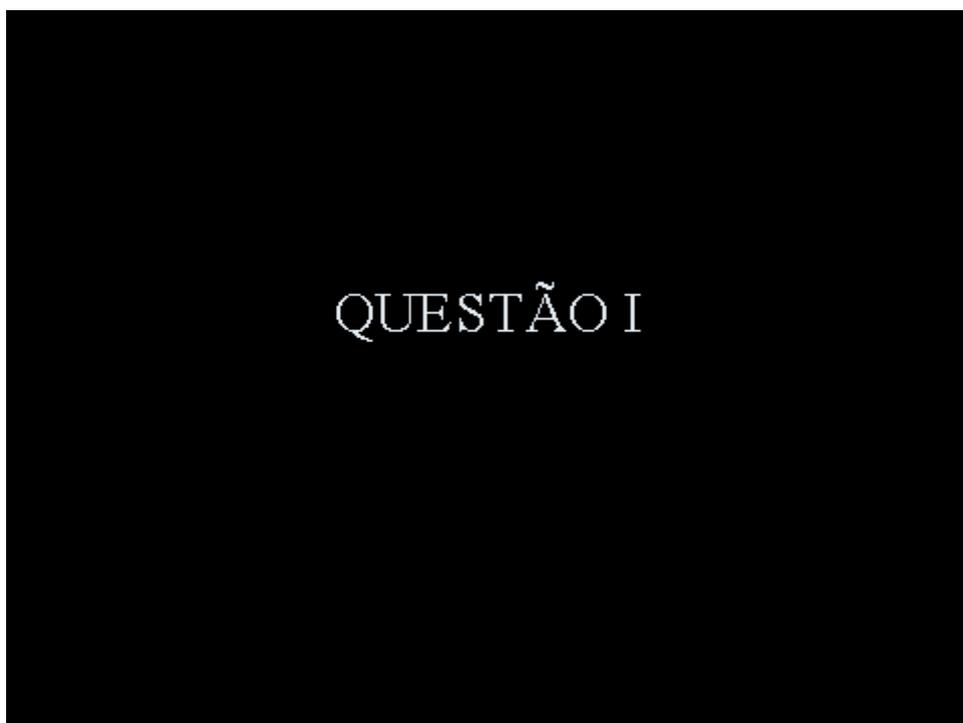
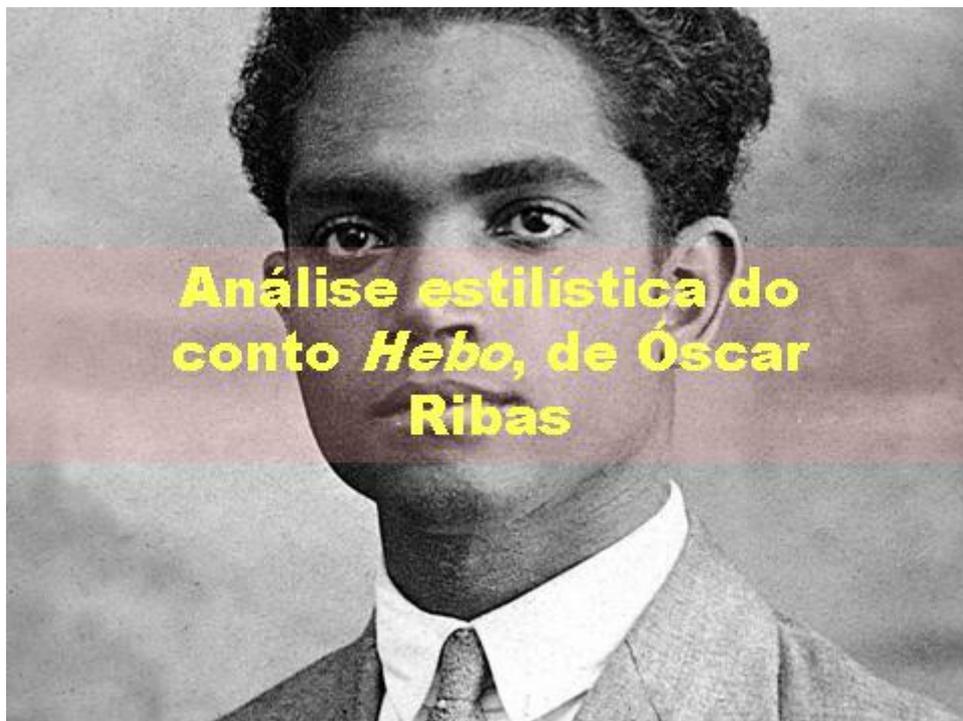
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em

forças simuladas.

Criar

criar com os olhos secos.

ANEXO 2 – SLIDES APRESENTADOS EM SALA



Primeira questão

1. Releia os **dois primeiros parágrafos do conto**. Podemos perceber, realizando a leitura destes parágrafos introdutórios, que a maioria dos verbos aparecem no tempo *pretérito imperfeito*. Por que você acha que o autor escolheu usar este tempo verbal para introduzir sua narrativa?

Relendo os dois primeiros parágrafos:

Empolgada pela magia da tarde, Hebo, sentada à porta de casa, **perspectivava-se** nos estonteantes painés da ventura. **Via-se** mulher de esbelto e rico homem, vivendo à grande, com muitos servos para a desobrigarem do trabalho. Em sua vaidade, o bem-estar **tinha** de condizer com sua notável beleza.

Entretanto grandes senhores já a **havam** pretendido. Mas nenhum **conseguiu** cativar seu coração. Apesar das valiosas prendas, **rejeitava-os** com indiferença. Seria Hebo insensível ao amor? — **Perguntavam** eles admirados. Não: é que nem todas as chaves abrem a mesma fechadura.

[...]

Algumas respostas incorretas dadas por alunos:

O autor utiliza o pretérito imperfeito...

- ... para descrever a narrativa;
 - Não. Alguns verbos são usados para descrever, outros para narrar, mas não ao mesmo tempo.
- ... para introduzir a narrativa de uma forma que afirma;
 - Não. A narrativa não é *afirmada*. Há estudos que apontam para a “falta de compromisso” ou “não afirmação” naturalmente contida no pretérito, em oposição ao presente.
- ... para expressar a repetição dos atos.
 - O pretérito imperfeito pode servir para esta função (como vimos nas *memórias* de Isabela Figueiredo), mas não é o que acontece neste caso.

Algumas respostas incompletas dadas pelos alunos:

O autor utiliza o pretérito imperfeito...

- ... porque está contando uma história no passado;
 - Sim, mas também utiliza o presente e o perfeito pela mesma razão. O que precisamos saber é a *função específica do pretérito imperfeito*.
- ... para descrever Hebo;
 - Também, mas só Hebo é descrita?
- ... para descrever o cenário e as personagens antes de começar o conto em si.

Koch: função do perfeito e do imperfeito

“ A diferenciação entre **imperfeito** e **passado simples [pretérito perfeito]**, por exemplo, se estabelece com base na noção de relevo narrativo: o passado simples é, no relato, o tempo do **primeiro plano**, constituindo o imperfeito o tempo do **segundo plano**. Enquanto o perfeito marca todas as **unidades de ação da narrativa**, o imperfeito fornece o **pano de fundo**, aparecendo, também, com frequência, na introdução e na conclusão.”

(KOCH, Ingedore. *Argumentação e linguagem*, p. 41)

Moisés: o que é *descrição*?

“ A **descrição** consiste na **enumeração dos caracteres próprios dos seres**, animados ou inanimados, e coisas, como, por exemplo, a descrição da natureza, das ruas de São Paulo, das pessoas, dos automóveis, etc.: a descrição implica sempre a **ausência de movimento do objeto descrito**, visa ‘a representar objetos em sua única existência espacial, fora de qualquer acontecimento e mesmo de qualquer dimensão temporal’.”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 58)

Um exemplo medieval:

“Aquel castelo **havia** nome "Brut" e **era** bem assentado, se houvesse abastamento de água. E o senhor daquel castelo **era** rei e **havia** nome Brutos, por amor daquel rei Brutos que o poborara primeiro. E sabede que o senhorio daquelo castelo se **estendia** a todas partes ua jornada. Aquel Brutos, que **entam reinava**, **era** um dos bons cavaleiros do mundo e mui rico à maravilha, e **havia** muito conquerido per sua cavalaria, e **havia** ua filha de XV anos, que **era** a mais fremosa donzela do reino de Logres. E **aquela sezom** que os cavaleiros **vieron**, **estava** el-rei acostado a ua fresta em seu paço. E **quando** os **viu** assi armados vir e sem companhia, **conhoceu** que **eram** cavaleiros andantes, e **foi** mui alegre com eles [...]"

(apud MAGNE, Augusto. *A demanda do Santo Graal*, p. 154 [texto do século XV])

QUESTÃO II

Segunda questão

2. Existe uma mudança muito importante nos verbos do terceiro parágrafo, em relação aos utilizados nos dois anteriores (predominantemente *descritivos*), que nos diz que a *narrativa realmente começou*. Destaque esta mudança e cite um exemplo.

Relendo o terceiro parágrafo:

[...]

Ainda Hebo se **achava** nessa volúpia, **quando** um estranho, para experimentar sua famosa presunção, dela se **abeira** e uma brasa lhe **pede** para o cachimbo. Notando seu humilde aspecto, Hebo **solta** uma risada de escárnio:

[...]

A esses verbos no presente que poderiam ser substituídos pelo pretérito perfeito, chamamos "presente histórico" ou "presente narrativo".

Algumas respostas incompletas dadas por alunos:

○ autor passa a utilizar...

- ... o tempo presente para falar de algo que não se repete;
 - O autor passa a utilizar o tempo presente, mas nada indica repetição ou não.
- ... o pretérito perfeito para narrar;
 - É verdade que isso acontece mais tarde, mas aqui o autor apenas utiliza verbos no presente.

Algumas boas respostas dadas por alunos:

- O narrador muda os verbos do pretérito imperfeito para o presente, querendo dar início à história;
- Antes o narrador estava descrevendo Hebo e o ambiente [pretérito imperfeito], e no terceiro parágrafo começa a narrar a história [presente/pretérito perfeito].

Koch (de novo!): função do perfeito e do imperfeito

“ A diferenciação entre **imperfeito** e **passado simples [pretérito perfeito]**, por exemplo, se estabelece com base na noção de relevo narrativo: o passado simples é, no relato, o tempo do **primeiro plano**, constituindo o imperfeito o tempo do **segundo plano**. Enquanto o perfeito marca todas as **unidades de ação da narrativa**, o imperfeito fornece o **pano de fundo**, aparecendo, também, com frequência, na introdução e na conclusão.”

(KOCH, Ingedore. *Argumentação e linguagem*, p. 41)

Moisés: o que é *narração*?

“ A **narração** consiste no **relato de fatos ou acontecimentos**; envolve, portanto, **ação, movimento, e evolução no tempo** como, por exemplo, a narração de uma viagem, de um jantar, de um choque de veículos, etc.”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 57)

SINTETIZANDO

PRETÉRITO IMPERFEITO

- **Descrição** das personagens, espaços etc.;
- Segundo plano (**plano de fundo**);
- Sem movimento/tempo.

PRETÉRITO PERFEITO/PRESENTE HISTÓRICO

- **Narração** das ações das personagens;
- Primeiro plano (**plano da ação**);
- Com movimento/tempo.

QUESTÃO III

Terceira questão

3. Existe, no conto, em relação às manifestações discursivas das personagens, uma predominância do estilo direto, indireto, ou indireto livre? Cite pelo menos um exemplo que justifique sua resposta.

Em geral...

Em geral, foi dito que existe um predomínio do *discurso direto* quando o narrador insere a fala de uma personagem na história.

“*Diálogo direto* (ou *discurso direto*), [é] quando o contista põe as personagens a falar diretamente, e representa a fala com um travessão ou aspas [...]”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 55)

Em geral...

Massaud Moisés concorda que este seja o tipo mais comum de diálogo:

O discurso direto “permite ao narrador colocar o leitor diante dos fatos, como participante direto e interessado. A comunicação realiza-se de pronto, entre o leitor e a narrativa.”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 57)

QUESTÃO IV

Quarta questão

4. Expressões como “ih!”, “ai!”, “ala!”, “aiué!” e “hum!” aparecem frequentemente nas falas das personagens. Em sua opinião, estas expressões são mais comuns em **contextos formais** ou **informais** de uso da língua? Por que você acha que o autor se utiliza delas em seu conto?

Em geral...

Em geral, foi dito que estas expressões são utilizadas em contextos *informais* de uso da língua. As razões para o uso do autor, no entanto, foram as mais diversas:

- Criar intimidade com o leitor;
- Facilitar a compreensão;
- Deixar a leitura mais atrativa;
- Dar ênfase em algumas partes do texto;
- Dar uma sensação de realidade ao texto;
- **Para fazer parecer *realmente* uma história contada (já que o autor colheu daí o seu conto!).**

A verdade, no entanto, é que todas essas interpretações são válidas, já que não podemos saber com certeza o que motivou Óscar Ribas.

QUESTÃO V

Quinta questão

5. Na primeira página, no trecho “**aquela cachinada, aquela grossaria, deviam voltar-se contra ela**”, podemos dizer que o desconhecido *fala através do narrador*? Se sim, em quais outras passagens do conto podemos identificar o mesmo fenômeno?

Em geral...

Em geral, foi dito que sim, que o **desconhecido fala através do narrador**. O fenômeno identificado é o já discutido *discurso indireto livre*:

“*Diálogo indireto livre* (ou *discurso indireto livre*), consiste na fusão entre a terceira e a primeira pessoa narrativa, entre autor e personagem, ‘numa espécie de interlocutor híbrido’, de modo que ‘a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indireto através do qual o autor relata os fatos’.”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 56)

Exemplos

O exemplo mais citado foi:

“Seria Hebo insensível ao amor? —Perguntavam eles admirados. Não: é que nem todas as chaves abrem a mesma fechadura.”

A primeira parte é, na verdade, **discurso direto**, pois o narrador concede a voz à personagem e assinala que não é ele quem fala.

A segunda parte, sim, é **discurso indireto livre**.

Mais exemplos

“Vendo aquela enorme ave, ouvindo aquele singular grasnido, o povo aterroriza-se. Que significava semelhante aparição? Que presságio anunciava? Que coisa, Senhor Deus, que coisa nunca vista!”

“Fora, a ave agitou-se medonhamente. Que desgraçada, ficar sem socorro! Num arrimo de desespero, Hebo deita a bradar: [...]”

QUESTÃO VI

Sexta questão

6. Ao longo da maior parte do conto, a narrativa se desenrola com verbos no tempo *presente*, embora a *maioria das histórias narradas* utilize verbos conjugados no tempo *pretérito perfeito*. Que *efeitos* você acha que o uso do tempo presente, numa narrativa, provoca no leitor?

Efeitos estilísticos

Chamamos *efeito estilístico* quando um falante/escritor utiliza uma construção ou termo *incomum* para o seu contexto de uso da língua, a fim de provocar uma *sensação especial* nos seus interlocutores.

Efeitos estilísticos: presente histórico ou presente narrativo

Trata-se do uso do presente pelo passado, a fim de provocar um efeito:

“Nas narrativas, os tempos verbais predominantes são os tempos do passado ou tempos do pretérito (imperfeito, mais-que-perfeito, perfeito), pois, ao narrar, falamos de fatos já acontecidos, e, portanto, anteriores ao momento da fala. Porém, é comum usar o presente do indicativo na modalidade chamada presente histórico, ou seja, é como se o narrador voltasse ao momento dos acontecimentos e narra como se presenciasse as cenas. Dessa forma, é perfeitamente possível o uso do presente em contos. Esse recurso torna o texto mais dinâmico e causa maior expectativa ao leitor.”

(GALLI, Glória. Acesso em: <<http://www.lpeu.com.br/q/vor5h>>)

Exemplo no conto

[...]

O medo aumenta, quer explodir num grito. Mas a voz não saía. Na pressão, procura a fuga muscular. Mas as pernas não obedeciam. Na sua insistência ameaçadora, a ave tornou a cantar:

*Não ouves a minha voz?
Avia-te, senão esgano-te!*

Quebrando os grilhões do pavor, Hebo levanta-se, mas, ainda não liberta da tontura, maquinalmente arruma a trouxa para sair, tal como o irracional, imanizado pelo olhar da serpente, se lhe mete pela boca dentro. De repente, desperta da atonia mental. Corre ao quarto dos pais. Então, chorosa, sacode-os com violência:

[...]

QUESTÃO VII

Sétima questão

6. A **repetição** (ou *paralelismo*), como observamos no conto *Bango a Mussungu*, é um elemento extremamente comum nos contos folclóricos e pode aparecer de diferentes maneiras (como “desafios”, como “objetos mágicos”, “canções”, etc.). Você acha que Óscar Ribas, neste conto, também se utilizou de repetições? Se sim, justifique sua resposta com um exemplo.

Em geral...

Em geral, as respostas ficaram em torno da cantoria do pássaro:

*Cá estou eu, ó bela Hebo,
Cá estou eu para te levar.
Levanta-te, comigo partirás.*

e

*Não ouves a minha voz?
Avia-te, senão esgano-te!*

Um outro exemplo

- Hebo tenta acordar os pais, depois os irmãos, depois os vizinhos.
 - Por que? A repetição da ação, junto com o presente histórico, provocam a sensação de desespero da cena. É outro efeito estilístico.

A repetição é extremamente comum em contos folclóricos:

- O gênio da lâmpada concede *três desejos*;
- O herói precisa realizar *três provas*;
- O herói do conto *O Isqueiro*, de Hans Andersen, possui *três cachorros*;
- Etc.

Em *Bango a Mussungu*

O primeiro parágrafo da história é também o último:

“Há quantos anos? Ninguém o sabe. Mas o que não suscita dúvida, é que esta história foi vivida em época remota, certamente antes da ocupação portuguesa. E o seu protagonista, apesar da camada de anos que sobre si se formou, ainda faz reflectir esse longínquo passado: na hereditariedade do eco, a lenda tem sabido manter a vitalidade de Bango a Mussungu.”

Curiosidade: o historiador grego Heródoto, do século V a.C., utilizava a mesmíssima técnica para indicar quando um assunto começava ou terminava.

Em *Bango a Mussungu*

Um servo de Bango a Mussungu vai *três vezes* perguntar a ele:

“— Bango a Mussungo, Bango a Mussungo, então como se tem dado por aí?”

CARACTERÍSTICAS DO CONTO

De acordo com o que vimos até agora e com Massaud Moisés.

UNIVOCIDADE DO CONTO

O conto é:

“Uma **narrativa unívoca, univalente**: constitui um *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de **um só conflito, um só drama, uma só ação.**”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 40)

UNIVOCIDADE DO CONTO

“O conto constitui o **recorte da fração decisiva e a mais importante**, do prisma dramático, de uma continuidade vital em que **o passado e o futuro guardam significado inferior ou nulo**. Os protagonistas **abandonam o anonimato no momento privilegiado**, de modo que o tempo anterior funciona, quando muito, como germe ou preparativo daquele **instante em que o destino joga uma grande cartada**.”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 42)

ESTRUTURA DO CONTO

“A técnica de estruturação do conto assemelha-se à **técnica fotográfica**: o fotógrafo concentra sua atenção num ponto e não na totalidade dos pontos que pretende abranger no visor; **focaliza um detalhe, o principal**, no seu entender, e capta-lhe os arredores, de modo não só a fixar o que vê, mas também o que não vê.”

(MOISÉS, Massaud. *A criação literária*, p. 52)

Consequências:

- **Poucas personagens** (mais narradas do que descritas);
- **Objetividade** (fala de um fato específico [geralmente na 3ª pessoa]);
- **Horizontalidade** (não se *aprofunda* nos fatos [não-vertical]).



Por *Alfred Eisentaedt*, 1945.



Fotógrafo desconhecido, 1918 [armistício].



Fotógrafo desconhecido, 1945 [Aachen, Alemanha].

LINGUAGEM DO CONTO

- **Objetiva**, pouco abstrata;
- Não usa metáforas complicadas (é **simples e plano**);
- Mais *narrativa* e menos *descritiva*;
- Usa o **pretérito perfeito** ou o **presente histórico** para narrar e o **pretérito imperfeito** para descrever;
- Geralmente insere as personagens pelo *estilo direto*.

3.7.9. Plano da aula 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1º C (ensino médio)

PLANO DA AULA 14 (26/05 – Sexta-feira – 10:05 às 10:50 [1 h/a])

Tema: Apresentação dos contos recolhidos pelos alunos.

Objetivos gerais:

- Apresentar os contos recolhidos (tarefa do dia 19/05) aos demais colegas da turma, socializando os áudios/vídeos gravados.
- Auscultar os contos recolhidos pelos colegas pela escuta atenta dos áudios/vídeos a serem apresentados.

Objetivos específicos:

- Demonstrar que o conto escolhido condiz com os elementos estudados em aulas anteriores;
- Ouvir o áudio/vídeo do conto dos colegas;
- Apresentar áudio/vídeo do conto recolhido;
- Interiorizar o ambiente literário proposto na gravação do conto em áudio/vídeo.

Conteúdo:

- Características fundamentais do gênero conto;
- Atitude de ouvir o outro e a si mesmo.

Metodologia:

TEMPO (total: 45 min)	ATIVIDADES
10 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Deslocamento da turma para o laboratório de linguagens;• Realização da chamada;• Recitação do poema “Criar” de Agostinho Neto (anexo 1).
20 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação de contos/causos/etc. recolhidos pelos de alunos.
10 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Contação espontânea (se possível) de algum caso/história, por parte dos professores, alunos ou convidados.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Conversa sobre a ausculta de contos e encerramento da aula.

Recursos didáticos: laboratório de linguagens, folhas sulfite, quadro.

Avaliação:

- Verificaremos se os alunos pesquisaram contos que correspondem às características do gênero [conteúdo conceitual e atitudinal];
- Verificaremos se os alunos ouvem seus colegas contarem os contos [conteúdo atitudinal].

Referências bibliográficas:

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. DAGA, Aline Cassol. DIAS, Sabatha Catoia. *Intersubjetividade e intrasubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na educação básica*. *Calidoscópio*: vol. 12, n. 2 p. 226-238 maio/ago, 2014.

GERALDI, João Wanderley. Aula como acontecimento. São Paulo: João e Pedro, 2015.

ANEXO 1 – POEMA DE AGOSTINHO NETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

AGOSTINHO NETO (1922-1979)

CRIAR

Criar criar

criar no espírito criar no músculo criar

no nervo

criar no homem criar na massa

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

sobre a profanação da floresta

sobre a fortaleza impudica do chicote

criar sobre o perfume dos troncos

serrados

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

gargalhadas sobre o escárnio da

palmatória

coragem nas pontas das botas do roceiro

força no esfrangalhado das portas violentadas

firmeza no vermelho-sangue da insegurança

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

estrelas sobre o camartelo guerreiro

paz sobre o choro das crianças

paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato

paz sobre o ódio

criar

criar paz com os olhos secos

Criar criar

criar liberdade nas estradas escravas

algemas de amor nos caminhos paganizados

[do amor

sons festivos sobre o balanceio dos corpos em

forças simuladas.

Criar

criar com os olhos secos.

3.7.10. Plano das aulas 15 e 16

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DA AULA 15 e 16 (01/06 – Quinta-feira – 10:50 às 12:15 [1 h/a])

Tema: Tópico especial - ancestralidade África - Brasil.

Objetivos gerais:

- Ampliar o escopo do conto na África para similaridades nos contos Brasileiros.

Objetivos específicos:

- Ler coletivamente o poema “Criar” de Agostinho Neto;
- Ler individualmente o conto “Nas águas do tempo” de Mia Couto;
- Compreender a ancestralidade na cultura escrita/falada afrodescendente, por meio da explicação de metáforas associadas à cultura e aos ritos africanos;
- Realizar, juntamente com os professores, a análise textual do conto “Nas águas do tempo” de Mia Couto;
- Produzir um texto escrito que justifique a classificação do texto *Nas águas do tempo*, de Mia Couto, como conto, a partir da verificação dos elementos composicionais típicos apresentados nas aulas passadas.

Conteúdo:

- Ancestralidade cultural afrodescendente;

- Características textuais do conto;
- Expressividade, entonação, fluência ritmo na leitura oral.

Metodologia:

TEMPO (total 90 min)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da chamada; • Leitura coletiva do poema “Criar” de Agostinho Neto. (anexo 1)
10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura coletiva do conto D “Nas águas do tempo”, de Mia Couto. (anexo 2)
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos estagiários sobre a ancestralidade na cultura afrodescendente.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Análise oral das características <i>textuais e estilísticas</i> do texto, empregadas pelo autor, destacando com que fim as utiliza e como atuam na formação do sentido textual.
10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Verificação da aplicabilidade do quadro esquemático (feito em 11/05) ao conto D “Nas águas do tempo”, de Mia Couto. (anexo 2)
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade avaliativa de sistematização dos elementos composicionais do conto. (anexo 4)
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecimento de dúvidas e encerramento da aula.

Recursos didáticos: quadro, pincel atômico, folhas sulfite, quadro esquemático.

Avaliação:

- Avaliaremos a colaboração dos alunos na análise informal do conto de Mia Couto [conteúdo atitudinal e conceitual];
- Avaliaremos a produção escrita realizada pelos alunos considerando a adequação da

comparação [conteúdo procedimental e conceitual];

- Avaliaremos a participação na leitura do conto de Mia Couto [conteúdo atitudinal].

Referências bibliográficas:

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. DAGA, Aline Cassol. DIAS, SabathaCatoia. *Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na educação básica*. Calidoscópico: vol. 12, n. 2 p. 226-238 maio/ago, 2014.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas / Mia Couto*. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012. <http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13294.pdf>

ANEXO 1 – POEMA DE AGOSTINHO NETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

AGOSTINHO NETO (1922-1979)

firmeza no vermelho-sangue da insegurança
criar

CRIAR

criar com os olhos secos

Criar criar

Criar criar

criar no espírito criar no músculo criar

estrelas sobre o camartelo guerreiro

no nervo

paz sobre o choro das crianças

criar no homem criar na massa

paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato

criar

paz sobre o ódio

criar com os olhos secos

criar

criar paz com os olhos secos

Criar criar

Criar criar

sobre a profanação da floresta

criar liberdade nas estradas escravas

sobre a fortaleza impudica do chicote

algemas de amor nos caminhos paganizados

criar sobre o perfume dos troncos

[do amor

serrados

sons festivos sobre o balanceio dos corpos em

criar

forças simuladas.

criar com os olhos secos

Criar criar

Criar

gargalhadas sobre o escárnio da

criar com os olhos secos.

palmatória

coragem nas pontas das botas do roceiro

força no esfrangalhado das portas

violentadas

ANEXO 2 – CONTO NAS ÁGUAS DO TEMPO, DE MIA COUTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

NAS ÁGUAS DO TEMPO

Mia Couto

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado.

— *Mas vocês vão aonde?*

Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.

— *Voltamos antes de um agorinha, respondia.*

Nem eu sabia o que ele perseguia. Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. A maneira como me apertava era a de um cego desbengalado. No entanto, era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.

Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava, ensonada. Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha. E eu lhe imitava.

— *Sempre em favor da água, nunca esqueça!*

Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem.

Depois viajávamos até ao grande lago onde nosso pequeno rio desaguava. Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra. Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufarfalludas,

nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecendo no suave embalo. O avô, calado, espiava as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos.

De repente, meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora. O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano.

— *Você não vê lá, na margem? Por trás do cacimbo?*

Eu não via. Mas ele insistia, desabotoando os nervos.

— *Não é lá. É láááá. Não vê o pano branco, a dançar-se?*

Para mim havia era a completa neblina e os receáveis aléns, onde o horizonte se perde. Meu velho, depois, perdia a miragem e se recolhia, encolhido no seu silêncio. E regressávamos, viajando sem companhia de palavra.

Em casa, minha mãe nos recebia com azedura. E muito me proibia, nos próximos futuros. Não queria que fôssemos para o lago, temia as ameaças que ali moravam. Primeiro, se zangava com o avô, desconfiando dos seus não propósitos. Mas depois, já amolecida pela nossa chegada, ela ensaiava a brincadeira:

— *Ao menos vissem o namwetxo moha! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte...*

O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço. Nós éramos miúdos e saíamos, aventureiros, procurando o moha. Mas nunca nos foi visto tal monstro. Meu avô nos apoucava. Dizia ele que, ainda em juventude, se tinha entrevisto com o tal semifulano. Invenção dele, avisava minha mãe. Mas a nós, miudagens, nem nos passava desejo de duvidar.

Certa vez, no lago proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos. Estávamos na margem onde os verdes se encançam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô. Acontece que, dessa vez, me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar pé em terra não firme.

— *Nunca! Nunca faça isso!*

O ar dele era de maiores gravidades. Eu jamais assistira a um semblante tão bravio em meu velho. Desculpei-me: que estava descendo do barco mas era só um pedacito de tempo. Mas ele ripostou:

— *Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.*

Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho correu-me e me puxou. Mas a força que me sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficámos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa. De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça.

— *Cumprimenta também, você!*

Olhei a margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixámos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calmaria. Voltámos ao barco e respirámos os alívios gerais. Em silêncio, dividimos o trabalho do regresso. Ao amarrar o barco, o velho me pediu:

— *Não conte nada o que se passou. Nem a ninguém, ouviu?*

Nessa noite, ele me explicou suas escondidas razões. Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi. No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.

— *Me entende?*

Menti que sim. Na tarde seguinte, o avô me levou uma vez mais ao lago. Chegados à beira do poente ele ficou a espreitar. Mas o tempo passou em desabitual demora. O avô se inquietava, erguido na proa do barco, palma da mão apurando as vistas. Do outro lado, havia menos que ninguém. Desta vez, também o avô não via mais que a enevoadada solidão dos pântanos. De súbito, ele interrompeu o nada:

— *Fique aqui!*

E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando, em desequilíbrio com meu peso ímpar. Presenciei o velho a alonjar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundido.

Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões.

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas* / Mia Couto. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012. <http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13294.pdf>.

ANEXO 3 – QUADRO DE CARACTERÍSTICAS DO CONTO

	CONTO
O texto conta uma história?	
O narrador se preocupa em contar o começo, o meio e o fim da história?	
Há unidade de ação (só uma história)?	
Há unidade de espaço?	
Há unidade de tempo?	
O texto tem diálogos?	
Há predomínio de narração?	
Há predomínio de descrição?	
O texto é escrito em primeira pessoa?	
O texto é escrito em terceira pessoa?	
O narrador se envolve com a história que conta e dá suas opiniões?	

ANEXO 4 – ATIVIDADE AVALIATIVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

ATIVIDADE AVALIATIVA

Escreva um pequeno texto explicando porque *Nas águas do tempo*, de Mia Couto, é considerado um *conto*. O texto deve apresentar argumentos adequados à sustentação das conclusões e, além do mais, deve ser *coerente* e *coesos* (afinal, trata-se de um texto, não de uma lista de tópicos ou perguntas e respostas). Para auxiliá-lo em sua produção, considere o esquema abaixo, retirado do livro *A Criação Literária*, de Massaud Moisés – lembre-se de que o conto não precisa enfatizar igualmente todos estes aspectos. Um exemplo: o conto *Bango a Mussungu*, de Óscar Ribas, é considerado um conto por conter unidade de ação, de espaço, de tempo, poucas personagens, descrição e narração, mas não enfatiza o diálogo (embora o tenha), nem tampouco a dissertação (que é indireta).



3.7.11. Plano das aulas 17 e 18

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 17 e 18 (02/06 – Sexta-feira – 10:05 às 10:50 [1 h/a])

Tema: Prolegômenos à escrita do conto e início da escrita.

Objetivos gerais:

- Compreender o encadeamento das partes que constituem o projeto de dizer, com foco no *como escrever e para quem escrever*;
- Produzir a 1ª versão do conto, considerando *como escrever e para quem escrever*.

Objetivos específicos:

- Recitar coletivamente o poema “O desmem” de Murilo Mendes;
- Compreender o projeto de dizer na construção do conto; esse aspecto precisa ser enfatizado antes.
- Principliar a elaboração do conto individual.
- Empregar adequadamente as características do conto estudadas ao longo das aulas na produção da 1ª versão do conto;
- Fazer uso dos recursos da língua de modo a produzir os efeitos de sentido desejados, tendo em vista o próprio projeto de dizer. A questão da linguagem e efeitos de sentido foi pouco explorada nos contos trabalhados.

Conteúdo:

- Planejamento da escrita;
- Recursos discursivos, composicionais, expressivos e linguísticos na produção do conto;
- Escrita do conto.

Metodologia:

TEMPO (total: 45 min)	ATIVIDADES
4 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Realização da chamada; ● Recitação do poema “O desmem” de Murilo Mendes. (anexo 1)
15 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Rediscussão a respeito do que levar em conta quando se escreve um conto (como e para quem escrever, efeitos de sentido, uso consciente da linguagem, etc).
20 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Início da escrita do conto.
1 minuto	<ul style="list-style-type: none"> ● Encerramento da aula.

Materiais didáticos: quadro, pincel atômico, folhas sulfite.

Avaliação:

- Avaliaremos a participação dos alunos da leitura do poema [conteúdo atitudinal];
- Avaliaremos a concentração e envolvimento para com o conteúdo exposto no encaminhamento da atividade de produção de um conto [conteúdo conceitual e atitudinal];
- Avaliaremos o início da produção escrita do conto, considerando a adequação do texto ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa [conteúdo procedimental e conceitual].

Referências bibliográficas:

MIOTELLO, Valdemir. *O discurso da ética e a ética do discurso*. Cadernos da Escola do Legislativo, 2009.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Apresentado durante a teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade'. King's College, Londres, outubro, 2003.

ANEXO 1 – POEMA DE MURILO MENDES: O DESOMEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

POEMA DE MURILO MENDES: O DESOMEM

O desOMEM sem h desova o desOMEM a desmulher e a descriança.

O desOMEM desova o desamor o antissemitismo o anticristismo as câmaras de gás os campos de concentração o pânico o serrote o martelo a torquês o pânico dos pânicos.

O desOMEM desova a desarte a despoesia a desmúsica a despedida do homem.

O desOMEM desova a fome a peste a guerra a morte.

3.7.12. Plano das aulas 19 e 20

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 19 e 20 (07/06 –Quarta-feira – 10:30 às 11:50 [1 h/a])

Tema: Tópico especial - ancestralidade África - Brasil; reescrita/continuação da avaliação.

Objetivos gerais:

- Expandir o repertório cultural de textos da literatura brasileira pela leitura do conto “A terceira margem do Rio”, de Guimarães Rosa;
- Estabelecer a relação entre o conto “A terceira margem do Rio”, de Guimarães Rosa, do repertório cultural literário brasileiro, com o conto “Nas águas do rio”, de Mia Couto;

Objetivos específicos:

- Recitar coletivamente o poema “O desmem” de Murilo Mendes;
- Identificar as características do conto estudadas em aulas anteriores no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa
- Analisar as características textuais e estilísticas do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, comparativamente às características do conto já estudadas em aulas anteriores;
- Ouvir a música “A terceira margem do rio”, de Caetano Veloso apenas como atividade de apreciação e contato cultural;
- Revisar as características do conto pela discussão da correção da avaliação do dia 01/06.

Conteúdo:

- Conceito e características do conto;
- Procedimentos textuais e estilísticos, no que compreende a substituição de termos para o aumento da carga emocional, ou na exclusão de conjunções e adjuntos para o favorecimento da nebulosidade do texto;
- Noções da literatura modernista brasileira em diálogo com o conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa.

Metodologia:

TEMPO (total: 90 min)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Realização da chamada;• Recitação do poema “O desmem” de Murilo Mendes. (anexo 1)
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Retomada e discussão das respostas dadas pelos alunos na avaliação realizada no dia 01/06.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Leitura em grupo do conto E de Guimarães Rosa, “A terceira margem do Rio”; (anexo 2)
20 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Discussão a respeito das associações possíveis com o conto D.
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Análise informal e falada (lendo e comentando) das características <i>textuais e estilísticas</i> do texto, empregadas pelo autor, destacando com que fim as utiliza e como atuam na formação de sentido textual;
15 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Verificação de aplicabilidade do quadro esquemático (feito em 11/05) ao conto E. (anexo 3)
5 minutos	<ul style="list-style-type: none">• Reprodução da música “A terceira margem do rio”, de Caetano Veloso

	<p><https://www.youtube.com/watch?v=hoP22GNwibc> e encerramento da aula.</p>
--	--

Materiais didáticos: quadro branco, pincel atômico, papel sulfite, impressões, material multimídia e quadro esquemático.

Avaliação:

- Avaliaremos a participação dos alunos na análise informal do conto “A terceira margem do Rio” de Guimarães Rosa [conteúdo atitudinal e conceitual];
- Avaliaremos a participação na recitação do poema e na leitura do conto “A terceira margem do Rio” de Guimarães Rosa [conteúdo atitudinal]
- Avaliaremos a compreensão do conceito de conto na verificação da aplicabilidade do quadro esquemático [conteúdo procedimental e conceitual].

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino de língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. DAGA, Aline Cassol. DIAS, Sabatha Catoia. *Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na educação básica*. Calidoscópico: vol. 12, n. 2 p. 226-238 maio/ago, 2014.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

ANEXO 1 – QUADRO DE CARACTERÍSTICAS DO CONTO

	CONTO
O texto conta uma história?	
O narrador se preocupa em contar o começo, o meio e o fim da história?	
Há unidade de ação (só uma história)?	
Há unidade de espaço?	
Há unidade de tempo?	
O texto tem diálogos?	
Há predomínio de narração?	
Há predomínio de descrição?	
O texto é escrito em primeira pessoa?	
O texto é escrito em terceira pessoa?	
O narrador se envolve com a história que conta e dá suas opiniões?	

ANEXO 2 – A TERCEIRA MARGEM DO RIO, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

JOÃO GUIMARÃES ROSA - A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beíço e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrepentia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspensa no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia

das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispendo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a

minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. *Ficção completa*: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

3.7.13. Plano das aulas 21 e 22

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 21 e 22 (08/06 – Quinta-feira – 10:50 às 12:15 [1 h/a])

Tema: Análise linguística e produção escrita do conto.

Objetivos gerais:

- Analisar coletivamente a adequação dos recursos textuais e linguísticos empregados na 1ª versão do conto, tendo em vista a continuidade da escrita da versão final do conto.

Objetivos específicos:

- Analisar juntamente com os professores as formas inadequadas empregadas na primeira versão do conto, com base nas características desse gênero;
- Aperfeiçoar o estilo textual na produção da versão final do conto, com base nas indicações dos professores estagiários;
- Compreender as possibilidades de variações linguísticas, estilísticas e estéticas a partir da análise em conjunto de excertos da 1ª versão do conto. Esses aspectos precisam ser melhor explorados nas análises dos contos lidos. O foco ficou muito na estrutura. Só podemos cobrar aquilo que trabalhamos.

Conteúdo:

- Percepções de estilo da língua escrita;

- Aspectos da gramática normativa relativos às necessidades evidenciadas na 1ª versão do conto;
- Questões relacionadas à variação linguística evidenciadas na 1ª versão do conto.

Metodologia:

TEMPO (total: 90 min)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Recitação do poema “Certos pequenos tiranos” de Conceição Lima; (anexo 1) • Realização da chamada.
30 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Análise linguística (coletiva e expositiva) para auxílio no encaminhamento das produções com base nas necessidades evidenciadas nos contos produzidos pelos alunos.
50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Continuação da produção escrita do conto.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecimento de dúvidas e encerramento da aula.

Materiais didáticos: quadro branco, pincel atômico e papel sulfite.

Avaliação:

- Avaliaremos a compreensão dos alunos referentes à correção dos contos, com base nas indicações dos professores estagiários [conteúdo conceitual];
- Avaliaremos a participação dos alunos na análise coletiva das inadequações empregadas na 1ª versão do conto [conteúdo atitudinal];
- Avaliaremos o engajamento no aprimoramento da produção da 2ª versão do conto [conteúdo conceitual e procedimental].

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino de língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. DAGA, Aline Cassol. DIAS, Sabatha Catoia. *Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na educação básica*. Calidoscópio: vol. 12, n. 2 p. 226-238 maio/ago, 2014.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

ANEXO 1 – POEMA DE CONCEIÇÃO LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

CERTOS PEQUENOS TIRANOS, DE CONCEIÇÃO LIMA

A certos pequenos tiranos
comove-os o enigma na pétala de um orquídea
e o langor da linha na palma da própria mão.

Algures, um estranho brinquedo falece
na secretária onde existem.

Por vezes articulam breves sentenças
e estão sempre em atritos com o mesmo orçamento.

Mas crêem no amparo de feitiços e amuletos
e segregam uma teia de invencível apatia
que tolhe as impressoras, as portas dos armários
e contrai as linhas das quatro paredes.

Porque os emociona a própria bondade
tomam por amor a vénia dos vassalos
os pequenos tiranos
que publicam altos amigos como títulos de jornal
e distribuem grãos de favor como quem outorga um foral.

São meticulosos no arrumar dos papéis
pois na simetria das coisas enterram a luz das ideias.

Mortifica-os a idade, são hipocondríacos
e só por distração morrerão em África.

Dói a doçura da savana espezinhada nesses pequenos tiranos
A pátria em seus ombros é divisa, cartão de visita
No borrão do carimbo dispara a AKA que nunca empunharam.

<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet282.htm>

3.7.14. Plano das aulas 23 e 24

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 23 e 24 (09/06 – Sexta-feira – 10:05 às 10:50 [1 h/a])

Tema: Reescrita do conto e digitação.

Objetivos gerais:

- Finalizar a produção do conto, levando em consideração as indicações dos professores estagiários na 1ª versão.

Objetivos específicos:

- Concluir a produção escrita da versão final do conto;
- Esclarecer dúvidas pontuais a respeito da produção da 1ª versão do conto, tendo em vista a produção da versão final;
- Digitar o conto finalizado.

Conteúdo:

- Conceito/características do conto;
- Questões gramaticais evidenciadas na 1ª versão do conto;
- Questões de estilística evidenciadas na 1ª versão do conto.

Metodologia:

TEMPO (total: 45 min)	ATIVIDADE
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Realização da chamada; ● Recitação do poema “Certos pequenos tiranos” de Conceição Lima. (anexo 1)
35 minutos	<ul style="list-style-type: none"> ● Finalização da escrita do conto; ● Digitação do conto no computador.
5 minuto	<ul style="list-style-type: none"> ● Envio do conto digitado para o email dos professores estagiários; ● Esclarecimento de dúvidas e encerramento da aula.

Materiais didáticos: quadro branco, pincel atômico, computadores e folha sulfite.

Avaliação:

- Avaliaremos a conclusão da produção escrita do conto, considerando a adequação ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa [conteúdo conceitual e procedimental];
- Avaliaremos a conclusão da digitação do conto [conteúdo procedimental];
- Avaliaremos a participação dos alunos na recitação do poema [conteúdo atitudinal].

Referências bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estilística no ensino de língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. DAGA, Aline Cassol. DIAS, Sabatha Catoia. *Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na educação básica*. Calidoscópico: vol. 12, n. 2 p. 226-238 maio/ago, 2014.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

ANEXO 1 – POEMA DE CONCEIÇÃO LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

CERTOS PEQUENOS TIRANOS

A certos pequenos tiranos
comove-os o enigma na pétala de um orquídea
e o langor da linha na palma da própria mão.

Algures, um estranho brinquedo falece
na secretária onde existem.

Por vezes articulam breves sentenças
e estão sempre em atritos com o mesmo orçamento.

Mas crêem no amparo de feitiços e amuletos
e segregam uma teia de invencível apatia
que tolhe as impressoras, as portas dos armários
e contrai as linhas das quatro paredes.

Porque os emociona a própria bondade
tomam por amor a vénia dos vassalos
os pequenos tiranos
que publicam altos amigos como títulos de jornal
e distribuem grãos de favor como quem outorga um foral.

São meticulosos no arrumar dos papéis

pois na simetria das coisas enterram a luz das ideias.

Mortifica-os a idade, são hipocondríacos
e só por distração morrerão em África.

Dói a doçura da savana espezinhada nesses pequenos tiranos
A pátria em seus ombros é divisa, cartão de visita
No borrão do carimbo dispara a AKA que nunca empunharam.

<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet282.htm>

3.7.15. Plano das aulas 25 e 26

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Colégio de Aplicação – UFSC

Professora regente da turma: Nara Caetano Rodrigues

Estagiário responsável pela aula: Gabriel Carvalho

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 1ºC (ensino médio)

PLANO DAS AULAS 25 e 26 (14/06 – Quarta-feira – 10:30 às 11:50 [1 h/a])

Tema: Socialização dos contos e encerramento do estágio docência.

Objetivos gerais:

- Socializar o conto produzido, pela leitura em voz alta na sala de aula aos colegas e professores e pela divulgação em um blog da turma.

Objetivos específicos:

- Ler com expressividade e clareza o conto produzido durante o estágio docência para a sala;
- Ouvir o conto de seus colegas, atribuindo sentidos à fala do outro;
- Apreciar o momento de socialização das produções, valorizando as produções dos colegas pela postura de escuta atenta e de respeito ao outro.

Conteúdo:

- Acesso a blog;
- Leitura em ambiente digital;
- Expressividade e clareza na leitura oral.

Metodologia:

TEMPO (total: 80 min)	ATIVIDADES
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Realização da chamada; • Recitação do poema “Certos pequenos tiranos” de Conceição Lima. (anexo 1)
10 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Entrega das notas individuais.
60 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Socialização dos contos de cada aluno oralmente e no blog online.
5 minutos	<ul style="list-style-type: none"> • Nota de encerramento do estágio docência.

Recursos didáticos: quadro branco, pincel atômico, computadores e folhas sulfite.

Avaliação:

- Avaliaremos a participação dos alunos na socialização dos contos produzidos, considerando expressividade, entonação, fluência na leitura oral [conteúdo atitudinal].

Referências bibliográficas:

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

GERALDI, João Wanderley. *Aula como acontecimento*. São Paulo: João e Pedro, 2015.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

ANEXO 1 – POEMA DE CONCEIÇÃO LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO-CED/UFSC

ENSINO MÉDIO – 1ª ANO C

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA

PROFESSORA: NARA CAETANO

PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS: GABRIEL CARVALHO E GABRIEL ESTEVES

CERTOS PEQUENOS TIRANOS

A certos pequenos tiranos
comove-os o enigma na pétala de um orquídea
e o langor da linha na palma da própria mão.

Algures, um estranho brinquedo falece
na secretária onde existem.

Por vezes articulam breves sentenças
e estão sempre em atritos com o mesmo orçamento.

Mas crêem no amparo de feitiços e amuletos
e segregam uma teia de invencível apatia
que tolhe as impressoras, as portas dos armários
e contrai as linhas das quatro paredes.

Porque os emociona a própria bondade
tomam por amor a vénia dos vassalos
os pequenos tiranos
que publicam altos amigos como títulos de jornal
e distribuem grãos de favor como quem outorga um foral.

São meticulosos no arrumar dos papéis

pois na simetria das coisas enterram a luz das ideias.

Mortifica-os a idade, são hipocondríacos
e só por distração morrerão em África.

Dói a doçura da savana espezinhada nesses pequenos tiranos
A pátria em seus ombros é divisa, cartão de visita
No borrão do carimbo dispara a AKA que nunca empunharam.

<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet282.html>

ANEXO 2 – RESULTADOS OBTIDOS



3.8.REFLEXÃO DA ATIVIDADE DOCENTE NO ENSINO MÉDIO

Afora pequenos incidentes, nosso trabalho de docência correu como planejado: 25 das 26 aulas do projeto foram ministradas dentro do tempo previsto, começando em 4 de maio e terminando em 14 de junho – no dia 2 de junho tivemos um pequeno problema, pois deveríamos ministrar as aulas 17 e 18, mas, por conta da aula compartilhada com a professora de história (requisitada por ela), tivemos de encurtá-las em apenas uma (este incidente não alterou em praticamente nada o nosso cronograma, pois esta aula “perdida” seria dedicada à escrita do conto e, como soubemos previamente do problema, pudemos avisar aos alunos para que começassem a escrita em casa). Como planejado, seguimos uma sequência minuciosa de leitura, análise e produção, de acordo com o mesmo eixo desenvolvido no projeto do Estágio Docência I, realizado em 2016.2; diferente do que experimentamos anteriormente, entanto, neste projeto dispúnhamos de um número consideravelmente maior de aulas (pois enquanto na disciplina de Estágio Docência II ministramos todas as aulas em sala, durante a disciplina de língua portuguesa, no Estágio Docência I dividimos a experiência de estágio em *docência na sala de aula* e *docência no projeto extraclasse*), vantagem que permitiu-nos trabalhar com um número relativamente grande de textos e ainda com uma quantidade generosa de aulas dedicadas à produção final do conto. Podemos dizer que, ao fim do processo, nossas aulas se dividiram em momentos alternados de leitura direcionada de contos (africanos ou não) por nós selecionados e produção dos próprios contos dos alunos, de sorte que puderam tecer ricas comparações entre seus e alheios textos, a fim de sanar dúvidas de composição surgidas da própria experiência autoral.

Em meio ao processo central do planejamento, guiado pela produção final dos contos, realizamos outro tipo diferente de atividade: leituras coordenadas de poesia. Nesta atividade, buscamos trabalhar a expressão oral dos alunos com leituras coordenadas de poesia através de corais, leituras individuais, alternadas etc., assim como expandir seu repertório e, eventualmente, tecer relações com a produção dos contos, salientando a preocupação do autor com o seu público, a mobilização da linguagem com vistas em um fim etc. Resumidas as atividades, podemos teoricamente refletir acerca do que fora previsto e verificar o que conseguimos alcançar com nossa execução, a fim de salientar pontos positivos e negativos que possam auxiliar em nossa formação docente.

Gabriel Esteves assumira a docência a partir das **aulas 1 e 2**, realizadas no dia 04 de maio, na sala de aula. Ao chegar na sala, os alunos estavam conversando entre si e, uma vez que viram que a

professora Nara entrara na aula junto do estagiário Esteves, logo diminuíram o volume da conversa. A professora começou sua fala apresentando aos alunos o Estagiário Esteves, o qual começaria a ministrar as aulas, devido ao estágio docência. A notícia se espalhou pela sala positivamente, pois os alunos comentaram entre si que a partir de então a aula seria mais tranquila.

Nisto, enquanto os alunos se organizavam para a aula, o estagiário Esteves começou a ler o texto de apresentação para os alunos e todos ouviram com atenção enquanto lia o documento. E, quando terminou de ler, o estagiário Esteves perguntou aos alunos o que eles entendiam de conto e o que achavam que o conto significava. A princípio, a maioria dos alunos permaneceu quieta, no entanto, depois de estímulos os alunos responderam à pergunta listando aspectos que achavam que corresponderia ao conceito de conto. Assim, enquanto os alunos falavam as possíveis características, o estagiário Esteves as anotava na lousa.

Concomitantemente ao exercício intuitivo a respeito do conceito de conto, alguns dos alunos mais influentes da sala aproveitaram a aula do estagiário para pôr o sono em dia, no entanto, embora alguns alunos tenham reagido à aula de modo inesperado e desinteressado, a maioria da sala respondeu bem ao exercício e, inclusive, ao estagiário, o qual logo em seguida perguntou três questões a toda a sala: *o que é conto; onde e como circulam os contos; por que escrever contos?* E novamente a constatação anterior: a concentração da sala é, embora silenciosa, “ativa”, no sentido de que os alunos estavam jogados em seus cadernos, como também dormindo em suas mesas, ao passo que meia dúzia correspondia à pergunta. Ou seja, os alunos que realmente estavam interagindo eram os que estavam curiosos a respeito do conceito de conto e sobre suas especificidades.

Após a conversa a respeito dos contos, o estagiário Esteves entregou aos alunos diversos contos pequenos e grandes sobre a temática Africana para os alunos lerem durante a aula, de modo que os alunos analisariam por meio da leitura frutiva se suas suposições a respeito do conto eram verdadeiras ou não. Em seguida, os alunos passaram a ler os contos que foram dados a eles, mas muitos continuaram conversando paralelamente – alguns alunos trocavam informações e comentários a respeito do próprio texto, felizmente.

A alguns alunos, a leitura do conto não foi enriquecedora, pois o sono os dominou de forma bastante significativa e, nesse sentido, três ou quatro alunos deixaram de ler e passaram a dormir em suas carteiras, mostrando desinteresse, como também cansaço; ao passo que a maioria dos alunos lia os contos com interesse e diversão.

Passado vinte minutos, o estagiário Esteves quebrou o silêncio da sala, perguntando a todos os alunos se já tinham terminado de ler e, logo em seguida, alguns alunos foram convidados a resumir a leitura para toda a sala. Os breves resumos de leitura, felizmente, foram realizados com entusiasmo e interesse, tanto no sentido da curiosidade a respeito de certos costumes Africanos,

como também, de especificidades do conto. Logo em seguida, o sinal do colégio tocou e, houve certo tumulto e, todos os alunos foram embora para o recreio, impossibilitando o fechamento da aula.

No dia cinco de maio, tivemos a **aula 3**. Durante a chegada à escola, o estagiário Esteves procurou a professora Nara para saber se os aparelhos multimídia da sala estavam funcionando corretamente, pois assumiria a quarta aula naquele dia. A professora Nara o avisou de que não funcionavam e, portanto, disse que Esteves teria de buscar a chave da sala 7C na inspetoria, pois nesta outra sala os equipamentos funcionavam. Enquanto, durante a terceira aula, os dois estagiários arrumavam os equipamentos multimídia na sala 7C, a professora Nara foi até lá e alertou ao estagiário Esteves de que os alunos seriam dispensados durante a quarta aula (quando ministraria sua aula) para que pudessem descer ao auditório da escola e assistir a uma palestra organizada pelo professor de geografia, de modo que, a princípio, não poderíamos mais dar aula neste dia. A fim de solucionar a questão, no entanto, a professora Nara cedeu sua aula para o estagiário Esteves (a *terceira* aula) e, portanto, todos os alunos se deslocaram até a sala 7C.

O estagiário Esteves começou sua aula avisando a todos que passaria um vídeo sobre uma autora africana, a qual palestrava a respeito da representatividade negra e africana nos Estados Unidos. Os alunos assistiram ao vídeo com atenção, no entanto, o sinal bateu e os alunos desceram para o intervalo. Durante o intervalo, ficamos sabendo que teríamos *metade* da quarta aula e pudemos, portanto, dar continuidade ao planejamento. Ao voltarem, o estagiário Esteves notou que o sistema de áudio do computador estava comprometido e que não haveria a possibilidade de dar continuidade ao vídeo que os alunos estavam assistindo. Desse modo, quando os alunos voltaram do recreio, convidou a todos para novamente se deslocarem e irem para a sala de linguagens, a qual apresentava os equipamentos multimídia em perfeito estado.

Ao chegarem na sala de linguagens, alguns alunos sentaram no tapete repleto de almofadas, outros na mesa principal e logo sugeriram ao estagiário que continuasse o vídeo de onde parou e que não começasse desde o princípio, embora o Esteves argumentasse que seria mais enriquecedor que assistissem novamente, no entanto, os alunos conseguiram convencê-lo do contrário.

Quando o vídeo terminou, o estagiário Esteves perguntou a opinião dos alunos a respeito do tema da palestra da autora africana e, então, muitos alunos falaram o que pensavam, como também concordavam com a palestrante. O Esteves começou uma conversa a respeito do vídeo e praticamente todos falaram um pouco, inclusive, o estagiário Carvalho, o qual não estava ministrando a aula. No final, os alunos foram avisados pela professora Nara de que a palestrante já havia chegado ao auditório e todos saíram do laboratório de linguagem.

No dia onze de maio, tivemos as **aulas 4 e 5**. O estagiário Esteves entrou em sala junto da professora Nara, enquanto os alunos estavam bem entusiasmados, conversando. Ele arruma o datashow e espera os alunos se acalmarem para dar início à aula.

Nisto, quando a maioria dos alunos se acalmou, o estagiário Esteves perguntou aos alunos o que tinham visto na aula passada, como pergunta retórica para que eles sintetizassem o conteúdo abordado anteriormente. Quando terminaram a fala, o estagiário Esteves apresentou aos alunos o autor angolano Óscar Ribas e, então, começou a apresentar a obra do autor e, inclusive, sua vida. Uma vez terminada sua fala, o estagiário Esteves distribuiu aos alunos o conto Bango a Mussungu para realizarem a leitura silenciosa. Enquanto os alunos se organizavam com o material entregue, o estagiário Esteves começou a escrever na lousa orientações de leitura, como anotar palavras que desconhecêssem, assim como passagens interessantes do conto. Desse modo, os alunos no começo permaneceram quietos enquanto liam. Com o avanço da leitura, alguns alunos menos interessados passaram a realizar conversas paralelas ou jogar em seus telefones, ao passo que a maioria da turma lia concentradamente o conto fornecido pelo estagiário Esteves.

Passada meia hora, a maioria dos alunos já tinham terminado a leitura e estavam conversando sobre assuntos paralelos, impossibilitando o término da leitura de alunos que demoraram mais a terminar. Assim, o estagiário Esteves pediu para que todos dissessem as palavras que encontraram e que não sabiam o significado, os alunos relataram algumas palavras engraçadas, longas e, no fim, quase todos esclareceram suas dúvidas a respeito do léxico estrangeiro do conto.

Nisto, uma vez que o exercício terminou, o estagiário Esteves pediu aos alunos que sintetizassem o conto oralmente e um deles o fez muito bem. Em seguida, instaurou-se uma conversa bem produtiva a respeito de cultura, África e o conto em questão. Logo em seguida, o estagiário Esteves desenhou uma girafa na lousa a fim de criar um jogo para explicar aos alunos sobre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito.

Terminado esse exercício gramatical, o estagiário Esteves organizou o material midiático da sala e apresentou aos alunos “memórias” de uma autora Africana para os alunos lerem coletivamente. Assim, os alunos e o estagiário Esteves realizaram uma conversa bastante interessante a respeito das características-chave do conceito de conto, em comparação com as características da memória, estabelecendo distinções e aproximações entre os conceitos dos dois gêneros. Durante esta atividade, o estagiário Esteves preferiu não utilizar a tabela inicialmente criada para esta aula, pois julgara que seria mais adequado apenas tecer comparações no quadro, sem o auxílio do aparelho digital.

Assim, uma vez que o estagiário Esteves terminou a conversa e a análise superficial a respeito da memória e sua comparação com o conto, passou a sistematizar as características na lousa e, no final da sistematização, o sinal tocou.

No dia doze de maio, tivemos a **aula 6**. O estagiário Esteves chegou na sala enquanto os alunos estavam no recreio esperando na fila do pão de queijo. Aproveitando a ausência dos alunos, o estagiário Esteves começou a escrever na lousa o conteúdo da aula do dia, enquanto os alunos chegavam do recreio e se organizavam lentamente.

Uma vez que os alunos se organizaram, o estagiário Esteves começou a explicar o conteúdo acerca do miniconto e, felizmente, os alunos permaneceram quietos e atentos à explicação e começaram a copiar o que estava registrado na lousa.

Uma vez terminada a explicação, o estagiário Esteves pegou uma boina que continha inúmeros minicontos e, então, escolheu um dos alunos para ler o miniconto à turma e fazer um comentário. Os alunos corresponderam bem ao exercício e, todo colega que terminava de ler o miniconto e falava a respeito do seu conteúdo, indicava outro colega para ler outro miniconto à turma.

Quando quase todos os alunos tiveram a oportunidade de escolher o miniconto da boina, o estagiário Esteves passou novamente na lousa uma tabela e construiu junto dos alunos as características principais do miniconto em oposição ao conto. O sinal bateu e a aula terminou.

No dia dezessete de maio, tivemos as **aulas 7 e 8**. Ao entrar na sala, Esteves separa o conto *Hebo* de Óscar Ribas, para ser distribuído aos alunos. Enquanto os alunos conversam paralelamente, Esteves explica os encaminhamentos aos alunos, como concomitantemente distribui a todos o conto em questão. O planejamento destas aulas previa que cada aluno assumiria a leitura de uma das personagens do conto, mas os alunos preferiram ler o conto individualmente e em silêncio. No final da leitura, o estagiário principiou uma discussão a respeito dos elementos linguísticos, composicionais e temáticos do conto, tanto em relação às características que até então vínhamos estudando em aula, como em relação à subjetividades e interpretações. Por fim, ao final da conversa/discussão, Esteves entregou aos alunos uma atividade de análise linguística e estilística para ser realizada.

No dia dezoito de maio, tivemos as **aulas 9 e 10**. O estagiário Esteves entrou na sala e começou a se organizar, enquanto os alunos conversavam paralelamente a respeito da prova de física, que aconteceria na próxima semana. Nisto, Esteves pede a atenção dos alunos e como

gradualmente fossem atendendo ao pedido, iniciou sua fala, que se consistiu na apresentação do autor do conto *A estória da galinha e do ovo*, de Luandino Vieira.

Para dar os encaminhamentos pertinentes à aula, Esteves escreve na lousa as orientações de leitura, auxiliando os alunos em relação aos elementos textuais que precisariam prestar mais atenção durante a leitura do conto de Luandino Vieira. No entanto, muitos alunos questionaram o estagiário a respeito da quantidade de páginas do conto, relatando que era um exagero e que não conseguiriam ler em aula. Em resposta, Esteves explicou aos alunos que a leitura de textos um pouco mais longos era bastante importante para eles e que continuaria com essa atividade na aula. Depois da fala do Esteves, alguns alunos concordaram e começaram a ler, no entanto, alguns outros alunos que correspondiam à maioria da sala decidiram não ler e, simplesmente, a conversar e fazer atividades paralelas.

Após o término da primeira aula, Esteves escreve na lousa um comunicado indicando para os alunos realizarem uma tarefa para casa, a qual consistiu em uma reflexão por escrito a respeito do conto de Luandino Vieira. Novamente os alunos contestaram a atividade, mas Esteves não só a manteve, como também justificou o encaminhamento de uma atividade que os alunos consideravam “difícil”, alegando que as aulas de português também serviam para desenvolver a persistência dos alunos diante de situações complicadas e que, portanto, a escola não podia se limitar a oferecer apenas atividades divertidas, sem se preocupar com a formação moral dos seus estudantes (que, alegou o estagiário, só aparecem diante de situações difíceis).

Depois da conversa a respeito da atividade, os alunos passaram a ignorar a leitura anteriormente proposta pelo estagiário, ao passo que um ou outro aluno estava se dedicando com a leitura do conto. Assim, o término da segunda aula foi marcada pela teimosia dos alunos em não ler o conto proposto pelo Esteves, tornando a sala de aula espaço para conversas paralelas e outras atividades que não eram de Língua Portuguesa. A isso, apenas alguns alunos preferiram seguir as orientações do estagiário, leram o conto e anotaram a atividade. Deste incidente concluímos que teria sido melhor não trabalharmos com um texto muito grande em sala de aula: melhor teria sido indicá-lo para leitura em casa.

No dia dezenove de maio, tivemos a **aula 11**. O estagiário Esteves entra na sala, faz a chamada e comunica aos alunos que a aula seria no Laboratório de Linguagem. Para tanto, Esteves e os alunos se direcionam para o Laboratório de Linguagem, o qual já estava organizado para a aula, com o vídeo pronto a ser reproduzido no computador e com as almofadas e assentos para os alunos. Durante alguns minutos, todos se organizam, sentando ora nas almofadas, ora nos banquinhos dispostos em círculo e, então, uma vez que todos estavam preparados para a aula, o Esteves realizou

a apresentação do vídeo que assistiriam na aula, o qual era do Carlos Correia contando a respeito da expressividade na contação de histórias. Depois de uma curta discussão sobre este vídeo, o estagiário Esteves apresentou um vídeo em que o escritor Ilan Brenman falava sobre o *storytelling* no mundo corporativo. Impressionantemente, quando os alunos perceberam que os contos orais, conteúdo que estavam aprendendo em sala de aula, também eram contemplados em ambientes corporativos, ficaram ainda mais entusiasmados e concentrados para assisti-lo. Ao fim do vídeo, o estagiário realizou uma conversa a respeito dos elementos presentes nos contos orais, tendo em vista o vídeo e, assim, os alunos também expressam suas opiniões sobre o *storytelling*. Ao final da final da aula, o estagiário Esteves encaminhou uma atividade para casa: os alunos deveriam gravar, em áudio ou vídeo, algum familiar ou conhecido contando uma história qualquer (as gravações seriam apresentadas no dia 25 de maio). Durante os últimos minutos de aula, alunos e estagiários conversaram a respeito das características dos contos orais em contraposição aos contos escritos, elencando ritmo, entonação e suspense como os mais marcantes na modalidade oral.

No dia vinte e cinco de maio, tivemos as **aulas 12 e 13**. O estagiário Esteves entrou na sala e, enquanto os alunos conversavam paralelamente, organizou o material multimídia para apresentar uma série de slides sistematizando os resultados obtidos na atividade do dia 17 de maio. Antes de começar a apresentação, entanto, o estagiário Carvalho distribui aos alunos o poema *Criar*, de Agostinho Neto, a que todos recitam conjuntamente.

Após a recitação, o estagiário pede para uma das alunas ler o slide, no qual estava a correção de todas as questões da atividade passada. Os alunos escutam a correção das questões com atenção, embora alguns alunos não tenham se interessado pela atividade, a maioria da sala estava concentrada na correção coletiva da atividade, justo porque as respostas de alguns estavam nos slides.

No começo da segunda aula, os alunos apresentavam sinais de cansaço, no entanto embora estivessem um pouco fatigados dos slides, mantiveram a atenção tanto nos elementos que foram corrigidos, quando na discussão que daí adveio. Assim, o final da segunda aula foi marcado pela finalização da apresentação dos slides, bem como de explicações sobre os elementos do conto anteriormente vistos em aula. Julgamos esta aula um grande sucesso: aqui estava toda a sistematização das aulas anteriores e os alunos pediram para que o estagiário Esteves disponibilizasse a apresentação de slides no Moodle, para que pudessem estudar em casa – o que foi feito por intermédio da professora Nara.

Gabriel Carvalho assumira a docência a partir da **aula 14**, realizada em 25 de maio, no laboratório de linguagem. Quando os alunos chegaram às 10h10min. (vindos do intervalo), Carvalho

já havia antecipadamente organizado a sala numa espécie de círculo (mescla de bancos em que os alunos poderiam sentar e almofadas em que se poderiam deitar). Tratava-se, nesta aula, como há uma semana avisado, da reprodução de contos orais, gravados em áudio ou vídeo. Apenas quatro alunos trouxeram algo (alguns alegaram que o estagiário Esteves afirmara *não ser obrigatório* trazer a gravação, mas ele se defendeu lembrando-os de que afirmara *valer pontos*; uma lição a se tirar desta história é sempre apresentar as tarefas aos alunos como se fossem obrigatórias).

Como se mostrou regular em todas as aulas ministradas pelo estagiário Carvalho, os alunos iniciaram as atividades lendo um poema (neste caso, o poema *Criar*, de Agostinho Neto) – não leram muito bem, no entanto. Em seguida, deram início às reproduções de áudio: primeiro foi a vez de Maytê, que apresentou a riquíssima contação de histórias da sua avó (repleta de figuras de linguagem, expressividade na fala, onomatopeias etc.). Depois foi a vez de Pietra, com a história contada por sua mãe (previamente escrita e lida diante do gravador, como ficou evidente pelo uso de uma linguagem “formal demais” para a situação). Depois foi a vez de Renata, que apresentou a história contada por outra aluna do colégio. Por fim, foi a vez de João Gabriel, que apresentou a história narrada por uma amiga. Carvalho sistematizou e comparou todas as histórias no quadro, através de esquemas espontâneos e simples (retomara, para tanto, as características estudadas nas últimas aulas). Interessante notar: os alunos escolheram ficar na sala durante alguns minutos mais, passado o anúncio do fim da aula, apenas para escutar uma última história, tanto gostaram da atividade.

No dia primeiro de junho, tivemos as **aulas 15 e 16**. Gabriel Carvalho fizera a chamada e, como de praxe, coordenou a leitura coletiva de um poema (alguns alunos não tinham o texto e se sentaram com seus colegas). É interessante notar que a leitura coletiva revela os alunos que estão “animados” e aqueles que não estão. Depois da leitura do poema *Criar*, Carvalho entregara uma tabela de conjugação de verbos (para complementar os usos verbais que vinham sendo discutidos desde o começo de nosso estágio-docência) e o texto de Mia Couto, *Nas águas do tempo*, objetivo da aula. Algumas das cópias entregues aos alunos já traziam marcações indicando quem leria/interpretaria cada uma das três personagens (a seleção foi feita aleatoriamente). Como acontece quando o acaso é o juiz, cada aluno aceitou o seu papel. Depois da leitura, Carvalho coordenara uma discussão temática que tratava do “imaginário” presente no texto, sua mitologia e possíveis interpretações. Depois da discussão, Carvalho pediu aos alunos que, com a ajuda da tabela de verbos, circulassem alguns verbos no texto, a fim de lembrarem os usos especiais que cada tempo verbal pode ter (a maioria dos alunos fazia a atividade, mas muitos também ficaram dispersos).

Às 11h35min., Carvalho pediu aos alunos que fizessem um texto de dez a vinte linhas explicando, de acordo com um desenho esquemático retirado da obra de Massaud Moisés, as razões pelas quais considerávamos o texto *Nas águas do tempo* como *conto* (muitos reclamaram do tempo, embora ainda faltasse muito até o fim da aula, e muitos outros tinham dúvidas muito simples, já discutidas em aulas anteriores). Faltando cinco minutos para o término da aula, Gabriel informou os alunos de que começariam, na próxima aula, a escrita dos contos, mas como só tínhamos uma aula, pediu que começassem a escrevê-los em casa.

No dia dois de junho, tivemos a **aula 17**. Quando os alunos entraram na sala, Carvalho já havia escrito algumas instruções no quadro. Fez a chamada e, depois, os alunos realizaram a leitura de praxe (desta vez leram um poema de Murilo Mendes, *O desomem*). Por fim, seguiram o encaminhamento do cronograma: aqueles alunos que já haviam começado a escrita do conto em casa deram continuidade ao trabalho, enquanto aqueles que não o fizeram começaram a escrever em sala (Carvalho salientou mais uma vez que não precisavam respeitar todas as características descritas nas aulas anteriores como regras fixas, mas podiam considerá-las ou não de acordo com seus projetos de dizer particulares).

No dia 7 de junho, tivemos as **aulas 18 e 19**. Carvalho seguiu o cronograma, como nas aulas anteriores: depois de recitarem o poema de Murilo Mendes coletivamente, realizaram a leitura do conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, e empreenderam a mesma análise realizada nas aulas 15 e 16 (relacionando, inclusive, alguns pontos). Carvalho também entregara as atividades realizadas pelos alunos no dia primeiro de junho (a maioria ficou descontente com a nota, alegando que Carvalho havia sido demasiado severo em sua avaliação). Por fim, os alunos ouviram a música de Caetano Veloso, *A terceira margem do rio*.

No dia 8 de junho, tivemos as **aulas 20 e 21**. Carvalho ligara o computador assim que chegara, pois pretendia trabalhar, antes de retomar a produção dos contos, com algumas questões de análise linguística. Antes de qualquer outra coisa, todos os alunos realizaram a leitura coletiva do poema *O desomem*. Em seguida, Carvalho entregou as primeiras versões dos contos corrigidas aos alunos e deu início à apresentação dos slides que preparara (tratou, a partir deles, problemas e regras de acentuação) – interessante notar: os alunos participaram ativamente, comentando e dando exemplos. Às 11h35min., os alunos começaram a reescrever seus contos – alguns escreveram muito, outros quase nada (ou absolutamente nada). Muitos deles se ajudavam sugerindo ou complementando enredos (se divertiram, aparentemente, com a reescrita). Por fim, Carvalho

solicitou que os alunos se atentassem para a atividade da próxima aula: na sexta-feira, digitariam os contos em computadores e finalizariam a escrita (a fim de facilitar o trabalho e atender às demandas de alguns alunos, Carvalho permitiu que levassem seus contos para casa).

No dia 9 de junho, tivemos as aulas **22 e 23**. Como de praxe, os alunos primeiro leram um poema coletivamente (*Certos pequenos tiranos*, de Conceição Lima). Em seguida, Carvalho distribuiu uma versão impressa dos slides estudados na última aula e reapresentou, ponto a ponto, as regras de acentuação (com novos exemplos e dicas). Depois, fomos todos ao laboratório de informática, onde os alunos digitaram seus contos e enviaram ao estagiário Carvalho por e-mail (alguns não enviaram por alegarem não conseguirem escrever fora de casa, outros por estarem jogando nos computadores). A fim de ajudar os alunos, Carvalho permitiu que alguns entregassem com até um dia de atraso (valendo uma nota infimamente menor).

No dia 14 de junho, tivemos as aulas **24 e 25**. Como se tratava de aula de encerramento, toda a turma estava especialmente descontraída: depois de deslocados ao mini auditório amarelo, os alunos se sentaram num canto da sala, enquanto o estagiário Carvalho e a professora Maria Izabel organizavam o lanche da confraternização em outro. Tudo organizado, Carvalho abriu a página do blog da turma com o auxílio do retroprojeter. Todos os alunos presentes foram convidados a ler seus respectivos contos numa cadeira especial, posicionada no centro da sala, à frente de todas as outras. Um por um, leram (com exceção de alguns alunos que, por timidez, preferiram que um colega voluntário o fizesse por eles). Depois de lidos todos os contos dos alunos presentes, todos os alunos e professores se juntaram numa confraternização e, com agradecimentos, fotografias e sugestões ao fim, nos despedimos dos alunos da turma 1C.

4. VIVÊNCIAS NA ESCOLA

O período de estágio docência realizado no Colégio de Aplicação foi pautado por duas matrizes de aprendizado: a primeira correspondente à docência das aulas de língua portuguesa e, a segunda, aos encaminhamentos realizados nos dois conselhos de classe, os quais nos trouxeram uma melhor percepção das atividades docentes para além do ensino. Assim, no que se refere ao dia-a-dia da escola, nos foram cardeais os encontros e conversas com a professora de acessibilidade por nos orientar práticas docentes mais sensíveis e inclusivas para os alunos de necessidade especial, bem como com o movimento dialógico dos conselhos de classe, nos quais tanto os alunos, quanto os professores expuseram suas inquietações a respeito das aulas. Nesse sentido, portanto, percebemos que os aprendizados no estágio docência não se dão somente entre estagiários e alunos, mas sim com todo o ambiente escolar pautado na inclusão e no diálogo. É interessante destacar, no entanto, o caso anormal da terceira aula, realizada no dia 5 de maio, em que *faltou* diálogo entre as partes da escola: embora a palestra organizada pelos professores de geografia já estivesse planejada há dias, a coordenação falhou em comunicar os horários exatos aos professores e, no fim das contas, de cada pessoa obtínhamos uma resposta diferente.

O colégio de Aplicação, diferentemente de outros colégios, apresenta em seu escopo pedagógico dois **conselhos de classe**, os quais, respectivamente: o primeiro corresponde ao conselho de classe com os alunos, que é moderado por um professor regente, o qual organiza os momentos de fala tanto dos professores, quanto dos alunos. A característica norteadora desse conselho se dá em oportunizar aos alunos um encontro formalizado entre eles e seus professores, a fim de sugerir e atribuir valor às práticas pedagógicas até então desempenhadas tanto em aula, quanto no ambiente escolar. Contudo, diferentemente do segundo conselho de classe, o conselho de classe com os alunos também apresenta como característica distinta o anonimato dos professores, bem como das disciplinas, i.e., as críticas aos encaminhamentos pedagógicos devem ser direcionadas ao todo das aulas, sem nomear professores, bem como disciplinas, a fim de evitar possíveis respostas ou, no mais grave dos casos, desconfortos pessoais. Portanto, no que diz respeito ao conselho de classe com os alunos, podemos compreender que se dá como um encontro entre docentes e estudantes com o propósito de ouvir a posição do outro, de modo que tanto os alunos saibam em que precisam melhorar, quanto que os professores conheçam quais arestas devem apontar em seus encaminhamentos docentes e pedagógicos que, de alguma maneira, incomodam ou não surtem efeito desejado nos alunos. Outrossim, o segundo corresponde ao conselho de classe tradicional, o qual

também é moderado por um professor regente. Neste conselho, diferentemente do primeiro, há somente a participação dos professores, os quais reportam o desempenho individual de cada aluno em cada disciplina, reportando, desse modo, o andamento do aprendizado, o nível de atenção e dedicação, bem como suas atitudes em função do grupo, em outras palavras, de como a saúde emocional do estudante está frente às relações sociais do colégio.

Portanto, no que diz respeito ao conselho de classe com os alunos, podemos crer que representa uma opinião abrangente acerca dos encaminhamentos docentes e pedagógicos realizados pelos professores, bem como a críticas e comentários ao comportamento e ao aprendizado dos estudantes frente às disciplinas de um modo geral. Entretanto, ao passo que o conselho de classe com os alunos representa essa opinião geral sobre os conteúdos conceituais e dos conteúdos atitudinais dos estudantes, o conselho de classe tradicional é realizado somente pelos professores, onde cada um fornece descrição detalhada de cada aluno frente à cada disciplina, a fim de que os professores consigam entender onde e em quais assuntos os estudantes apresentam dificuldades, bem como facilidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de elaboração do relatório final de estágio docência, esforçamo-nos, primeiramente, em expandirmos nossas experiências e leituras tanto a nível cultural, quanto a nível teórico em se tratando de conteúdos fundantes os quais crivam o conto. Nesse sentido, a essa expansão de conhecimento anterior ao início das aulas, estão atrelados a pesquisa por autores e autoras africanos que contemplassem tanto produções de poemas, bem como de contos, para que pudéssemos apresentá-los em aula. Depois que consideramos termos suficientemente estudado os conteúdos que ministrariamos, buscamos inscrever as concepções discutidas na linguística, na teoria literária, bem como na filosofia às nuances específicas do grande saber literário africano em se tratando do conto, justamente, com o propósito de apresentar aos alunos não conteúdos fechados, estereotipados ou, inclusive, pré-moldados, mas que fossem abertos à *convocação ao pensar* (MIOTELLO, 2011) sobre questões de estilo, questões conceituais, questões literárias, assim como questões linguísticas.

Desse modo, acreditamos que o aprendizado dos alunos por meio da leitura e da análise dos contos propostos, apresentou frutos enriquecedores, os quais permitiram reflexões verticalizadas em relação aos aspectos centrais do conto, como unidade de tempo, unidade de espaço, verbos no pretérito imperfeito e perfeito etc.; bem como à interpretações subjetivas sobre passagens do conto e, inclusive, a comparações literárias e subjetivas em relação a elementos em comum presentes tanto em contos africanos, como em brasileiros. Destarte, julgamos o movimento de *conhecer para saber* nodal em se tratando de aulas de língua portuguesa, pois uma vez que os estudantes têm a possibilidade de conhecer, passam, caso lhes interesse, a querer saber cada vez mais.

Outrossim, tratando-se de *conhecer para saber*, percebemos um movimento importantíssimo para o aprendizado dos estudantes: a associação entre a cultura do grande mundo em contraponto com a cultura vernacular, justo porque uma vez que os estudantes entenderam as características principais que circulam na composição da escrita de conto, ao serem convidados a ouvir contos gravados por seus familiares, perceberam de modo evidente os elementos em comum entre um e outro. Ou seja, acreditamos que o aprendizado que constitui o *ser constituído* está não somente enraizado em um saber canônico, mas sim em diálogo constante entre o saber do grande mundo com o saber que está em nosso mundo. Então, é nesse sentido que julgamos o aprendizado como um movimento dialógico entre o microcosmos e o macrocosmos dos saberes de nossa sociedade. Ainda nesse sentido, concomitantemente às aulas, nós estivemos assim como os alunos em um processo de aprendizado e de constituição dialógica, pois visto que todas as turmas do Colégio de Aplicação

apresentam estudantes com algum nível de deficiência, seja mental, seja física, estivemos, portanto, diante dessa heterogeneidade a qual o percurso na Universidade não nos preparou e, por isso, dar aulas em turmas com alunos com deficiência nos possibilitou o aprendizado em pensar modos de avaliação distintos, os quais devem se mostrar inclusivos para com esses alunos. Isto é, aprendemos com os alunos, que uma sala heterogênea pressupõe métodos avaliativos inclusivos, assim como o constante olhar atencioso para o que é diferente.

Por fim, acreditamos que a disciplina de estágio docência, realizada no Colégio de Aplicação, desempenhou um papel extremamente significativo em nosso percurso docente, apresentando alunos empenhados, infraestrutura ímpar, bem como ambiente interpessoal favorável ao diálogo e ao aprendizado de novos métodos e encaminhamentos pedagógicos. Felizmente concluímos este período frutivo – embora árduo – da formação docente e esperamos que o futuro traga sempre novas alegrias e provações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Carta ao Dr. Jaguaribe*. 1865. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/JOSE_ALENCAR/IRACEMA/CARTA.HTML>. Acesso em: 25 Abr. 2017.

ARISTÓTELES. *Metafísica*: livros I, II e III. Tradução de Lucas Angioni. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução / Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. N. 1 (2002). Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002, 71 p.

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Questões de estilística no ensino de língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.

BARTHES, Roland. *Critique et vérité*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Método recepcional*. In: _____. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 81-99.

BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei no 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, 2000.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCNs+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 2002.

BRITTO, Percival Leme. *Inquietudes e desacordos*. Educação linguística, formação e emancipação. Editora: Mercado de Letras, 2012.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. *Ensino de língua portuguesa e inquietações teórico-metodológicas: os gêneros discursivos na aula de português e a aula (de português) como gênero discursivo*; Alfa, São Paulo, 2012.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. CHRAIM, Amanda Machado. PEDRALLI, Rosângela. LUZ, Vânia. KONRAD, Mariza. *Letramento: conceitos de interesse da alfabetização*. Texto complementar. Núcleo de estudos em Linguística Aplicada – NELA/DLLV/UFSC, 2012.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. DAGA, Aline Cassol. DIAS, Sabatha Catoia. *Intersubjetividade e intrasubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na educação básica*. Intersubjectivity and intrasubjectivity in the act of reading: the qualification of readers in basic education. Calidoscópico: vol. 12, n. 2 p. 226-238 maio/ago, 2014.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Poética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAYRELL, Juarez. Primeiros olhares sobre a escola. In: _____. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 136-161.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

FLORIANÓPOLIS. *Projeto Político Pedagógico* [do Colégio de Aplicação]: versão resumida. 2012.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Aula como acontecimento*. Editora: João e Pedro, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MENDES, Murilo. *Convergência*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

MIOTELLO, Valdemir. *O discurso da ética e a ética do discurso*. Cadernos da Escola do Legislativo, 2009.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

PORTELA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Coleção Biblioteca Tempo Universitário, v. 42, 1976.

PROPP, Vladimir. *Morphologie du Conte*. Paris: Seuil, 1970.

RIBAS, Óscar. *Ecos da minha terra: dramas angolanos*. Luanda: Lello, 19-.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística general*. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A., 1945.

SPENGLER, Oswald. *El hombre y la técnica*. Madrid: Espasa-Calpe, S. A., 1932.

STREET, Brian. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. Apresentado durante a teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade'. King's College, Londres, outubro, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1976.

VIEIRA, José Luandino. *Luanda*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

7. ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO
Disciplina: Língua Portuguesa
Professora regente: Nara Caetano Rodrigues
Professores estagiários: Gabriel Carvalho e Gabriel Esteves
1º ano C

QUESTIONÁRIO - ALUNOS

Olá! Como você já deve saber, somos alunos do curso de letras-português da Universidade Federal de Santa Catarina. Nós daremos, no próximo mês, início à etapa de docência, ou seja, seremos professores da sua turma por algumas semanas! É por conta disto que convidamos você a responder este breve questionário, a fim de que possamos nos conhecer melhor e elaborar atividades mais interessantes!

INFORMAÇÕES PESSOAIS

- | | |
|---|---|
| 1. Qual é sua idade?
_____. | 5. Qual meio de transporte você utiliza no percurso casa-escola-casa?
_____. |
| 2. Com qual gênero você se identifica?
<input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Homem
<input type="checkbox"/> Outro:_____. | 6. Você acha que seus pais ou responsáveis se interessam pelos seus estudos? Por quê?
_____. |
| 3. Onde você nasceu?
_____. | 7. Há quanto tempo você estuda no Colégio Aplicação (Ex.: há 3 anos; desde o 1º ano)?
_____. |
| 4. Em qual bairro você mora?
_____. | |

FAMÍLIA

8. Quantas pessoas moram com você?
 Mãe Pai 1 irmão(ã) 2 irmãos 3 irmãos +3 irmãos
 Tio(a) Avô(ó) Primo(a) Outros:_____.
9. Quantas e quais pessoas trabalham na sua casa? O que elas fazem?
_____.
10. Seus familiares leem? O que eles leem? Com que frequência?
_____.

INTERESSES PESSOAIS

11. O que você gosta de fazer no tempo livre? (Ex.: ambientes que frequenta, atividades, etc.)

_____.

12. Você gosta de ler?

- Muito! Mais ou menos Não muito Odeio

Justifique-se:

_____.

13. Qual foi o último livro que você leu? Se está lendo um atualmente, qual?

_____.

14. Quais tipos de suporte você utiliza para leitura?

- Livros meus/de casa/família Livros de conhecidos
 Gibis Livros de biblioteca
 Celular Computador
 Jornais/Revistas Outros:_____.

15. Com que frequência você lê textos nos suportes listados?

- Diariamente Quase diariamente Semanalmente
 Quinzenalmente Mensalmente Outro:_____.

16. Você tem computador em casa? Se sim, cite alguns sites que costuma frequentar. Você usa redes sociais?

_____.

17. Você usa o computador para fazer as atividades escolares? Que tipo de atividades? Você possui um endereço de e-mail?

_____.

18. Você tem livros em casa?

- Muitos Alguns Poucos Nenhum

19. Quais são os assuntos que, num livro, gibi, filme ou série mais interessam a você?
- | | | | | |
|-----------------------------------|---|-----------------------------------|-----------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Aventura | <input type="checkbox"/> Ação | <input type="checkbox"/> Romance | <input type="checkbox"/> Mistério | <input type="checkbox"/> Investigação |
| <input type="checkbox"/> Suspense | <input type="checkbox"/> Terror | <input type="checkbox"/> Policial | <input type="checkbox"/> Política | <input type="checkbox"/> Ficção Científica |
| <input type="checkbox"/> Drama | <input type="checkbox"/> Outros: _____. | | | |

20. Você gosta de escrever? Se sim, que tipo de textos você escreve? Se não, por que não?

21. Você gosta de poesia? Se sim, por quê?

22. Você trabalha? Se sim, o que você faz?

23. Você pretende exercer qual profissão no futuro? Você sabe o que é necessário para exercê-la?

24. Você pretende continuar estudando depois de concluir o ensino médio? Se sim, você pretende fazer um curso universitário? Ele é relacionado à profissão que você pretende exercer?

25. Que gênero musical ou artista você mais gosta de ouvir?

AULAS

26. Qual é sua matéria preferida na escola? Por quê?

27. Do que você **mais** gosta nas aulas de Língua Portuguesa?

28. Do que você **menos** gosta nas aulas de Língua Portuguesa?

29. O que você espera aprender nas aulas de Língua Portuguesa?

30. Deixe aqui seus comentários e/ou sugestões:

Muito obrigado pela participação!



ANEXO 2 – TERMOS DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 704069

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional, Alexandre Guilherme Lenzi De Oliveira, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Jose Ernesto De Vargas, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Gabriel Esteves, CPF 230.650.258-76, telefone 4833690524, e-mail gabrielesteves@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 13102445 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|--|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MEN7002. | Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração. |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação - UFSC, de 13/03/2017 a 16/06/2017, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Nara Caetano Rodrigues (499.353.720-49). | Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 8 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01.82.0000694 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02). | Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| | Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 704069

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

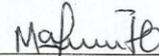
Local e Data:

Florianópolis, 15 de março de 2017.


Gabriel Esteves - Estagiário


Alexandre Guilherme Lenzi De Oliveira - Diretor(a) do DIP - PROGRAD - UFSC


Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC


Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)


Nara Caetano Rodrigues - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 704069 - Gerado pelo SIARE em 13/03/2017 às 12:15:10 hs.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88020-000
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9294 | www.ufsc.br/integracao | integracao@proreitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 703536

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional, Alexandre Guilherme Lenz De Oliveira, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) José Ernesto De Vargas, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.909.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Gabriel Egermann De Carvalho, CPF 432.021.318-18, telefone 4894899563, e-mail ge.woof@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 13103753 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/06, da Resolução 009/Cun/06 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), vinculado à disciplina MENT002.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Boruss Hertz, de área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação - UFSC, de 13/03/2017 a 16/06/2017, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Nara Caetano Rodrigues (499.353.725-49).</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01.82.0000694 da seguradora Geia Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do mesmo, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 5 dias de férias, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observado os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo, condicionar-se com ética profissional, respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 703536

Durante a vigência do TCE, o(a) estagiário(a) desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano - Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elevação dos planos de aula aplicados à realidade presente; estágio de docência; avaliação de concepções dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de procedimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data

Florianópolis, 11 de dezembro de 2017

Gabriel Egermann De Carvalho - Estagiário

Alexandre Guilherme Lenz De Oliveira - Diretor(a) do DIF - PROGRAD - UFSC

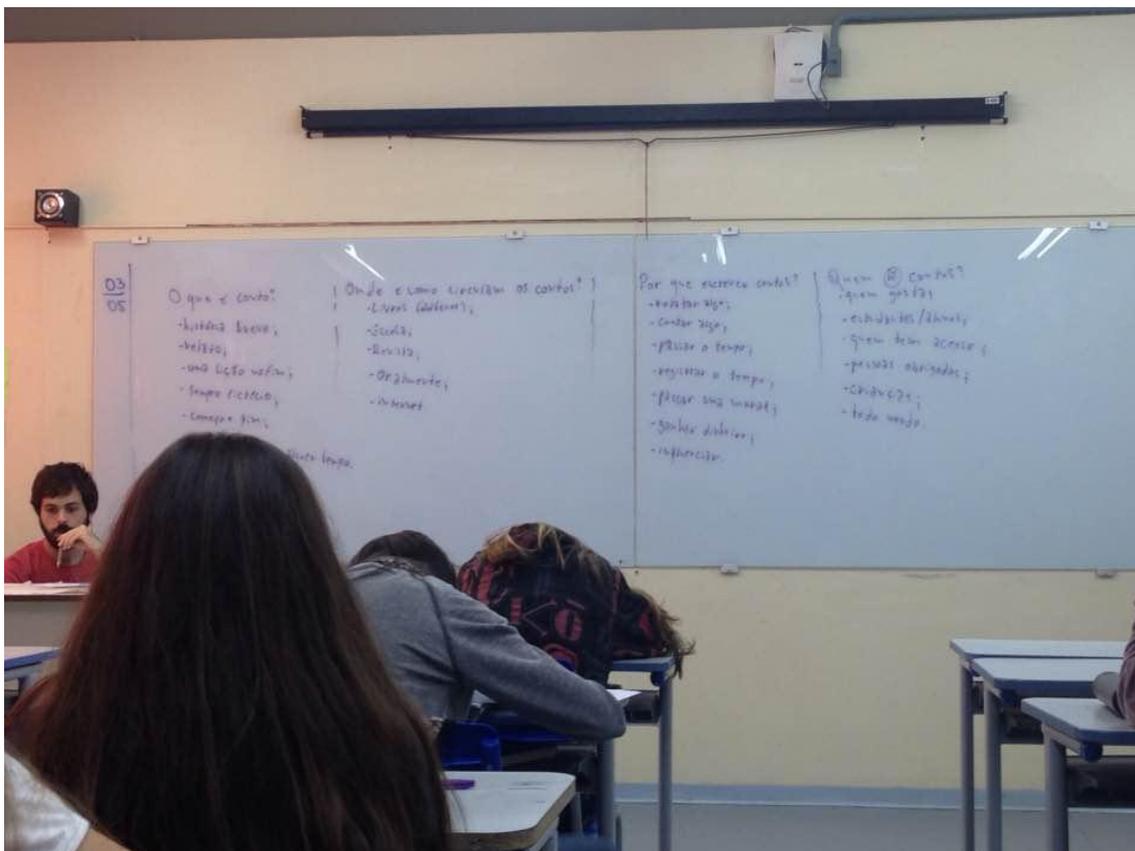
José Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

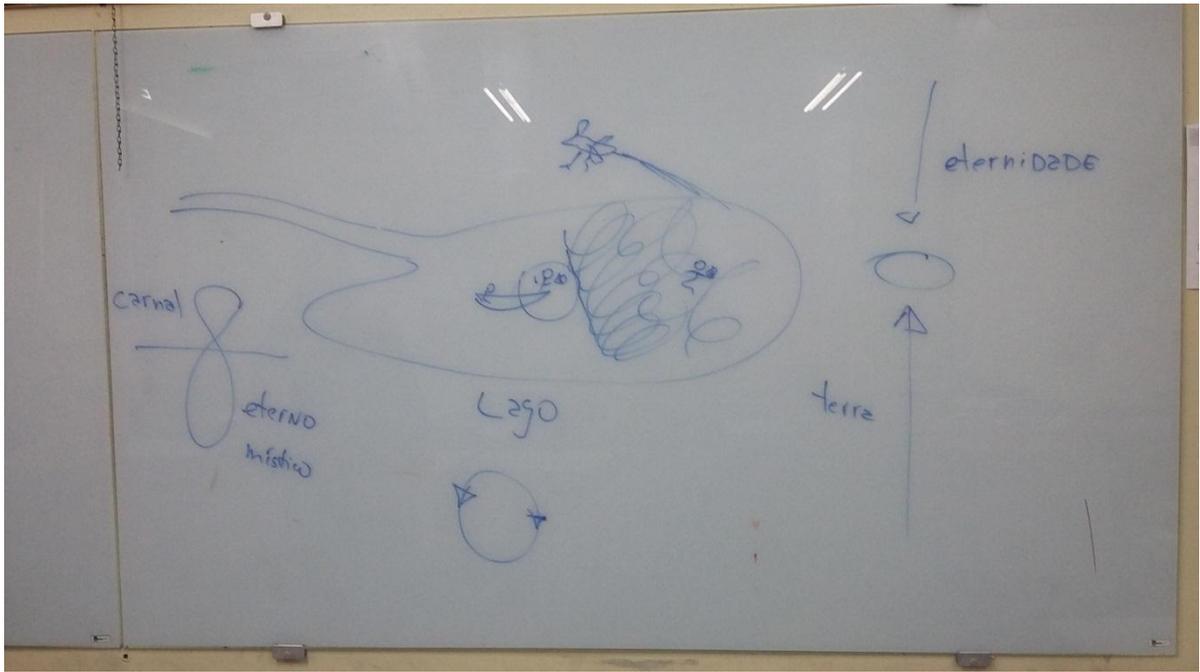
Maria Izabel De Boruss Hertz - Prof.(a) Orientador(a)

Nara Caetano Rodrigues - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 703536 - Criado pelo SIARE em 13/03/2017 às 07:07:27 hs.

ANEXO 3 – ESTAGIÁRIOS EM AULA E EXEMPLO DE SISTEMATIZAÇÃO NO QUADRO





memória 6 Bango à Mussungu

- subjetiva;	- objetivo;	ob - jacio
- pessoal;	- impessoal;	sub - jacio
- 1.ª p.;	- 3.ª p.;	
- imperfeito;	- perfeito e imperfeito.	

havia uma s. rafa. ele era dharrá @ a s. rafa fonte

De repente, 2 girafa deu um mortal.

Literatura da noite / formação das pessoas - arquétipo

Pretérito
↳ perfeito
↳ imperfeito